O ESTADO DE S. PAULO

FUNDADO EM 1875
JULIO MESQUITA (1862—1927)

Sábado 1 de JANEIRO de 2022 • R$ 5,00 • Ano 142 • Nº 46827
estadão.com.br

Fim de semana

WILTON JUNIOR / ESTADÃO

C2 __ C1

Samba raiz

CD de Tia Surica faz homenagem a compositor da Portela

BEM-ESTAR __ C2 e C3

Energia renovada dentro de casa

Feng Shui é mais que mudança de móveis

E&N __ B8

Cuidado com sua conta no Instagram

Saiba como agir contra golpistas

Caderno especial __ H1 a H20

Oportunidades e riscos de 2022: da política à tecnologia, um ano de definição

__ Eleição, pandemia, Copa, 5G: o que esperar do País no bicentenário da Independência

O Brasil chega a 2022 com cenário de incertezas na economia, a pandemia que não cessa e aumento da desigualdade. É o ano em que se espera uma eleição agressiva, mas também em que o País vai contar os dias para a Copa do Mundo. Entre os imensos desafios estão estancar o déficit na educação e preservar o meio ambiente, com o compromisso de zerar o desmatamento da Amazônia. O mundo assistirá a mais embates entre populismo e democracia em diversos países. No Brasil, a expectativa para bons ventos vem de uma nova era na tecnologia, com o 5G, do turismo, da cultura e da gastronomia. Todos esses temas estão retratados no caderno especial sobre 2022.

ILUSTRAÇÃO FARRELL

Independência __ H20

Muito a questionar nesses 200 anos

José Murilo de Carvalho

Olhando para a frente, podemos nos perguntar se ainda somos capazes de formar uma sociedade includente.

TIAGO QUEIROZ/ESTADÃO

Na volta da São Silvestre, etíope supera brasileiro no fim

Daniel do Nascimento chega 15 segundos atrás de Belay Bezabh, vencedor no retorno da corrida após cancelamento em 2020; na prova feminina, venceu a queniana Sandrafelis Chebet __ A15

Política __ H2 e H3

Eleição traz chance de País reavaliar suas escolhas

Economia __ H4 e H5

Estagnação e instabilidade devem marcar novo ano

Ciência __ H10 e H11

Objetivo é debelar Ômicron e impedir novas variantes

Educação __ H14

É urgente recuperar o que alunos deixaram de aprender

Esportes __ H15

Seleção precisa fortalecer ensaios e reduzir improvisos

Paladar __ H19

Tendência é de investimento em restaurantes sustentáveis

Ensino superior __ A11

Bolsonaro perdoa até 92% da dívida do Fies para aluno de baixa renda

MP permite regularizar 900 mil contratos firmados até o segundo semestre de 2017 com débitos não pagos.

Notas e Informações __ A3

A responsabilidade do País

O ano de 2022 é desafiador. O País será capaz de enfrentar seus problemas?

A 'contrarrevolução democrática'

E&N Economia __ B1

Inflação de 2021 pressiona alta de preço no início do ano

Congresso __ A8

Com Lira, governo fecha ano com 74% de apoio na Câmara

Pandemia __ A9

África do Sul dá sinais de ter passado pico da Ômicron

Edição de hoje
4 CADERNOS – 56 páginas

Caderno A. Opinião, Política, Internacional, Metrópole, Saúde, Esportes, A fundo, Para fechar...
E&N. Destacar Economia & Negócios

C2. Cultura & Comportamento
BE. Bem-estar

Caderno Especial

Tempo em SP
18° Mín. 26° Máx.

ISSN - 1516-2931

ALBERTO BOMBIG
TWITTER: @COLUNADOESTADAO
COLUNADOESTADAO@ESTADAO.COM
POLITICA.ESTADAO.COM.BR/BLOGS/COLUNA-DO-ESTADAO/

Coluna do Estadão

Desejo do PSDB-SP de lançar candidato ao Senado cria entrave para Garcia

Enquanto Rodrigo Garcia avança na montagem de uma ampla aliança em torno de sua candidatura a governador de São Paulo, cresce no PSDB paulista a ideia de lançar um tucano para o Senado, o que estreitaria a margem de manobra do atual vice nas negociações com potenciais aliados. Para deixar claro essa disposição, o próprio presidente do PSDB-SP, Marco Vinholi, tem se movimentado nos bastidores para ser o candidato do partido ao Senado. Além dele, o senador José Serra, que encerrará seu mandato neste ano (e, óbvio, tem prioridade na fila), José Aníbal, Fernando Alfredo e Joice Hasselmann também querem a vaga. Sem consenso, os tucanos, de novo, falam em realizar "prévias".

● **FALTAM VAGAS.** Garcia e o União Brasil assumiram compromisso de estarem juntos na eleição. Ele também conversa com o MDB. Esses dois partidos, porém, gostariam de indicar o candidato a vice na chapa ou, quem sabe, ao Senado...

● **DOBRADINHAS.** Apesar de o nome de Joice Hasselmann ser cotado para o Senado, ela assumiu compromisso de apoiar o apresentador José Luiz Datena caso ele decida disputar vaga no Salão Azul. Fernando Alfredo, presidente do PSDB paulistano, também estaria disposto a fechar com Marco Vinholi.

● **LUZ.** Também pré-candidato ao Palácio dos Bandeirantes, Vinícius Poit lançou uma ideia, abraçada por seu partido, o Novo: o governo federal poderia conceder crédito extraordinário para a Bahia e depois abater o valor do Fundo Eleitoral. Felipe d'Avila já fez vídeo defendendo o projeto.

● **PELA ORDEM.** Simone Tebet (MDB-MS), pré-candidata ao Planalto, afirma não estar com pressa na escolha de um economista para compor sua equipe. Segundo a senadora, é preciso primeiro "desenhar um planejamento". Adversários dela já montaram seus times.

● **UMA COISA DE CADA VEZ.** "Economista fornece porta de saída para os problemas que lhe são apresentados", disse Tebet à *Coluna*. Apesar da aparente calma, ela tem mantido conversas. Entre os interlocutores está João Camargo, chefe da Genial Investimentos.

● **DOMINADO.** Nos preparativos para a disputa presencial deste ano, a pré-campanha da senadora foi surpreendida na última semana de 2021 ao tentar registrar na internet o domínio simonetebet2022.com.br. O endereço, mesmo sendo bem específico, já estava em nome de outra pessoa.

SINAIS PARTICULARES

por Kleber Sales

Sérgio Moro,
presidenciável do Podemos

● **RETROSPECTIVA.** A *Coluna* relembra nesta virada de ano as melhores ilustrações publicadas em 2021 com os pré-candidatos ao Planalto. Hoje é a vez de Sérgio Moro (Podemos).

● **'RIEN DE RIEN'.** O ex-juiz e ex-ministro tem sido alvo de petistas e bolsonaristas por sua atuação pregressa, no Judiciário ou na pasta da Justiça. Em abril, ele já tentava se blindar: gravou vídeo citando Édith Piaf e deixando claro que não se arrependia de nada.

COM CAMILA TURTELLI E MATHEUS LARA. COLABOROU PEDRO VENCESLAU.

PRONTO, FALEI!

Kim Kataguiri
Deputado federal (DEM-SP)

"Que em 2022 o brasileiro tenha memória de elefante para se lembrar do petrolão ao tratoraço e que rejeite o petismo e o bolsonarismo, faces da mesma moeda"

CLICK

COLUNA DO ESTADÃO

Izalci Lucas
Senador (PSDB-DF)

Pré-candidato no Distrito Federal enviou aos seus contatos vídeo de fim de ano onde considera a vacinação uma das grandes conquistas de 2021.

O ESTADO DE S. PAULO
Publicado desde 1875

NOTAS E INFORMAÇÕES

A responsabilidade do País

O ano de 2022 é desafiador. O País será capaz de enfrentar responsavelmente os seus problemas? Talvez o grande perigo seja repetir erros do passado, insistindo em opções populistas

Ano Novo é tempo de esperança: de olhar para a frente com otimismo, aprendendo com os erros do passado e renovando os melhores sonhos para o futuro. Essa dinâmica pode ser aplicada não apenas na vida pessoal e familiar, mas também nos rumos do País. E aqui o prognóstico brota imediatamente: 2022 será um ano de grandes desafios, seja pela gravidade da crise social e econômica – há muitos brasileiros passando fome –, seja pelas decisões que a população terá de tomar nas eleições do segundo semestre.

Neste ano, muita coisa está em jogo. Não é tanto saber se o próximo governo será de esquerda ou de direita ou se qual parcela da população ficará contente com o resultado eleitoral. O tema é muito mais grave. O País será capaz de enfrentar responsavelmente os seus problemas, tanto os de curto prazo, como os de médio e longo prazos? A sociedade brasileira será capaz de dar em 2022 os passos necessários para enfrentar, de forma prioritária e responsável, a fome, a miséria, a falta de oportunidades educativas e profissionais para tantos jovens, o desemprego que assola tantas famílias?

Os últimos dois anos foram especialmente difíceis. A pandemia de covid-19 tirou muitas vidas, impôs enormes restrições econômicas e agravou questões sociais antigas, em especial reforçou desigualdades e multiplicou vulnerabilidades. Junto a isso, e de forma ainda mais desanimadora – pois a atuação federal podia ter sido muito diferente –, o presidente Jair Bolsonaro esbanjou irresponsabilidade, negacionismo e absoluta incapacidade de governar.

Para piorar, o Legislativo foi muitas vezes conivente com o desequilíbrio do Executivo federal, além de se aproveitar da falta de rumo do governo para fazer prevalecer interesses e modos pouco republicanos. O orçamento secreto, em meio a uma pandemia – quando a ação estatal deveria ser ainda mais transparente e mais informada por critérios técnicos –, é sintoma paradigmático de um cenário que guarda poucas razões para o otimismo.

Além disso, não se deve esquecer que esse Executivo e esse Legislativo – que trouxeram tanta desesperança nos últimos tempos – foram eleitos precisamente no pleito de 2018, marcado pelo desejo de mudança e renovação por parte do eleitor. Ou seja, o cenário é, sem nenhum exagero, profundamente desafiador. Abundam os motivos para a frustração com a política, as condições sociais e econômicas são especialmente adversas e, diante de tudo isso, o eleitor será instado a escolher os rumos do País.

Nessa situação, talvez o principal perigo seja repetir os erros do passado, insistindo em opções populistas que, em vez de oferecerem novas propostas e caminhos, reafirmam justamente as escolhas que gestaram a atual crise. O bolsonarismo não foi solução para o lulopetismo. Basta ver que Jair Bolsonaro tentou, tal como fez o PT, "ocupar" com seus seguidores a máquina pública, sua rigorosa inaptidão para melhorar a eficiência estatal e seu interesse exclusivo, desde que chegou ao Palácio do Planalto, pela questão eleitoral. Da mesma forma, o lulopetismo não é solução para o bolsonarismo.

Lula e Bolsonaro têm muitas diferenças, mas possuem uma radical semelhança: os dois são parte do problema, tendo contribuído, cada um a seu modo, para a atual crise social, econômica, política, cívica e moral. Um dos aspectos mais perversos da similaridade de entre Lula e Bolsonaro é o modo como tratam as classes mais pobres. Uma vez que medem tudo pelo interesse eleitoral, a vulnerabilidade social, em vez de ser enfrentada responsavelmente, é usada como oportunidade eleitoreira. Para os populistas, a autonomia do cidadão é obstáculo para a instauração do seu projeto de poder.

Em 2022, o País tem o desafio de enfrentar responsavelmente o drama social e econômico que recai sobre boa parte da população. Em vez de cabresto político, a pobreza deve ser o grande estímulo para políticas públicas responsáveis. É hora de cuidar generosamente dos mais vulneráveis, é hora de construir soluções efetivas e sustentáveis. Basta de retrocesso.●

A 'contrarrevolução democrática'

A nossa geração tem o desafio de organizar uma estrutura da comunicação digital que seja compatível com a democracia

No fim dos anos 90 era comum ler articulistas entusiasmados com o formidável potencial da rede digital de turbinar a democratização da informação e a participação democrática. Duas décadas depois, há amplas evidências de agentes políticos manipulando eleições por meio de instrumentos algorítmicos de publicidade das redes sociais, como mensagens subliminares, microestímulos psicológicos ou ferramentas de recompensas e punições em tempo real. Computando traços de personalidade, disposições comportamentais, interesses, preocupações e vulnerabilidades, mecanismos de Inteligência Artificial podem, por exemplo, identificar prováveis eleitores de adversários políticos e bombardeá-los com conteúdo tóxico projetado para dissuadi-los de ir às urnas.

Os mecanismos para provocar essas e outras mudanças comportamentais em escala massiva foram forjados pelo novo sistema econômico que Shoshana Zuboff, uma das principais pesquisadoras da Era da Informação, denominou "Capitalismo de Vigilância". Ele mantém elementos do capitalismo tradicional – como propriedade privada, trocas comerciais e lucros –, mas que só são concretizados através de relações de vigilância. Experiências humanas outrora consideradas privadas são computadas, armazenadas como propriedade privada e codificadas em dados comportamentais originariamente manipulados a serviço de interesses comerciais, mas cada vez mais como arsenais de guerras políticas ou culturais.

"Nossos espaços de informação e comunicação como um projeto de mercado são um experimento social fracassado, e esse experimento deixou um rastro de destroços sociais", disse Zuboff, em seminário do Instituto FHC. "Entre esses destroços vemos a completa destruição da privacidade, a anulação de direitos fundamentais, a intensificação da desigualdade social, o envenenamento do discurso social, sociedades divididas, normas sociais demolidas e instituições democráticas enfraquecidas."

Há um século as democracias forjaram leis para quebrar concentrações de poder econômico que vulneravam trabalhadores e consumidores. Mas essas leis não são capazes de proteger as sociedades contemporâneas da economia de vigilância digital. O poder das Big Techs não é primariamente econômico, mas social. Seus danos não estão restritos à cadeia econômica de trabalhadores e consumidores, mas a uma nova categoria humana, os "usuários", ou seja, todos nós, a todo tempo, em todo lugar.

Em uma civilização da informação, diz Zuboff, os princípios da ordem social derivam de três questões cruciais, sobre o conhecimento, a autoridade sobre o conhecimento e o poder que sustenta essa autoridade: 1) quem conhece?; 2) quem escolhe quem conhece?; e 3) quem escolhe quem escolhe quem conhece? "As gigantes tecnológicas detêm a resposta a cada uma dessas perguntas, embora não as tenhamos eleito para governar."

As democracias enfrentam uma questão fundamental: como estruturar, organizar e governar a informação e a infraestrutura de comunicação de modo que elas sejam não só compatíveis com a democracia, mas a fortaleçam? Para respondê-la, ao menos quatro desafios precisarão ser encarados de frente: a atualização das leis antimonopólio; o modelo de negócios das gigantes digitais fundado no armazenamento e manipulação de dados pessoais; o seu poder de controle da informação e censura; e o seu alcance sobre jovens e crianças.

Não há soluções pré-fabricadas para esses desafios, e é bom que assim seja, porque elas precisarão ser forjadas no crisol do debate democrático e em suas instâncias de representação política. O desafio é ainda maior quando se considera que a revolução digital é transnacional, e, tal como com as mudanças climáticas, só um esforço global coordenado poderá conduzi-la aos fins esperados.

"A democracia é a única ordem institucional com autoridade legítima para mudar nossos rumos", ponderou Zuboff. "Para que o ideal do autogoverno humano sobreviva ao século digital, então todas as soluções apontam para uma solução: uma contrarrevolução democrática."●

ESPAÇO ABERTO

Desordem e regresso?

Bolívar Lamounier

Tenho procurado, mas ainda não encontrei alguém tranquilo quanto à disputa presidencial em que nos iremos engajar dentro de dez meses.

Não tendo a "terceira via" até agora dito a que veio (ou virá), o enredo será igual ao de 2018. Teremos Lula pintando Bolsonaro como um desequilibrado, Bolsonaro pintando Lula como ladrão e milhões de brasileiros concordando em que ambos estarão certos. Nesse quadro, só os muito obtusos não percebem quão escassa é a chance de conservarmos o que nos resta de normalidade econômica, política e moral.

Relembremos que, décadas atrás – com mistificações ideológicas recobrindo um tênue fundo de verdade –, quisemos crer que nossa linha evolutiva seria mais no sentido da civilização que no da barbárie. Euclides da Cunha quis acreditar que éramos um país fadado a se civilizar. Que, no longo prazo, nosso destino seria um convívio político pacífico, não um país resvalando para a rispidez e a violência; para a ordem e o progresso, não para a desordem e o regresso. Hoje, se tivermos juízo, devemos olhar para trás com tristeza e para a frente com preocupação, muita preocupação, porque outra rodada de Lula x Bolsonaro, com certeza, nos manterá afundados no atraso por muitos anos, talvez décadas.

A afirmação acima não é arbitrária. Não resulta de uma incorrigível propensão ao cassandrismo. Resulta da simples constatação de que não foram processos culturais espontâneos, uma microtrama social que mal chegamos a compreender, o que nos fez sair dos trilhos. Foi uma espantosa sequência de desatinos perpetrados pelos principais líderes políticos, como tratarei de exemplificar em seguida.

Em 1930, ao chegar ao Rio de Janeiro, Getúlio Vargas com certeza revivara os escaninhos de sua mente em busca de uma imagem do poder que acabara de conquistar pela força, e logo se encantou com a cena dos cavalos gaúchos apascentando-se ao redor do obelisco. A ideia do "mando", ali à sua frente, bem concreta, deve ter lhe parecido mais palatável que a de reinstalar imediatamente as abstrações de um Estado constitucional. Procrastinando o retorno do País à normalidade jurídica, instigou São Paulo à luta armada e, pior, deixou entrever um veio profundo de sua índole política. Estava plantada nossa primeira polarização. A divisão do País em duas partes rancorosas.

> *Outra rodada de Lula x Bolsonaro, com certeza, nos manterá afundados no atraso por muitos anos, talvez décadas*

Em novembro de 1937, valendo-se da popularidade que granjeara ao suprimir a intentona comunista, Getúlio decretou o autogolpe, outorgou uma Constituição de brincadeirinha e saiu calmamente para um jantar na embaixada da Argentina. Em 1948, indagado pelo jornalista Samuel Wainer sobre o papel que esperava desempenhar na eleição presidencial de 1950, ele respondeu: "Voltarei, mas não como político. Voltarei como líder de massas". Tal frase dispensa interpretação. Aí está dito, com todas as letras, que a imagem dos cavalos ao redor do Obelisco não lhe saíra da cabeça; sagrado pelas urnas, não hesitaria em atropelar as instituições.

Ocorre que, uma vez rompido o fio invisível da normalidade política, a contraposição não tarda a se manifestar. Investindo-se de imediato na posição de contraponto antigetulista, Carlos Lacerda replicou com estardalhaço em seu jornal: "O sr. Getúlio Vargas não deve se candidatar à presidência da República. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve ser empossado. Empossado, devemos fazer de tudo para derrubá-lo".

O que acima vai dito e mais o onipresente veneno da guerra fria são suficientes para relembrar os anos 50 do século passado.

Em 1961, o desmiolado Jânio Quadros renunciou à suprema magistratura, nutrindo a fantasia de que voltaria nos braços do povo, livre das amarras constitucionais. Ficou dependurado numa teia de aranha, mas o resultado de sua loucura, como sabemos, foi outro desatino: o veto de uma parte das Forças Armadas à posse de João Goulart, legitimamente eleito como vice-presidente. O espectro da guerra civil foi afastado por uma fórmula parlamentarista moderada, a ser submetida a plebiscito em 1965. Inconformado com as diáfanas restrições a que o parlamentarismo supostamente o submetia, Goulart manobrou dia sim e outro também para se livrar dela, antecipando o plebiscito para janeiro de 1963, no qual teve êxito. Desfeita, assim, a conciliação de 1961, Jango deixou-se encantar pela sugestão que lhe levaram alguns conselheiros: plenamente reintegrado na função presidencial, cumpria-lhe dar uma satisfação ao País. Essa foi a origem das reformas sem pé nem cabeça que tentou pôr em prática, radicalizando outra vez o quadro político.

Essa cascata de desvarios levou ao golpe militar que durou 21 anos e do qual só conseguimos sair graças à ação de líderes moderados e hábeis. Em seguida, o governo Fernando Henrique operou o milagre de controlar uma superinflação que já durava 33 anos. A transição para o governo Lula foi ordeira, tranquila e racional. Mas Lula, como sabemos, é uma mescla de dr. Jekyll e mr. Hyde; Bolsonaro é o que é. Esta, caros leitores e leitoras, é a passarela. Deixemos a banda passar. ●

SÓCIO-DIRETOR DA AUGURIUM CONSULTORIA, É MEMBRO DAS ACADEMIAS PAULISTA DE LETRAS E BRASILEIRA DE CIÊNCIAS

FÓRUM DOS LEITORES

2022

O que nos espera

O ano eleitoral nos faz refletir sobre o que nos aguarda neste 2022. Bolsonaro, aquele que sai de férias e não se abala com a tragédia causada pelas chuvas na Bahia, muito menos com mais de 600 mil mortos pela pandemia de covid-19, participará de algum debate com seus adversários? Quanto gastará neste seu único projeto? Lula, cujas pesquisas vaticinam ser provável ganhador, terá algo de concreto a mostrar ao eleitor ou seguirá repetindo seu enfadonho mantra de que nunca antes dele houve melhor presidente? Mensalão lembra alguma coisa? Candidatos da terceira via seriam capazes de retirar suas candidaturas em prol daquele com melhores chances de vencer, num gesto de grandeza e união? São muitas as incógnitas. Como votar e a forma de o cidadão exercer seu direito político, a esperança será de que faça uma escolha racional, não pensada com o Auxílio Brasil no bolso, como acreditam políticos. Que todos os brasileiros pudessem compartilhar das alegrias de um ano novo seria o melhor desempenho a ser atingido pelo País.

Sergio Holl Lara
jrmholl.idt@terra.com.br
Indaiatuba

Olhos abertos em 2022

O artigo *Não há mais como abrir os olhos*, de Eugênio Bucci (30/12, A5), aplica-se como uma luva ao presidente Bolsonaro. Como a personagem do filme *Não olhe para cima*, a fictícia presidente dos EUA, Bolsonaro não disfarça o seu enfado para tratar de temas como a pandemia e a desgraça que atinge a população da Bahia. Dispensar a ajuda humanitária da Argentina foi a forma que ele encontrou de reduzir a tragédia baiana a ponto de não justificar a interrupção do seu ócio no Sul do País. Não há como esquecer isso em 2022.

Nilson Otávio de Oliveira
noo@uol.com.br
São Paulo

Peste

Excelente a síntese feita pelo jornalista Eugênio Bucci sobre o inquietante filme *Não olhe para cima* (**Estado**, 30/12, A5). Só faltou enfatizar mais algo que, para mim, está na raiz destas mazelas: a incapacidade (ou falta de vontade ou de condições) de comunicar mensagens que requerem algum grau de reflexão. Em todos os níveis, prevalece a máxima de que "menos é mais". Isso leva a reducionismo e superficialidade e faz com que as mensagens tenham valor não por seu conteúdo ou fundamentação, mas por sua atratividade e conveniência. Apaga a diferença entre ciência e opiniões. É o caldo de cultura em que prosperam as *fake news* e o negacionismo. Muito preocupante é ver que isso acontece no nosso dia a dia, tanto pessoal como profissional. Como nos vacinaremos contra essa peste?

Aron Belinky
abelinky@gmail.com
São Paulo

Brasil

Cicatrizes sangradas

A banalização é, por vezes, tão prejudicial quanto a radicalização. É isso que pontua com maestria o artigo *O Brasil não é um país nazista*, de Alberto David Klein (29/12, A4). De forma inconsequente, expressões como nazismo e fascismo são empregadas para definir circunstâncias nacionais que, embora terríveis, não se comparam ao pior momento da humanidade no século passado. Cicatrizes na história humana são sangradas por leviandade daqueles que tentam fazer caricaturas de nossa realidade. Sim, o Brasil também tem imensos problemas. Mas não cabe comparação com o que sofreram judeus e todos aqueles que alguns decidiram discriminar e perseguir. Coloque a mão na consciência todo aquele que, político ou não, se apropria de palavras que têm literal significado para as verdadeiras vítimas e seus descendentes. Cumprimento o **Estadão** por nos proporcionar mais uma imprescindível reflexão.

Basilio Jafet
presidencia@secovi.com.br
São Paulo

Respeito à verdade

O artigo de Alberto David Klein é excelente e extremamente lúcido. O Brasil não é sequer uma ditadura de direita, como não o foi de esquerda. Há uma confusão generalizada sobre o que é uma ditadura. Mais ainda, faltam discernimento e respeito à verdade histórica, quando se englobam termos como nazismo, fascismo e holocausto no contexto da triste realidade política do Brasil atual. Quantas ditaduras e semiditaduras poluem nosso planeta neste momento? De Erdogan a Maduro, passando por Assad, Putin e dezenas de outras. E nem elas podem ser catalogadas como nazistas ou genocidas, embora sejam mais nefastas ainda que a nossa fragilizada democracia.

Irene G. Freudenheim
irene.margarete@terra.com.br
São Paulo

ESPAÇO ABERTO

Alvissareira

Miguel Reale Júnior

É muito bom começar o ano lendo notícias boas. Então vamos a elas.

O presidente da República reconduziu à presidência do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) o professor que o presidira, demitido por não se aceitarem as medições das queimadas na Amazônia apresentadas pelo instituto. Foi este ilustre físico homenageado pela prestigiosa revista *Nature* como um dos mais importantes cientistas do ano de 2019, tendo sido este mais um motivo para sua recondução.

Por falar em meio ambiente, o presidente da República restaurou no Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) sua anterior constituição, desfeita pelo Decreto n.º 9.806, de 28 de maio de 2020, que estabelecera uma maioria de representantes do governo no conselho, para agora garantir, como dantes, a presença equilibrada, na composição do órgão, da sociedade civil, do poder público e do setor econômico, restabelecendo a democracia participativa essencial ao nosso mundo plural.

Outra medida merecedora de nota está na reedição das resoluções que haviam sido revogadas (Resoluções Conama n.º 303/2002, n.º 302/2002 e n.º 284/2001) e garantiam a preservação de áreas de restinga e manguezais e de entornos de reservatórios d'água e que disciplinavam o licenciamento ambiental para projetos de irrigação. A manutenção dos criatórios estará assegurada.

Além do mais, houve a decisão de reforçar significativamente tanto as Brigadas Indígenas que previnem e combatem incêndios florestais nas terras indígenas, especializadas em enfrentar alto risco de fogo, como as Brigadas Federais contratadas pelo Ibama para atuar não só na Amazônia, como também no Cerrado, na Caatinga e no Pantanal. Isso decorre da convicção, quase evidente, das consequências climáticas causadas pelas queimadas e pela destruição da floresta e das vegetações nativas de outros biomas. Soube-se que haverá ação conjunta de ministérios e governos estaduais na prevenção e repressão dura aos desmatamentos e incêndios, mormente na região amazônica.

Haverá, da parte do Ministério da Justiça e da Funai, ação conjunta com a entidade Articulação dos Povos Indígenas do Brasil para agir em proteção das populações indígenas, em especial a Ianomâmi, em face de invasores que destroem a mata e poluem os rios com mercúrio ao minerar.

A Secretaria Nacional de Segurança Pública e o Ministério da Justiça realizam reunião com os secretários de Segurança dos Estados para firmar convênio visando à adoção de câmeras pessoais pelos soldados e investigadores em suas ações policiais. Estará em pauta, também, a inclusão no currículo de formação da disciplina de direitos humanos, para que as ações preventivas e repressivas atendam aos interesses de proteção da incolumidade da sociedade, sem abusos que comprometam a imagem da polícia. A repressão ao trabalho escravo, carente de pessoal, será reforçada.

> **Boas notícias poderão ser as do dia 1.º de janeiro de 2023 no Brasil, obviamente, se não votar em Bolsonaro**

O Ministério da Saúde e a Anvisa irão trabalhar em conjunto com as secretarias estaduais e municipais de saúde, buscando dinamizar a vacinação de crianças, bem como de terceira e quarta doses para todos, além do controle de passaporte de vacinação em portos e aeroportos. O Instituto Butantan e a Fiocruz terão assento em grupo de assessoria do presidente da República para orientação das medidas que a ciência e a experiência indicam.

Será recriado o Ministério da Cultura e indicada para o cargo de ministro conhecida historiadora, cujos estudos sobre a civilização brasileira são notáveis, em especial em vista da nossa diversidade. A ministra dará ênfase à reformulação das atividades da Fundação Palmares de forma a atender ao disposto no artigo 68 das Disposições Transitórias da Constituição, ou seja, à efetiva proteção dos quilombos, objeto de indevidas ações possessórias. A ministra não atuou em novelas nem toca sanfona.

Neste campo, noticia-se que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) será novamente presidido por arqueólogo, sem curso de turismo, dedicado exclusivamente à proteção do patrimônio histórico e artístico, e não ao patrimônio de alguém determinado pelo presidente.

Por graça do Ministério da Educação, a exemplo de São Paulo, todos os Estados alcançarão o porcentual de 25% das escolas em tempo integral, cujos resultados têm sido excelentes quanto ao proveito do aluno. Há grande preocupação do Ministério da Educação com a qualidade dos cursos de mestrado e doutoramento, razão pela qual 500 consultores da Capes, que haviam se afastado, prometem voltar a colaborar para a garantia de qualidade da formação de nossos mestres e doutores.

A reforma tributária, que busca justiça social ao fazer tributos recaírem sobre renda e patrimônio, e não sobre produção e consumo, está sendo responsavelmente costurada com os diversos partidos pelo senhor presidente da República.

A reforma administrativa, a ser aprovada graças ao empenho do governo, eliminará nichos de privilégios e reduzirá gastos. Ambas as reformas serão essenciais no controle da inflação e na retomada da economia.

Gostou das notícias? Pois elas poderão ser as de 1.º de janeiro de 2023, obviamente, se não votar em Bolsonaro. ●

ADVOGADO, PROFESSOR TITULAR SÊNIOR DA FACULDADE DE DIREITO DA USP, MEMBRO DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS, FOI MINISTRO DA JUSTIÇA

TEMA DO DIA

NARDUS ENGELBRECHT/AP

Pandemia

África do Sul afirma ter superado quarta onda da covid-19 provocada pela Ômicron

Autoridades de saúde do país identificaram uma queda nos novos casos da doença na semana do Natal e acreditam que o pico da onda provocada pela nova variante ficou para trás; restrições de circulação são aliviadas. ●

Comentários de leitores no portal e nas redes sociais

● "O que interessa saber é se a variante Ômicron provoca casos graves e internações nos hospitais, pois, como aconteceu com as outras variantes, vai atingir o Brasil."
RODRIGO VERONEZI GARCIA

● "Tendência é coronavírus ficar cada vez mais fraco com imunização! Ômicron foi mais contagiante, mas não mais letal que vírus original ou variante Delta."
CÍCERO CIRO

● "Graças Deus!!! Que venham mais doses de vacinas para os braços do povo em todos os países."
LUIZ CARLOS VILELA

NAS REDES SOCIAIS
Veja outros destaques e participe das discussões no Link da Bio do Instagram do Estadão.
www.estadao.com.br/e/instagram

Siga o @Estadao nas redes sociais

PRODUTOS DIGITAIS

GETTY IMAGES

Na Perifa

Cinco passos para dar um chega pra lá nas dívidas. ●
www.estadao.com.br/e/divida

Finanças

Saiba a diferença entre dívida e inadimplência. ●
www.estadao.com.br/e/financa

Aplicativo

Quer mais notícias de economia? Personalize seu app. ●
www.estadao.com.br/e/app

Av. Eng. Caetano Álvares, 55 - CEP 02598-900 - São Paulo - SP ● (11) 3856-2122 ● Fax: (11) 3856-2940 ● E-Mail: forum@estadao.com ● Central do assinante: Capital e regiões metropolitanas: 4003-5323 ● Demais Localidades: 0800-014-77-20 ● https://meu.estadao.com.br/fale-conosco ● Central do leitor: (11) 3856-2122 ● falecom.estado@estadao.com classificados por telefone: (11) 3855-2001 Preços venda avulsa: SP: R$ 5,00 (segunda a sábado) e R$ 7,00 (domingo). RJ, MG, PR, SC E DF: R$ 5,50 (segunda a sábado) e R$ 8,00 (domingo). ES, RS, GO, MT E MS: R$ 7,50 (segunda a sábado) e R$ 9,50 (domingo) BA, SE, PE, TO E AL: R$ 8,60 (segunda a sábado) e R$ 10,50 (domingo). AM, RR, CE, MA, PI, RN, PA, PB, AC E RO: R$ 9,00 (segunda a sábado) e R$ 11,00 (domingo). Vendas de assinaturas: Capital: (11) 3950-9 000 ● Demais localidades: 0800-014-9000 ● Vendas corporativas: (11) 3856-2917 ● Agências de publicidade: (11) 3856-2531 ● cia@estadao.com

Eleições 2022: veja quem quer concorrer à Presidência

Eleição

Com 20 anos de domínio petista, Nordeste é desafio para rivais de Lula

Ex-presidente tem 63% das intenções de voto, segundo mais recente pesquisa Ipec; lideranças locais avaliam que candidatos devem propor mudanças estruturais na região

MARCELO DE MORAES
BRASÍLIA

Com cerca de 40,5 milhões de eleitores e uma hegemonia política de candidatos petistas há duas décadas, o Nordeste se tornou o maior desafio para adversários do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva nessa campanha de 2022. Pesquisa do Ipec, divulgada em 14 de dezembro, aponta números muito superiores de Lula em relação aos outros pré-candidatos na disputa pela preferência do eleitorado da região.

Segundo dados do Ipec, Lula tem 63% das intenções de voto no Nordeste. O presidente Jair Bolsonaro, que vai concorrer à reeleição, aparece com 15%. Ciro Gomes, com base política no Ceará, atinge 6%; Sérgio Moro, 3% e João Doria, 2%. Bolsonaro é rechaçado por 66% dos eleitores do Nordeste.

> *"(O candidato) não vai (conquistar votos) só oferecendo um programa que já chamou Bolsa Escola, Bolsa Família e Auxílio Brasil."*
> **Bruno Araújo**
> Presidente do PSDB

Na prática, esse cenário confirma uma situação que se repete há praticamente duas décadas e tem exercido grande peso nas disputas presidenciais desde então. Nas últimas cinco eleições, Lula, Dilma Rousseff e Fernando Haddad foram os candidatos mais votados no Nordeste. Desses, apenas Haddad não chegou ao Palácio do Planalto, sendo derrotado por Bolsonaro em 2018, num período em que Lula estava preso.

Não foi à toa que o presidente transformou o Bolsa Família, lançado no governo do PT, em Auxílio Brasil. Além de ter um programa social para chamar de seu, sob o rótulo de "maior do mundo", Bolsonaro sabe que a ajuda mensal de R$ 400 beneficia majoritariamente moradores de Estados onde ele mais precisa de votos. Mas pode ter perdido muitos pontos ao não retornar de suas férias em Santa Catarina durante a tragédia provocada pelas fortes chuvas na Bahia.

Segunda maior região em número de eleitores, atrás apenas do Sudeste, o Nordeste se transformou numa espécie de cinturão político do PT a partir da primeira eleição de Lula, em 2002. Naquele ano, o então candidato do PT ganhou em quase todos os Estados no primeiro turno, com exceção do Ceará, batido por Ciro, e de Alagoas, superado por José Serra. Na segunda rodada, o petista só perdeu em Alagoas para Serra. Em 2006, Lula venceu em todo o Nordeste no primeiro e segundo turnos.

CAOS. Um cenário político como esse já seria complicado para que Bolsonaro e outros candidatos conseguissem melhorar o desempenho. No caso do presidente, porém, a situação se tornou pior ainda por causa da forma como ele vem lidando com as chuvas que desabaram sobre a Bahia, o maior colégio eleitoral da região, que já causaram 24 mortes e deixaram milhares de pessoas desabrigadas.

Enquanto a Bahia vive situação de calamidade, Bolsonaro aparece publicamente aproveitando suas férias em São Francisco do Sul, em Santa Catarina. Assim, enquanto a tragédia causou comoção nacional, a atitude do presidente passou a imagem de indiferença e de falta de solidariedade. A reação na opinião pública não poderia ser pior para o presidente, com pesadas críticas e mais desgaste dentro e fora da região Nordeste. A hashtag #BolsonaroVagabundo chegou a parar no topo das mais citadas do Twitter.

Na primeira leva de chuvas na Bahia, há cerca de três semanas, Bolsonaro até chegou a visitar o Estado. Mas também foi criticado por, logo depois de sobrevoar o sul do Estado, ter feito um ato político, com carreata e discursos, na cidade de Itamaraju.

"O presidente, infelizmente, não veio prestar solidariedade, nem visitar o povo. Ele veio fazer uma carreata, com 30, 40 carros, e mobilizou seus fanáticos ali do extremo sul para ficar gritando e fazendo ato político-partidário, além de agredir repórter", reclamou o governador da Bahia, Rui Costa (PT), na ocasião.

Antes dessa crise, Bolsonaro apostava no impacto eleitoral que o pagamento do Auxílio Brasil poderá ter sobre os eleitores do Nordeste. Além disso, ele ainda negocia a formação de palanques regionais fortes para apoiar a campanha da reeleição.

Na Bahia, a ideia de Bolsonaro é lançar ao governo o ministro da Cidadania, João Roma (Republicanos). Deputado licenciado e ex-assessor de ACM Neto, Roma comanda justamente a pasta que coordena o pagamento do Auxílio Brasil. No Rio Grande do Norte, os ministros Rogério Marinho (Desenvolvimento Regional) e Fábio Faria (Comunicações) ainda decidem entre si a qual cargo irão concorrer. Marinho também pilota um ministério recheado de recursos e muito ligado aos repasses das emendas do chamado orçamento secreto do Congresso.

Na Paraíba, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, é um provável candidato ao governo ou ao Senado, impulsionado pela exposição – muitas vezes negativa – à frente das ações envolvendo a pandemia do coronavírus. Em Pernambuco, o ministro do Turismo, Gilson Machado, avalia também a possibilidade de concorrer. E no Piauí, o ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira, conduz o processo para montar uma candidatura competitiva no Estado.

TERCEIRA VIA. Crescer no Nordeste é um desafio também para outros candidatos. O ex-ministro da Justiça Sérgio Moro pretende intensificar sua presença nos Estados nordestinos a partir do início do ano. No começo de dezembro, ele fez o primeiro movimento público na região, já como pré-candidato, ao lançar seu livro no Recife. Moro acabou dividindo opiniões ao posar com um chapéu de sertanejo, repetindo um costumeiro gesto feito por políticos em campanha que tentam agradar aos eleitores locais. O governador de São Paulo, João Doria (PSDB), que sempre lembra ser filho de um baiano, também planeja ampliar sua agenda na região.

Além de ter um grande recall entre os eleitores do Nordeste, Lula conta também com uma forte base política local. O PT governa quatro Estados (Bahia, Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte).

Lideranças políticas locais avaliam que a hegemonia petista no Nordeste pode ser rompida ou, pelo menos reduzida, se os candidatos apresentarem propostas que levem mudanças estruturais para a região.

"Para conquistar o voto dos eleitores do Nordeste, o candidato primeiro vai ter de falar a linguagem da região, compreendendo a realidade do Nordeste, as desigualdades do País. Não vai fazer isso só oferecendo um programa que já chamou Bolsa Escola, Bolsa Família e Auxílio Brasil", disse ao **Estadão** o presidente do PSDB, Bruno Araújo, que é pernambucano. "Quem conseguir essa confiança estabelece uma nova relação no Nordeste." ●

Estratégias

Os movimentos dos pré-candidatos

● Lula

UESLEI MARCELINO / REUTERS

Uma pesquisa Ipec divulgada no dia 14 de dezembro mostrou o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) com 63% das intenções de voto no Nordeste – reduto ainda petista. Em agosto do ano passado, o ex-presidente realizou sua primeira caravana pela região – passou por Estados como Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte e Bahia – desde que foi reabilitado para voltar à cena política.

● Bolsonaro

DIDA SAMPAIO/ESTADÃO - 7/12/2021

O presidente Jair Bolsonaro (PL) tem um grande desafio no Nordeste, região onde registrou 66% de rejeição entre os eleitores, segundo a pesquisa Ipec de dezembro. Em meados do ano passado, como Lula, Bolsonaro intensificou as viagens pela região para entregar e inaugurar obras, mas agora enfrenta desgaste – está de férias enquanto a Bahia vive situação de calamidade por causa das chuvas.

● Ciro

ALEX SILVA/ESTADÃO - 1/7/2021

Com base política no Ceará, o ex-ministro e ex-governador Ciro Gomes (PDT) é o preferido de 6% dos eleitores do Nordeste, como mostrou o Ipec. Em 2002, Lula ganhou em quase todos os Estados da região no primeiro turno – uma das exceções foi o Ceará, onde o petista foi batido por Ciro.

● Moro

ALEX SILVA/ESTADÃO - 7/12/2021

Com 3% das intenções no Nordeste, conforme o Ipec, o ex-ministro da Justiça Sérgio Moro (Podemos) pretende marcar presença nos Estados da região a partir do início deste ano. No começo de dezembro, o ex-juiz da Lava Jato fez o primeiro movimento público nessa estratégia, ao lançar seu livro no Recife. Na ocasião, Moro posou com um chapéu de sertanejo ao lado de apoiadores.

● Doria

O governador de São Paulo, João Doria (PSDB), tem lembrado que é filho de um baiano, também na tentativa de ampliar sua agenda na região. O presidenciável tucano tem, de acordo com o levantamento do Ipec, 2% das intenções de voto no Nordeste.

João Gabriel de Lima E-mail: joaogabrielsantanadelima@gmail.com; Twitter: @joaogabrieldeli

Como lidar com os cometas em 2022

O filme *Não Olhe para Cima* é literalmente sobre o fim do mundo. Na trama, um cometa entra em rota de colisão com a Terra, e a presidente dos Estados Unidos – vivida por Meryl Streep – pouco faz de concreto para evitar a tragédia. A produção da Netflix explodiu nas redes sociais e, como escreveu Eugênio Bucci no **Estadão**, promete incendiar as discussões em família no réveillon. Não foi por acaso. Neste ano, todos nos sentimos na mira de um cometa – fosse ele a pandemia, as enchentes, os preços subindo sem parar ou o descaso de alguns governantes com problemas tão graves.

Em alguns momentos de 2021 fomos capazes de enfrentar nossos cometas. A mobilização social triunfou sobre inimigos poderosos. Um exemplo foi o pavilhão que reuniu, em Glasgow, cientistas, empresários e representantes dos movimentos jovem, negro e indígena contra a mudança climática e em favor da Amazônia. O vídeo da ativista Txai Suruí, única brasileira a falar na abertura da COP-26, viralizou e se tornou emblema dessa mobilização.

Pressionado pela sociedade civil – e também, claro, por outros países – o governo brasileiro, o mesmo que há três anos ameaçava deixar o Acordo de Paris, assinou as listas de objetivos da COP-26. Entre as demandas, a mais urgente no nosso caso é zerar o desmatamento da Amazônia, condição essencial para que o Brasil volte a ter relevância no mundo.

Na democracia, temos armas para combater os cometas. Elas se chamam mobilização e voto

Outro motivo de esperança em 2021 foi que, num ambiente político que clama por novidades, os movimentos de renovação começam a fecundar os partidos. À esquerda, onde muitas vezes impera a divisão, lideranças ascendentes como Tabata Amaral, Flávio Dino e Marcelo Freixo reuniram-se numa única sigla, o PSB. Tabata é egressa do Renova BR, que se define como uma "escola de política". A diretora executiva do Renova BR, Irina Bullara, é a entrevistada do minipodcast da semana.

Mais à direita, o velho PSDB oxigenou-se com a militância feminina. A secretária de Desenvolvimento de São Paulo, Patrícia Ellen, liderou o combate à pandemia no Estado – que contou, como destacou o **Estadão** em editorial, com expressiva participação da sociedade. O programa econômico tucano para as próximas eleições contará com a assinatura de três economistas renomadas: Vanessa Rahal, Zeina Latif e Ana Carla Abrão. No minipodcast, Irina Bullara fala do desafio das mulheres na política.

Na democracia, temos armas para combater os cometas, mais eficientes que as traquitanas tecnológicas invocadas por Meryl Streep em *Não Olhe para Cima*. Elas se chamam mobilização e voto. Que em 2022 façamos bom uso delas.

ESCRITOR, PROFESSOR DA FAAP E DOUTORANDO EM CIÊNCIA POLÍTICA NA UNIVERSIDADE DE LISBOA

SEG. Carlos Pereira (quinzenalmente) ■ TER. Eliane Cantanhêde ■ QUI. William Waack ■ SEX. Eliane Cantanhêde ■ SÁB. João Gabriel de Lima ■ DOM. Eliane Cantanhêde e J.R. Guzzo

Eleição

Bolsonaro errou e pode ficar fora do 2º turno, afirma Kassab

Presidente do PSD vê 'desgaste' do chefe do Executivo e diz que manterá aposta em Pacheco na disputa pelo Planalto

BRASÍLIA

DANIEL TEIXEIRA/ESTADÃO - 1/11/2019

O ex-prefeito Gilberto Kassab: pandemia, desemprego e ausência na Bahia desgastam Bolsonaro

Conhecido por sua capacidade de antecipar cenários políticos, o presidente do PSD, Gilberto Kassab, não descarta a possibilidade de o presidente Jair Bolsonaro ficar fora do segundo turno da disputa de 2022. Para Kassab, que aposta no projeto de candidatura do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), Bolsonaro tem "errado bastante" e isso está ampliando seu desgaste político no eleitorado.

"Ele tem errado bastante. Tanto que tinha 60, 70% de aprovação e, hoje, tem 20%. Acho que ele tem uma chance grande de não ir para o segundo turno", disse Kassab. "Veja o desgaste dele com a pandemia, com o número de desempregados. Não vejo chance de crescimento. Acho que o teto máximo dele é 22, 23%. E acredito que poderá cair mais."

Ex-prefeito de São Paulo, Kassab cita como mais recente erro de Bolsonaro sua ausência na Bahia para acompanhar a situação dramática vivida no Estado por causa das fortes chuvas. Trata-se de uma tragédia que já matou pelo menos 24 pessoas e deixou milhares de pessoas desabrigadas.

"Agora, por exemplo, a população vê o presidente num jet ski enquanto a Bahia está lá, debaixo d'água", criticou Kassab, que foi ministro das Comunicações no governo de Michel Temer e das Cidades na gestão de Dilma Rousseff. "Não estou dizendo que ele não deva ter férias. Mas acho que qualquer outro que fosse presidente teria interrompido as férias. É um gesto importante mostrar a solidariedade do governo. A boa política mostra que ele devia estar presente lá porque precisa dar o exemplo."

FICHAS. Apesar do cenário político em que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) lidera as pesquisas, seguido por Bolsonaro, Kassab garantiu que o PSD manterá suas fichas na candidatura de Rodrigo Pacheco. "Ele é uma pessoa inteligente, que tem experiência administrativa pública e privada. Tem liderança política, tem protagonismo, tem tribuna. O perfil dele é bom." ■ M.M.

Legislativo

Com Lira, governo fecha o ano com taxa de apoio de 74% na Câmara

Número de projetos do Executivo aprovados, porém, sofre queda em 2021; PT e PSL são os partidos com mais matérias tramitadas

LEVY TELES

O presidente Jair Bolsonaro fechou seu terceiro ano de mandato com taxa de apoio de 74% na Câmara dos Deputados. Apesar de alto, o índice obtido com o deputado Arthur Lira (PP-AL) na presidência da Casa é, diferentemente do esperado, menor do que o registrado em 2020, ainda na gestão de Rodrigo Maia (sem partido), quando se alcançou 76%.

A ligeira queda foi calculada pelo Observatório do Legislativo Brasileiro (OLB), a partir da votação de projetos realizada com orientação da liderança do governo. O estudo ainda mostra que o total de propostas do Executivo que viraram lei também caiu e numa proporção maior – de 27 para 17, o que significa que a participação do governo na pauta representou 23% em 2021, contra 44% no ano anterior.

Os números levantados se referem ao total de projetos em tramitação na Casa nos últimos dois anos. E, neste quesito, o aumento de matérias apresentadas, avaliadas em comissão ou mesmo votadas é significativo na gestão Lira. Em 2021, 13.233 matérias tramitaram na Câmara ante 7.846 em 2020 – um crescimento de 68%. E isso mesmo levando em conta o fato de o recorte temporal do estudo não contabilizar os meses de novembro e dezembro de 2021.

GIDA SAMPAIO/ESTADÃO - 9/11/2021

Arthur Lira, presidente da Câmara; centralização é marca da gestão

Enquanto PT e PSL, partidos com as maiores bancadas na Câmara, foram os que mais tramitaram matérias em 2021 – com 2.816 projetos, juntos –, o PL, que recentemente filiou o presidente Jair Bolsonaro, ficou bem abaixo nesse ranking, com 700 (*veja quadro nesta página*). Nas matérias transformadas em lei, o PT também lidera (8), seguido por PV e DEM (6 cada).

PAUTA. Mas, mais importante que os números, é a natureza dos projetos que deve ser avaliada, segundo o cientista político Carlos Melo. "É necessário observar ainda o impacto dessas matérias", diz o professor do Insper, que ressalta a força do Centrão ao longo do ano na Câmara. "A coordenação de Lira fez a bancada conseguir controlar o orçamento, dando em troca governabilidade ao presidente Bolsonaro."

O vice-líder do PL na Câmara, deputado Capitão Augusto (SP), justifica que é difícil avaliar a atuação partidária por meio do número de matérias propostas. "Tem parlamentar que não faz uma atuação tão legislativa, que prefere usar a tribuna para defender, apoiar ou relatar projetos", pontua.

"Ele (Lira) tem a 'chave do cofre' e a utiliza para acelerar as votações que interessam ao seu grupo."
Marco Antonio Teixeira, cientista político

A pesquisadora Debora Gershon, uma das coordenadoras do estudo do OLB, diz que o sistema de deliberação remota implantado durante a pandemia foi um fator limitador para o desempenho dos partidos, assim como a forma centralizadora de atuação de Arthur Lira. "Embora o PL tenha ocupado a vice-presidência da Câmara, é do presidente a prerrogativa de dar a direção dos trabalhos legislativos", afirma. "E, na gestão Lira, as articulações políticas tiveram caráter ainda mais centralizado na figura do presidente."

O cientista político Marco Antonio Carvalho Teixeira, da FGV-SP, também cita a força de Lira na condução da pauta, especialmente no que diz respeito ao controle do orçamento secreto. "Ele tem a 'chave do cofre' e a utiliza para acelerar as votações que interessam ao seu grupo", afirma.

Segundo Teixeira, o controle de Lira se dá não necessariamente via partido, mas via interesses comuns. "Isso faz com que esses parlamentares se mobilizem em torno do projeto que ele está liderando, de reeleição para ele na Câmara e domínio do grupo político do Centrão, tendo ele como uma das principais peças. É um agrupamento de políticos suprapartidários, que dependem do Lira para ter recursos."

Líder do PT na Câmara, o deputado Bohn Gass (RS) considera que a oposição soube aproveitar os "flancos" deixados pela maioria para limitar a atuação do governo em alguns temas, mas reconhece dificuldades ao longo do ano. "O Congresso avalizou a destruição do Brasil", diz, em referência às pautas de interesse do Executivo aprovadas pela Câmara e pelo Senado.

PEC. Sobre os tipos de matérias tramitadas em 2021, o estudo chama a atenção para o aumento de 122% em relação às Propostas de Emenda à Constituição (PECs). Uma alta muito maior que a observada, por exemplo, em projetos de leis simples, cujo crescimento foi de 70%.

O que não muda de um ano para o outro é o porcentual de projetos em tramitação que são aprovados ao final do período pela Casa. Tanto em 2020 como em 2021 esse índice não chega a 2% do total. ● COLABORARAM ADRIANA FERRAZ, RENATO VASCONCELOS E DANIEL REIS, ESPECIAL PARA O ESTADÃO

Ministério Público

PGR nega alinhamento a Bolsonaro e diz que atuação de Aras é 'técnica'

A Procuradoria-Geral da República (PGR) negou alinhamento ao presidente Jair Bolsonaro, em manifestação institucional divulgada anteontem, e afirmou que o posicionamento do procurador-geral da República, Augusto Aras, no comando do órgão é "técnico".

A nota foi publicada em meio a reportagens sobre o trabalho de Aras ao longo do último ano. Escolhido fora da lista tríplice, o procurador-geral vem sendo pressionado publicamente a tomar providências mais efetivas a partir do relatório final apresentado pela CPI da Covid, que sugeriu o indiciamento de Bolsonaro por nove crimes na gestão da pandemia. Até o momento, Aras propôs dez medidas a serem adotadas com base nos achados da comissão parlamentar.

"Embora importantíssimo, o papel da Comissão Parlamentar de Inquérito é político. Já o Ministério Público está limitado em sua atuação aos princípios do processo judicial e procedimento jurídico, o que inclui o respeito ao devido processo legal, à garantia de ampla defesa e à cadeia de custódia de eventuais provas, fundamentais para evitar futuras anulações", diz um trecho do documento.

O procurador-geral também disse que "respeita o processo legal de escolha" dos ministros ao Supremo Tribunal Federal. A declaração faz referência a articulações para que ele fosse indicado, no lugar de André Mendonça, empossado dia 16 de dezembro na vaga aberta na Corte com a aposentadoria do ministro Marco Aurélio Mello.

QUEIROZ. A nota também aborda o parecer de Aras contra a abertura de investigação sobre os R$ 89 mil em cheques depositados pelo ex-assessor parlamentar Fabrício Queiroz, pivô da investigação das "rachadinhas" envolvendo o senador Flávio Bolsonaro (Patriota-RJ), e pela mulher dele, Márcia Aguiar, na conta da primeira-dama Michelle Bolsonaro.

"Primeira-dama não está entre as autoridades que detêm prerrogativa de foro por função perante tribunais superiores. Logo, não caberia ao PGR atuar em qualquer investigação de qualquer conduta atribuída a tal 'autoridade'", diz o texto. ●

CPI da Covid
'Embora importantíssimo, o papel da Comissão Parlamentar de Inquérito é político', diz a nota

Pandemia

Ômicron silencia festas de ano-novo, mas dá sinais de recuo na África do Sul

Autoridades sul-africanas registram queda no número de casos, internações e suspendem algumas restrições; apesar do otimismo, especialistas ainda pregam cautela

JOHANNESBURGO

O avanço da Ômicron silenciou ontem as festas de ano-novo em vários países. A boa notícia, porém, vem da África do Sul, onde a nova cepa foi detectada primeiro, em novembro. O número de casos diários caiu 30%, na semana que terminou no dia 25, e 44% com relação ao pico, no dia 16 de dezembro. A taxa de internação, que havia caído 91% nos últimos sete dias antes do Natal, está em queda em oito das nove Províncias.

Os dados fortalecem a suspeitas dos cientistas de que a nova variante pode ser mais transmissível, mas talvez seja menos letal. A notícia provocou otimismo em várias partes do mundo. Na Alemanha, o principal infectologista do país, Christian Drosten, disse que espera uma "relativa" normalidade nos próximos meses.

"Em razão da sua alta infecciosidade, a Ômicron pode se tornar o primeiro vírus pós-pandemia", disse Drosten ao semanário suíço *SonntagsZeitung*. "É possível que a nova cepa tenha se disseminado a ponto de iniciar uma fase endêmica". Segundo ele, a transição de uma fase para outra é longa, o que significa que o vírus continuará se espalhando, mas será menos letal. "Não ficaria surpreso se, nos próximos meses, ainda tivermos de usar máscaras em ambientes internos. Mas acho que não teremos mais tanta pressão nos hospitais."

MARKUS SCHREIBER/AP

Policiais fecham a Pariser Platz, em Berlim; restrições marcaram festas de ano-novo na Europa

O diretor da Organização Mundial de Saúde (OMS), Tedros Ghebreyesus, também expressou otimismo em relação a 2022. "Após dois anos, já conhecemos bem esse vírus", disse ele, em mensagem de ano-novo. "Sabemos como tratar a doença e aumentar as chances de sobrevivência de pessoas. Com todo esse aprendizado, a chance de superarmos a pandemia está ao nosso alcance."

CAUTELA. Apesar do otimismo, os especialistas pregam cautela. "Temos muitas pessoas não vacinadas na Alemanha, principalmente com mais de 60 anos, e elas estão em risco", disse Drosten. "Todos precisarão de uma dose de reforço com uma vacina atualizada."

O cientista brasileiro Tulio de Oliveira, diretor do Centro para Resposta a Epidemias da África do Sul, alertou que não é hora de relaxar, visto que a taxa de positividade para testes de covid ainda é de 28% – a OMS considera os surtos controlados se o índice for inferior a 5%. "Os números continuam altos. Ainda não estamos a salvo", afirmou.

Após reunião realizada na quinta-feira, o governo sul-africano disse que todos os indicadores apontam que o país pode ter ultrapassado o pico de infecções. Por isso, o toque de recolher foi suspenso, restaurantes e bares poderão servir bebidas alcoólicas após 23 horas e reuniões em espaços fechados foram autorizadas com até mil pessoas. O uso obrigatório de máscara em locais públicos, porém, segue de pé.

> ***"Em razão da sua alta infecciosidade, a Ômicron pode se tornar o primeiro vírus pós-pandemia"***
> **Christian Drosten**
> Infectologista alemão

FESTA LIMITADA. Com algumas exceções, como Sydney, na Austrália, que não cancelou o tradicional foguetório de réveillon, a Ômicron silenciou as comemorações. Na Coreia do Sul, as festas foram canceladas pelo segundo ano seguido. Fogos e festas foram proibidos na maior parte da China, Índia e Indonésia.

No Reino Unido, onde um de cada 25 habitantes contraiu covid na semana anterior ao Natal, as pessoas foram encorajadas a ficar em casa na Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte, que têm autonomia em política sanitária – na Inglaterra, o premiê, Boris Johnson, apenas recomendou um aumento da testagem antes das festas.

O restante da Europa virou o ano sob restrições. Fogos foram cancelados em cidades de França, Grécia, Portugal, Itália e Alemanha. Nos EUA, a tradicional festa na Times Square, em Nova York, foi realizada com uma quantidade menor de pessoas. Por determinação do prefeito, Bill de Blasio, o uso de máscara foi obrigatório. ●

REUTERS, NYT e AP

Israel começa a aplicar quarta dose de vacina contra covid-19

TEL-AVIV

O governo de Israel começou a aplicar ontem a quarta dose da vacina contra a covid-19 em pessoas imunodeprimidas. A decisão foi tomada para amenizar o impacto de uma nova onda de infecções provocadas pela variante Ômicron. Os primeiros a receberem a quarta dose foram pacientes com transplante de coração e pulmão do Hospital Sheba, em Tel-Aviv. Os próximos devem ser residentes e funcionários que trabalham em asilos de idosos.

Na semana passada, um painel de especialistas do Ministério da Saúde israelense recomendou que o país oferecesse uma quarta dose do imunizante da Pfizer-BioNTech para funcionários da área de saúde e pessoas com mais de 60 anos ou com sistema imunológico comprometido. "Fizemos isso após estudos que mostram o benefício da vacina, incluindo a quarta dose, para a população", disse Nachman Ash, diretor-geral do Ministério da Saúde.

PIONEIRO. Israel foi um dos primeiros países a vacinar em massa sua população, ainda em dezembro de 2020, e um dos pioneiros na aplicação da dose de reforço, após observar que a imunidade diminui com o tempo. Por isso, a situação epidemiológica do país é monitorada de perto por autoridades sanitárias de outras regiões, como EUA e Europa.

Na quinta-feira, um voo da companhia aérea israelense El-Al, vindo da Bélgica, pousou em Tel-Aviv levando um carregamento da pílula anticovid da Pfizer, o Paxlovid. Na semana passada, a Administração de Alimentos e Medicamentos (FDA) dos EUA aprovou a Paxlovid. A pílula reduz hospitalizações e mortes em 88% em grupos de risco quando tomada nos primeiros cinco dias após o aparecimento dos sintomas.

O premiê, Naftali Bennett, celebrou a chegada do Paxlovid como "uma nova arma no arsenal na guerra contra a pandemia". "Graças a nossa ação, as drogas chegaram a Israel rapidamente e nos ajudarão a ultrapassar o pico da próxima onda da Ômicron", disse. Para Ran Balicer, que dirige o comitê de especialistas de Israel, o medicamento da Pfizer pode "reduzir drasticamente o risco de doenças graves e hospitalizações". "É um elemento-chave, junto com a vacina e a máscara, na estratégia para conter a nova onda", afirmou. ● AFP

> **Imunização**
> **Israel foi um dos primeiros países a vacinar em massa sua população, em dezembro de 2020**

Como impedir que Vladimir Putin invada a Ucrânia

ARTIGO

No Natal de 1991, a União Soviética deixou de existir. Mikhail Gorbachev, seu último líder, disse que, mesmo que o futuro fosse incerto, pelo menos "nós tínhamos abandonado a prática de interferir nos assuntos internos dos outros e usar tropas no exterior".

Trinta anos depois, a Rússia, sucessora da União Soviética, está mais uma vez envolvida em uma conversa sobre interferência externa. Com Vladimir Putin, o país é comandado por um homem que lamenta o fim da URSS. Putin ressente-se da maneira como dois Estados eslavos, Ucrânia e Belarus, escaparam do controle de Moscou.

Recentemente, ele reafirmou um grande grau de influência sobre Belarus, depois que o déspota acusado de fraude eleitoral pediu ajuda a ele. E está reunindo soldados na fronteira da Ucrânia – mais de 100 mil – com acesso a linhas de abastecimento, hospitais de campanha e reforços. A inteligência americana teme que ele possa invadir a Ucrânia. O que pode ser feito para detê-lo?

As Forças Armadas da Ucrânia, apesar de estarem melhores do que quando Putin começou a abocanhar pedaços do país, em 2014, não são fortes para impedir uma invasão. Não há chance de os países da Otan intervirem militarmente para defender a Ucrânia. Eles não querem, e nem deveriam, uma guerra com uma Rússia com armas nucleares. Contudo, há modos de aumentar os custos da invasão para Putin.

BRENDAN HOFFMAN /THE NEW YORK TIMES-2/12/2021

Soldados ucranianos em patrulha em Advdivka, leste da Ucrânia

> *Enquanto Vladimir Putin estiver no comando, a Rússia continuará sendo um perigo para seus vizinhos*

É A ECONOMIA. Alguns modos são econômicos. Joe Biden, presidente dos EUA, conversou com Putin no início de dezembro. Ele diz ter ameaçado sanções econômicas severas à Rússia caso ela atacasse a Ucrânia novamente – o país já anexou a Crimeia e ajudou rebeldes pró-Rússia em um conflito na Bacia do Don, no leste da Ucrânia.

Fala-se ainda de retirar a Rússia do Swift, sistema que permite pagamentos internacionais. Isso prejudicaria a Rússia, mas é uma má ideia, pois atrapalharia outras economias e daria início a uma corrida por parte de outros regimes autocráticos. A mesma dissuasão poderia ser alcançada, com menos efeitos colaterais, ameaçando banir instituições financeiras russas individualmente. Enquanto isso, os EUA devem se apresentar como uma frente unida com os aliados europeus. Para começar, a Alemanha não deveria aprovar o Nord Stream 2, gasoduto russo recém-construído que ignora a Ucrânia.

Um segundo meio é militar. Embora a Rússia pudesse facilmente invadir a Ucrânia, ocupar um país por longo período é outra história, como os EUA descobriram no Iraque. A Ucrânia precisa se tornar indigesta. Para ajudar isso acontecer, o Ocidente deveria fornecer mais ajuda financeira e armas defensivas ao país. As ações de Putin desde 2014 garantiram que grande parte dos ucranianos, mesmo a maioria daqueles de etnia russa, resistisse ao controle russo.

Ao mesmo tempo, os diplomatas do Ocidente devem buscar maneiras de atenuar o conflito iminente. Isso é complicado, porque as exigências de Putin não são nem razoáveis, nem verdadeiras. Ele diz que a Otan representa uma ameaça. Não é verdade. Ele faz essa alegação porque uma Ucrânia funcional e democrática em sua fronteira desacredita seu sistema autoritário. E porque seu discurso sobre defender a Rússia de inimigos externos imaginários é uma boa maneira de conquistar apoio. Em pesquisa recente, apenas 4% dos russos disseram que as tensões no leste da Ucrânia eram culpa da Rússia, enquanto metade culpava os EUA e a Otan.

DIÁLOGO. Biden está certo em conversar com Putin e deveria continuar fazendo isso. Ele deveria tentar encontrar maneiras para proteger a reputação de Putin e fazê-lo recuar. Já que Putin controla como suas ações são retratadas na TV russa, isso não seria impossível. Biden poderia deixar claro, mais uma vez, que a Ucrânia não está prestes a ingressar na Otan, por exemplo, embora ele não devesse conceder um veto formal à Rússia.

Putin quer que os EUA façam com que a Ucrânia ponha em prática a visão dele do pacto de Minsk, um acordo de paz imposto à Ucrânia sob a mira de uma arma depois que as forças russas derrotaram os ucranianos há sete anos. Ele espera criar um Estado federal na Ucrânia, com a Rússia dando as cartas no leste, controlando parte da fronteira e tendo uma grande influência na política externa.

A Ucrânia resistiu a isso cercando a Bacia do Don, não fazendo nenhum esforço para recuperar seu território perdido e forjando um Estado unitário e descentralizado que, na prática, o exclui. Após muitas mortes e o deslocamento de 1,5 milhão de pessoas, a reintegração da região à Ucrânia é atualmente quase impossível, e muitos ucranianos não querem mais isso, embora não digam em voz alta.

Não há uma solução simples para essa confusão, então a melhor estratégia é continuar conversando, com duas ressalvas. Primeiro, o governo ucraniano deve estar presente no diálogo. Putin não deve ser encorajado a tratar o país como uma marionete do Ocidente, já que ele não é.

Segundo, o objetivo deve ser tornar desinteressante para Putin até mesmo uma guerra menor. Ele talvez calcule que tem mais a ganhar e menos a perder ao ameaçar a Ucrânia, em vez de invadi-la. Mas ele é especialista em encontrar pretextos para pequenos atos de agressão, os quais nega descaradamente estar cometendo, mesmo quando eles são mostrados pelas telas de TV. Enquanto Putin estiver no comando, a Rússia continuará sendo um perigo para seus vizinhos. ● TRADUÇÃO DE ROMINA CÁCIA

Imprensa

Em 2021, 45 jornalistas morreram

BRUXELAS

Quarenta e cinco jornalistas e profissionais da imprensa foram assassinados em todo o mundo em 2021, informou ontem a Federação Internacional de Jornalistas (FIJ). O saldo é parecido com o relatado pela ONG Repórteres Sem Fronteiras (RSF), que também apontou 46 mortes.

"Este número representa um dos menores registros desde que a FIP começou a publicar relatórios anuais sobre jornalistas mortos em incidentes relacionados ao trabalho, incluindo assassinatos seletivos, fogo cruzado e bombardeios", disse a entidade, em comunicado.

O país que mais registrou mortes foi o Afeganistão, com 9 assassinatos, seguido de México (8), Índia (4) e Paquistão (3). De acordo com a FIJ, os riscos associados à cobertura jornalística de conflitos armados "diminuíram nos últimos anos em razão da baixa exposição dos profissionais de mídia, que têm feito cada vez menos trabalhos em áreas de risco".

No entanto, a organização afirma que "as ameaças ligadas ao domínio de gangues criminosas, grupos armados e cartéis de drogas, das favelas do México às ruas de cidades europeias, como na Grécia e na Holanda, continuam aumentando". ● AFP

EUA

Incêndios no Colorado força a retirada de pelo menos 30 mil pessoas de casa

Mais de 500 casas foram destruídas e 30 mil pessoas ficaram desabrigadas em razão de incêndios no Estado do Colorado, nos EUA. Ventos de até 160 km/h agravaram a situação. Apesar da destruição, autoridades não relataram vítimas ou desaparecidos. ●

Risco atômico

Irã lança foguete com satélites em meio à negociação de acordo nuclear

O Irã lançou um foguete transportando três satélites, em meio a negociações para retomada do acordo nuclear com países ocidentais – uma nova rodada está marcada para segunda-feira. Autoridades não informaram se os satélites já estão em órbita ou qual seria a utilidade deles. ●

Ensino superior

Bolsonaro perdoa até 92% da dívida do Fies para estudante de baixa renda

Para os demais, perdão chega a 86,5%; MP permite regularizar 900 mil contratos firmados até o segundo semestre de 2017, que estão com débitos vencidos e não pagos

[illegible]
[illegible]
BRASÍLIA

O governo federal vai permitir a estudantes a renegociação de dívidas com o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies). Medida provisória publicada em edição extra do *Diário Oficial* da União (DOU) de anteontem trouxe as condições para que contratos firmados até o segundo semestre de 2017 e que estejam com débitos vencidos e não pagos possam ser regularizados. Mais de 900 mil contratos podem ser beneficiados.

Para estudantes com mais de um ano de atraso nos pagamentos, a norma prevê desconto de 92% da dívida consolidada para aqueles que estão no Cadastro Único ou foram beneficiários do auxílio emergencial e de 86,5% para os demais estudantes. Dentre as facilidades está o parcelamento das dívidas em até 150 meses (12 anos e meio), com redução de 100% dos encargos moratórios e concessão de 12% de desconto sobre o saldo devedor para o estudante que fizer a quitação integral da dívida. "Dessa forma, concretiza-se um instrumento efetivo de saneamento da carteira de crédito do Fies", afirma a Secretaria-Geral da Presidência.

A renegociação de dívidas do Fies deverá ser realizada por meio dos canais de atendimento a serem oferecidos pelos bancos. Como essas dívidas já são consideradas irrecuperáveis pelo governo, a medida não tem impacto fiscal. Bolsonaro prometeu o perdão depois que no dia 8 o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, provável candidato do PT em 2022, prometeu anistia a dívidas do Fies. Como o **Estadão** mostrou este mês, há ainda diversos projetos em tramitação no Congresso que preveem a anistia.

A concessão para o Fies tem apoio até mesmo da equipe econômica. Admite-se que há uma situação de dificuldade entre os alunos mais pobres que ingressam no mercado de trabalho devendo e sem condições de concluir o curso. No ano passado, o presidente Jair Bolsonaro já havia sancionado lei que suspendia o pagamento de parcelas do Fundo de Financiamento Estudantil durante o período de estado de calamidade pública decorrente da pandemia do novo coronavírus.

DANTE TEIXEIRA/ESTADÃO - 20/2/2018

Lista para a faculdade; pagamento começa só depois da formatura

Novas condições
Dentre as facilidades está o parcelamento das dívidas em até 150 meses, com 12% de desconto para quitação

Saiba mais

Há 2 anos, cobrança judicial
Há exatamente dois anos, a visão do governo federal era justamente a oposta: cobrar na Justiça os endividados, conforme uma resolução também publicada no DOU. O rombo à época era de R$ 12 bilhões. A inadimplência no programa batia recordes desde 2015. No primeiro semestre de 2019, 59% dos contratos em amortização (quando se inicia a cobrança do financiamento) tinham atraso – 47% atrasados em mais de 90 dias, quando se passa a considerar o aluno inadimplente.

O CENTRO DO PROBLEMA. Pelo programa, o governo federal financia parte do valor de cursos em faculdades privadas por juros mais baixos do que os de mercado e o aluno começa a pagar a dívida somente após a formatura. Esse financiamento, criado em 1999, se tornou uma das principais fontes de receita do ensino superior – e de polêmicas fiscais. Em 2010, quando os juros caíram de 6,5% para 3,4% ao ano, abaixo da inflação. Além disso, a exigência de fiador foi relaxada e o prazo de quitação alongado. Instituições passaram a incentivar alunos já matriculados a não pagar a mensalidade, mas a entrar no Fies, transferindo o risco de inadimplência à União.

A dotação do orçamento do Fies depois de 2010 não foi acompanhada, contudo, de crescimento similar no número de matrículas. Enquanto os valores pagos pelo Fies, em termos reais, aumentaram 48% em 2014 em relação a 2009 (ano anterior à mudança de regras), o número de matrículas em cursos presenciais avançou somente 27% no mesmo período. Com a crise fiscal, as regras do programa tornaram-se mais restritivas.

A partir de 2015 foi reduzido o número de novos contratos e passaram a ser elegíveis ao Fies apenas estudantes cuja renda familiar per capita não ultrapasse 2,5 salários mínimos – o limite anterior chegou a ser de renda familiar bruta (em vez de per capita) de até 20 salários mínimos.

Alterações adicionais passaram a exigir desempenho mínimo no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e com nota mínima em Redação. Mesmo assim, por causa da expansão precedente, o orçamento autorizado em 2015 para o programa foi um quarto maior do que em 2014. Nova reforma, em fins de 2017, reduziu ainda mais o número de novos contratos e tentou, sem sucesso, resolver o problema de inadimplência tentando transformar o Fies em crédito consignado.

Mais de 730 mil contratos chegaram a ser firmados pelo Fies em 2014, auge da expansão – hoje não chegam a ser firmados 100 mil, o teto. ●

Pesquisador do Ipea sugere atrelar pagamento à renda, via Receita

Autor de estudos sobre o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), o pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea), Paulo Meyer Nascimento aponta como saída para a inadimplência do programa a introdução de um modelo em que a cobrança das parcelas do financiamento seja feita automaticamente pela Receita Federal. O modelo funcionaria como uma espécie de tributo vinculado à renda do mutuário do programa, uma espécie de "sobretaxa" do Imposto de Renda (IR), como já acontece em outros países que fizeram reformas nos programas de financiamento dos estudantes.

Foi a primeira anistia. Mas Nascimento vê com preocupação o futuro do Fies e alerta que esse tipo de perdão pode criar um círculo vicioso e levar os beneficiários do programa a deixar de pagar as prestações à espera de um novo perdão, como já acontece com os Refis – parcelamentos de débitos tributários de empresas e pessoas físicas. Segundo o pesquisador, a vantagem do modelo de pagamento das parcelas via sistema tributário é que ele se torna, na prática, um "refis automático" para o mutuário que perder a renda e não tiver condições de pagar o financiamento. "Seria um tributo que não aumentaria a carga tributária, mas que transformaria o financiamento estudantil", diz ele ao **Estadão**.

O pesquisador considera que a Medida Provisória editada pelo governo Jair Bolsonaro joga "um pouco para torcida", porque as dívidas alcançadas já foram consideradas de difícil recuperação pelas regras do Banco Central, quando o atraso no pagamento supera 90 dias. "Esse tipo de medida gera incentivos tortos. Pune o bom pagador e gera um círculo vicioso", adverte.

Nascimento diz que o governo sabe que tem medidas mais justas para tratar o problema do calote e que podem ser implementadas em curto espaço de tempo. Ele lembra que existe legislação aprovada, no fim de 2017, que prevê o recolhimento de pagamentos vinculados à renda do devedor. Mas o governo não consegue colocar em pé porque não há um desenho eficaz de recolhimento na fonte de renda do estudante recém-ingresso no mercado de trabalho.

Segundo ele, a reformulação do Fies exigiria reformas constitucionais e infraconstitucionais, mas as contribuições já existentes, como a Cide-Combustível e as cobradas do Sistema S, já podem dar o norte para o arranjo institucional necessário à reformulação. Ao vincular o pagamento das parcelas à renda, a ideia é que os beneficiários do programa tenham maior proteção social, sem anistias, e haja menor risco de calote. ● A.F.

'Não entendo essa gana por vacina', diz Bolsonaro sobre imunização infantil

Pandemia do coronavírus

Média móvel de covid-19 sobe 111% em duas semanas

Índice de casos da doença foi de pouco menos de 3,5 mil para 7,4 mil no período; especialistas culpam a variante Ômicron e temem piora no cenário

DANTE TEIXEIRA/ESTADÃO

Há um aumento de positividade, sintomas, suspeitas e internações

ÍTALO LO RE

A média móvel de casos notificados de covid-19 subiu 111% no Brasil em duas semanas, apontam dados reunidos até anteontem pelo consórcio de veículos de imprensa. O índice foi de pouco menos de 3,5 mil para 7,4 mil, atingindo um patamar similar ao do início do mês. Embora o indicador se mantenha bem abaixo do pico da pandemia, quando se estabilizou acima de 30 mil, especialistas ouvidos pelo **Estadão** destacam que o aumento pode indicar uma piora no cenário.

Em parte, é possível que a variação ocorra porque os sistemas do Ministério da Saúde estão instáveis desde o início de dezembro, o que resulta em represamento de dados. Ainda assim, o crescimento das hospitalizações por covid em alguns Estados e das porcentagens de testes positivos em laboratórios corroboram as análises de que a alteração na média de casos não é algo isolado. A principal causa, dizem especialistas, pode ser o avanço no País da variante Ômicron, considerada mais contagiosa.

"Está aumentando (*a demanda por*) testes, positividade, sintomas, suspeita, internação", alerta Marcio Bittencourt, epidemiologista do Centro de Pesquisa Clínica e Epidemiológica do Hospital Universitário da USP. Segundo ele, é possível até que a Ômicron já corresponda à "maior parte" dos casos. O baixo sequenciamento genético, porém, somado ao apagão de dados da Saúde dificulta entender com exatidão o atual cenário.

ÓBITOS. Apesar de a média móvel de casos de covid no País ter saltado 111% na comparação com duas semanas atrás, a de óbitos teve queda de 12% no mesmo período. Além dos efeitos da vacinação, que evitam que a doença evolua para quadros graves, Bittencourt acredita que isso está relacionado ao fato de as infecções terem começado a subir há cerca de duas semanas. "Ainda não deu tempo de ver o efeito em mortes", diz o epidemiologista.

A indicação por ora é manter as ações de proteção, como distanciamento e uso de máscaras. "É importante reduzir os riscos aos quais nos expomos", diz Isaac Schrarstzhaupt, coordenador da Rede Análise Covid-19. Ele reforça que continuar adotando medidas não farmacológicas é importante até mesmo para conter os surtos de gripe. "Vemos um aumento de sintomas que se confundem e não temos monitoramento epidemiológico para distinguir", explica.

Sem as informações oficiais, principalmente do Sivep-Gripe, que permite acompanhar casos leves de covid, diz ele, fica difícil saber se não há um início de surto de Ômicron misturado a um de influenza. O que dá para saber, reforça o cientista, é que a manifestação de sintomas e as hospitalizações por síndrome gripal estão subindo. Como exemplo, Schrarstzhaupt destaca a alta das internações por problemas respiratórios principalmente no Rio e em São Paulo. Também aponta o crescimento de casos de covid em Estados do Norte.

TRANSMISSÃO. Infectologista e pesquisador da Fiocruz, Julio Croda explica que, assim como foi com a Delta, as novas variantes "chegam ao serviço privado primeiro", pois atingem quem viajou para o exterior e tem maior poder aquisitivo. Depois, quando há transmissão comunitária, como já ocorre com a Ômicron, o impacto chega à rede pública. "A gente sabe que aumentou a demanda nos consultórios, que tem mais casos. Os próprios laboratórios, como Dasa e Fleury estão reportando isso, o (*Hospital Albert*) Einstein também", diz o pesquisador. Ele afirma que o governo federal, porém, não tem coletado essas informações do setor privado de forma unificada, dificultando uma leitura mais precisa do que ocorre hoje.

O Ministério da Saúde informou em nota que na última semana foram restabelecidas as plataformas e-SUS Notifica, SI-PNI e Conecte SUS, possibilitando a inclusão de dados por Estados e municípios. Segundo a pasta, os dados lançados em 10 de dezembro ainda não constam nas plataformas, mas poderão ser acessados assim que a integração de dados for restabelecida. O ministério não deu estimativa de quando isso deve ocorrer. ●

Saiba mais

● **SP: internação em alta**

Dados do governo de São Paulo apontam que o Estado registrou anteontem o maior número de novas internações por covid (621) desde o fim de setembro. Com isso, a média móvel ficou em 516, ante 336 há duas semanas. O patamar atual está longe do pico da pandemia, com a média acima 3,5 mil, mas a tendência de crescimento já chama a atenção.

Fernando Reinach

fernando@reinach.com

A covid dos vacinados

A realidade é que hoje existem duas covids. Uma é a que ocorre quando o coronavírus encontra um ser humano totalmente despreparado, um organismo que nunca teve contato com o SARS-CoV-2. É a que flagelou a humanidade em 2020 e 2021. Essa pode levar à internação e ao entubamento de 10% a 15% dos infectados. Em geral, 0,3 a 2% dos infectados acabam morrendo. Durante os últimos dois anos, surgiram muitas variantes do SARS-CoV-2 e, de forma geral, causam uma covid muito semelhante, com as mesmas taxas de letalidade e internação.

Mas o que vai importar a partir de 2022 é a covid dos vacinados. Essa é doença que acomete os já vacinados e a doença com a qual teremos de conviver nas próximas décadas. Nesse caso, o SARS-CoV-2 vai encontrar seres humanos cujo sistema imune já está previamente preparado. Por esse motivo, é uma doença muito menos grave. Já sabemos que parte das pessoas vacinadas se torna totalmente resistente ao vírus. A fração dos vacinados totalmente resistentes ao vírus provavelmente depende da idade da pessoa, da vacina usada, do número de doses e frequência com que a pessoa tomou doses de reforço. É por isso que o sistema de vacinação tem de incluir crianças e as doses de reforço tem de ser ministradas.

É com a covid dos vacinados que teremos de conviver nas próximas décadas

Quando o vírus consegue se instalar em pessoas vacinadas, na maioria dos casos, a covid apresenta poucos sintomas, dura pouco e raramente leva à internação. Claro que mortes ainda ocorrem em pessoas acometidas pela covid dos vacinados, mas os números são muito, muito menores. Apesar de não sabermos ao certo, é provável que a letalidade das variantes do SARS-CoV-2 entre os vacinados seja semelhante ao observado entre pessoas infectadas pelos vírus da influenza. Além da proteção oferecida pelas vacinas, estão chegando ao mercado pílulas que, quando tomadas no início da infecção, diminuem ainda mais a probabilidade de internação.

O número enorme de novas infecções tem nos assustado, mas, como mostram os dados da África do Sul, esse número não é acompanhado por um número proporcional de internações e óbitos. Tudo indica que as novas versões das vacinas, a revacinação periódica da população e os novos medicamentos devem transformar a covid dos vacinados em mais uma doença respiratória que vai acometer todos os anos um número enorme de pessoas. Mas sem consequências maiores para a maioria de nós. E assim, pelo menos para os vacinados, a covid vai se tornar mais uma dessas doenças respiratórias que estragam nossas férias e finais de semana ●

É BIÓLOGO, PHD EM BIOLOGIA CELULAR

NOTAS E INFORMAÇÕES

Menos demagogia, mais saúde

O governo não remediou as deficiências do Mais Médicos petista e agravou a politização da Saúde

Após três anos de gestão – dois em meio à maior crise sanitária dos tempos modernos –, o governo tenta efetivar seu prometido substituto para o programa Mais Médicos, o Médicos pelo Brasil.

Ambos os programas respondem, em tese, a um diagnóstico grave: a falta de médicos nas regiões periféricas do País. O Mais Médicos foi implementado no improviso, como reação do governo Dilma Rousseff às manifestações de junho de 2013. Na prática, o objetivo foi alavancar a candidatura do então ministro da Saúde, Alexandre Padilha, ao governo de São Paulo e a de Dilma Rousseff à reeleição para a Presidência, e, por último, mas não menos importante, financiar a ditadura cubana.

Alardeado pelo lulopetismo como uma "revolução" – como se a mera presença de médicos pelo interior do País fosse uma espécie de panaceia para a saúde pública –, o Mais Médicos esteve desde o princípio eivado de imoralidades e ilegalidades.

As condições de trabalho foram fabricadas para desestimular a adesão de médicos nacionais e estrangeiros. Assim foi possível colonizar o programa com médicos importados de Cuba, que num certo momento chegaram a representar quase 80% do seu contingente. Os médicos cubanos recebiam apenas uma fração do salário previsto. O resto era diretamente transferido aos cofres da ditadura castrista. Além de atropelar a legislação trabalhista, o programa ajudou a transplantar para o território brasileiro práticas da ditadura cubana, como restrições à liberdade de movimento e de expressão dos médicos. Enquanto isso, as demandas de infraestrutura na Saúde eram despudoradamente negligenciadas.

A "descubanização" do Brasil foi uma das principais armas do arsenal eleitoreiro de Jair Bolsonaro. Três anos depois, vê-se que o seu governo é uma réplica exata da gestão petista da Saúde – apenas com o sinal ideológico invertido –, ou seja, uma oscilação ininterrupta entre incompetência e demagogia.

Vencendo uma disputa duríssima com áreas como as Relações Exteriores ou a Educação, pode-se dizer que a Saúde é hoje o setor mais politizado da administração pública brasileira. Essa mixórdia de magógica, com consequências muitas vezes letais, foi exposta em detalhes pela CPI da Pandemia.

O Médicos pelo Brasil coroa a demagogia com a incompetência. O programa foi lançado em 2019, mas atravessou inoperante a pandemia. As deficiências do Mais Médicos não só não foram solucionadas, como se agravaram com o descaso. Os médicos cubanos, obrigados pelo regime castrista a abandonar o programa após as medidas saneadoras implementadas pelo governo Temer, não foram repostos. Ao todo, são 3.390 vagas sem preenchimento. Oito anos depois do Mais Médicos, o diagnóstico inicial continua mais real do que nunca: o direito à saúde de centenas de milhares de brasileiros segue violado.

Como se esse legado das administrações lulopetista e bolsonarista não fosse suficientemente grave, os candidatos honestos imbuídos do espírito republicano nas próximas eleições ainda terão o desafio de combater o vírus da politização inoculado por elas na Saúde ●

Pandemia do coronavírus

Após surto, Anvisa suspende cruzeiro em Salvador

Após a confirmação de 68 casos de covid-19, a Anvisa suspendeu as atividades do navio Costa Diadema, da Costa Cruzeiros, que ficou atracado em Salvador. Os passageiros que testaram positivo para covid-19 ficarão em isolamento em hotéis já reservados pela operadora do cruzeiro. Moradores da cidade de Salvador também foram autorizados a desembarcar na capital baiana.

Outro navio, o MSC Splendida, permanece atracado no Porto de Santos (SP), após a ocorrência de 51 casos positivos de covid-19. Outras 54 pessoas tiveram contato com eles. Todos receberam permissão de desembarque e continuam em monitoramento pelas autoridades. ● CRISTIANE SEGATTO

PREVISÃO DO TEMPO

15 MM

45 %

Domingo 19° 27° | Segunda 19° 28° | Terça 20° 29° | Quarta 20° 28°

Estado de SP

● Sol aparece entre muitas nuvens e chove a qualquer momento. A sensação é de tempo abafado.

Tábuas das marés. Porto de Santos

Capitais

Mundo

Confira a previsão para os próximos dias: www.estadao.com.br/clima-e-tempo/sp-sao-paulo

CLIMATEMPO

AGENDA COVID

Cronograma da vacinação

SÃO PAULO
Hoje, a vacinação está suspensa e será retomada amanhã, com funcionamento nos parques da cidade e nas farmácias parceiras da Avenida Paulista. A aplicação de reforço está disponível para maiores de 18 anos, desde que imunizados com a dose anterior há quatro meses. Além disso, a cidade mantém a dose extra para os demais grupos já elencados, como idosos e imunossuprimidos. Quem tomou a 1.ª dose no exterior poderá completar o ciclo vacinal no Brasil com imunizante diferente do primeiro. As pessoas acima dos 18 anos que receberam a dose única da Janssen há dois meses já podem ser imunizadas com a Pfizer. A 1.ª e a 2.ª doses seguem disponíveis para todos os públicos anteriormente contemplados, como adolescentes de 12 a 17 anos.

CAMPINAS
A Secretaria Municipal de Saúde vai aplicar vacinas sem agendamento até 7 de janeiro. Podem buscar a primeira, a segunda ou a dose de reforço os moradores da cidade. A 3.ª dose é voltada para as pessoas acima de 18 anos, vacinadas há quatro meses.

RIBEIRÃO PRETO
A vacinação será retomada na segunda-feira, dia 3 de janeiro. O público elegível para esta data são adolescentes entre 12 e 17 anos que tomaram a primeira dose até 6 de novembro, que vão receber a segunda aplicação. Foram ofertadas 800 vagas. Na cidade, também ocorre a vacinação para grupos já elencados e que devem se vacinar com a primeira, a segunda e a terceira doses. O atendimento ocorre em 36 pontos das unidades de saúde do município, a partir das 8h30.

SALVADOR
Salvador anunciou que a vacinação está suspensa nesta virada de ano e retomará o calendário somente na próxima segunda-feira, dia 3 de janeiro. A cidade tem vacinado a população por meio da campanha "Liberou geral", imunizando qualquer cidadão da Bahia, sem a necessidade de agendamento. Há vacinação com a primeira dose para adolescentes a partir de 12 anos com ou sem comorbidades, assim como para gestantes e puérperas, e repescagem para aqueles com 18 anos ou mais dos grupos elegíveis. Pessoas acima dos 18 anos, vacinadas há quatro meses e imunossuprimidos que foram imunizados há 28 dias também podem receber o reforço. A dose de reforço da Janssen é exclusiva para o portador do cartão SUS de Salvador. Quem deve tomar a segunda dose poderá se dirigir aos postos.

RIO DE JANEIRO
Os residentes da cidade na faixa etária de 55 anos vão continuar recebendo a dose de reforço contra a covid-19 na segunda-feira. A Secretaria Municipal de Saúde ainda realiza a 3.ª aplicação em pessoas acima de 18 anos, desde que tenham sido imunizadas com a dose anterior há quatro meses. E há 1.ª aplicação a partir de 12 anos. ●

NA WEB
Confira mais algumas cidades e o avanço da imunização
https://bityli.com/7JEnR

Números

A SITUAÇÃO NO PAÍS, COM DADOS DO CONSÓRCIO DA IMPRENSA E DO MINISTÉRIO DA SAÚDE (RECUPERADOS)

[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]

[illegible]
* NÚMEROS DO MINISTÉRIO DA SAÚDE

SÃO PAULO RECLAMA

Falta de energia pública por roubo de cabo

Reclamação de Maria Amélia Santos Oliveira: "Pela terceira ou quarta vez neste ano, com chuva ou mesmo sem, o poste de luz que fica localizado na frente do número 271 da Rua Agenor Rocha, na Ponte Rasa, zona leste da capital paulista, está apagado. Em outras ocasiões ficou apagado ou mesmo piscando sem parar. Por favor, além do conserto, é preciso verificar se tem algo de errado com a fiação deste poste. Esse poste fica quase na esquina e ele ilumina boa parte das outras ruas."

Resposta da Prefeitura de São Paulo, por meio da Coordenadoria de Gestão da Rede Municipal de Iluminação Pública (Ilume): "Após vistoria técnica realizada no endereço indicado nesta terça-feira, a equipe de manutenção fez a reposição de cabo furtado." ●

Teve algum direito como cidadão ou consumidor desrespeitado? O blog Seus Direitos pode ajudar. Envie suas reclamações com os devidos documentos, dados pessoais e contatos além do nome dos envolvidos na questão, para o spreclama@estadao.com

HÁ UM SÉCULO

Anno Novo

A sahida de um anno e a entrada de outro não são, decerto, coisas tão perceptiveis nos nossos sentidos como a passagem de um dia para outro. Sejam ambos, embora, casos parecidos (...), a percepção de um é do outro longe está de se assemelhar. Na plena materialidade do homem que dorme à noite e vela de dia, sentimos a successividade do tempo, parcellado nas ultimas indicações do calendario. Já a successão dos annos é muito diversa para com o humano sensório. Só a percebe, com o estridor desses dias de festa, o homem civilisado... ●

CORREÇÕES

Este espaço se destina à correção de erros publicados na edição impressa do ESTADÃO. Você pode colaborar enviando e-mail para correcoes@estadao.com. As correções abrangem erros como de informação, nome, cargo, dados numéricos, entre outros.

LOTERIA

Para ver os resultados, aponte a câmera do seu celular para o QR Code ou acesse: https://loterias.estadao.com.br/mega-sena.

FALECIMENTOS

Para publicar anúncio fúnebre: Balcão Jordão e [illegible] ou envie e-mail para falecimentos@estadao.com [illegible]

Maria Luza Ribeiro - Aos 87 anos. Era viúva. Deixa os filhos Fátima, Aparecida, Antonio, José, Francisco, Francisca e José Alberto. O enterro foi realizado no Cemitério e Crematório Primaveras.

Maria Nalva da Silva Cachiatore - Aos 86 anos. Era viúva de Armando Cachiatore. Deixa os filhos Cleide, Elcio, Maria e João. O enterro foi realizado no Cemitério e Crematório Primaveras.

Sandra Bueno de Aguiar - Aos 59 anos. Era casada com Eduardo Bretas Leite de Magalhães. Deixa o filho Marcelo. O enterro foi realizado no Cemitério e Crematório Primaveras.

Mônica Yamassita Corrêa - Aos 53 anos. Era casada com Marcos Gomes Corrêa. Deixa a filha Barbara Yamassita. O enterro foi realizado no Cemitério e Crematório Primaveras.

Jacir Jose Chagas - Aos 78 anos. Era casado com Diolinda Souza Chagas. Deixa os filhos Claudet, Claudicéia, Anilton, Flavia e Flavio. O enterro foi realizado no Cemitério e Crematório Primaveras.

Eugenio Petri Neto - Aos 53 anos. Era viúvo de Leide da Silva Santos Petri. Deixa as filhas Gise e Gislene, parentes e amigos. O enterro foi realizado no Cemitério e Crematório Primaveras.

MISSAS

Carlos Leôncio de Magalhães
Dia 3, às 12 horas, na Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na R. Honório Líbero, 100, Jardim Paulistano (7º dia).

Décio Martins Pinto Novaes - Dia 5, às 11 horas, na Paróquia São José, na R. Dinamarca, 32, Jardim Europa (7º dia).

Atletismo

Etíope supera brasileiro no fim e ganha a São Silvestre

Daniel do Nascimento não consegue bater Belay Bezabh, que foi o vencedor no retorno da prova após cancelamento em 2020 por causa da covid-19

Cerca de 20 mil corredores coloriram as ruas de São Paulo ontem

PAULO FAVERO

Os últimos metros da São Silvestre foram decisivos para o brasileiro Daniel do Nascimento. Ele vinha fazendo uma boa prova e iniciou a subida da Av. Brigadeiro Luís Antônio lado a lado com o favorito, o etíope Belay Bezabh. Mas aos poucos o experiente rival, que havia vencido a corrida em 2018, foi se distanciando para fechar a prova com o tempo de 44min54s. Apenas 15 segundos depois chegou o brasileiro. No feminino, quem venceu foi a queniana Sandrafelis Chebet.

"Estou mostrando que é possível um brasileiro voltar a vencer a São Silvestre. No dia 5 de dezembro eu participei da Maratona de Valência e consegui a segunda melhor marca da história para um brasileiro. Muitos achavam que eu não conseguiria chegar bem e descansado para esta prova, mas acho que fui bem", disse Daniel.

A ascensão dele no atletismo tem sido muito grande. Aos 23 anos, ele tem no currículo a participação nos Jogos de Tóquio na maratona. Foi um dos três representantes do País na prova de 42,195 metros. Depois da Olimpíada, obteve um excelente resultado em Valência, marcando 2h06min11s na distância, ficando com a segunda melhor marca brasileira de todos os tempos, atrás apenas do ex-recordista mundial Ronaldo da Costa, que tem o recorde de 2h06min05s.

Surpresa
Atleta olímpica do triatlo, Luisa Baptista, que participou dos Jogos de Tóquio, ficou em 6º lugar

Mas após o feito optou por correr em São Paulo, na tradicional prova de rua, em uma distância que não é sua especialidade. E começou bem, liderando o pelotão, com um grupo de brasileiros correndo em bloco e não deixando os representantes africanos dispararem. Com 12 quilômetros de prova, Danielzinho mantinha a liderança, seguido pelo boliviano Hector Flores, por Belay e pelo queniano Elisha Rotich, este um pouco mais atrás.

No início da subida da Brigadeiro, Danielzinho e Belay brigavam pela liderança. Faltando mil metros, o etíope abriu uma pequena distância para conseguir cruzar a linha de chegada. Danielzinho chegou na segunda posição, pouco depois, seguido pelo boliviano Flores. "Há dois anos, eu falei que ia evoluir muito. Agora eu consegui o segundo lugar na São Silvestre, e quero continuar evoluindo", comentou.

Após o pódio, ele festejou o resultado ao lado da noiva Graziele Zarti, que chegou na sétima posição na prova feminina. "Quero agradecer a todo mundo que me apoiou. Eu iria vir ao Brasil para descansar, mas ganhei essa força dos fãs. É muito bom estar no pódio. Quando junta oportunidade com trabalho duro, dá certo", disse Danielzinho, que prometeu casar em breve.

"Ter uma pessoa do esporte que gosta de você e que cuida de você é incrível. Tem tudo para dar certo, porque casal que batalha junto, vence junto", continuou o corredor, que viu o sofrimento da noiva nos últimos metros da prova. "A conquista dela é minha, e nossa. Eu treino a toda, é uma sensação muito boa", confessou.

O bom desempenho de Danielzinho empolgou os poucos torcedores que se arriscaram a acompanhar de perto a prova na região da Paulista. Houve um pedido da organização para que não houvesse público nos arredores, por causa da pandemia. A competição, inclusive, não foi realizada no ano passado por esse motivo.

Mas após um ano de ausência, a São Silvestre voltou a colorir as ruas de São Paulo no último dia do ano. Em sua 96ª edição, a prova foi realizada seguindo os protocolos sanitários e contou com cerca de 20 mil corredores, entre amadores e profissionais. Alguns usaram máscara facial, mas muitos optaram por não usar o equipamento de proteção, já que era só uma recomendação.

FEMININO. Logo de cara as duas favoritas do continente africano dispararam e abriram larga vantagem em relação às suas adversárias. Em ritmo forte, Sandrafelis Chebet (Quênia) e Yenenesh Dinkesa (Etiópia) aceleraram pelas ruas de São Paulo. Com dois terços da prova, Sandrafelis descolou da rival e não deu brecha para nenhuma outra rival, abrindo uma distância considerável.

Depois de 50min06s, a queniana cruzou a linha de chegada, festejando a vitória e repetindo seu resultado de 2018, quando também foi campeã. Na segunda posição chegou a etíope Yenenesh, com mais de um minuto de diferença, seguida pela brasileira Jenifer do Nascimento, que deu um sprint no final e ficou à frente de Valdilene dos Santos, que acabou em quarto lugar. A também brasileira Franciene Moura completou o pódio. ●

CLASSIFICAÇÃO DA PROVA

MASCULINO

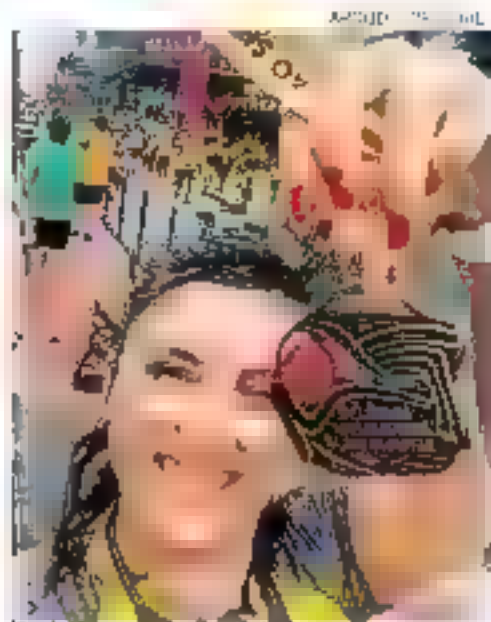
	POSIÇÃO/ATLETA	TEMPO
1º	Belay Bezabh / Etiópia	44min54s
2º	Daniel Nascimento / Brasil	45min09s
3º	Hector Flores / Bolívia	45min15s
4º	Elisha Rotich / Quênia	46min26s
5º	José Márcio Leão / Brasil	46min35s

FEMININO

	POSIÇÃO/ATLETA	TEMPO
1º	Sandrafelis Chebet /Quênia	50min06s
2º	Yenenesh Dinkesa /Etiópia	51min26s
3º	Jenifer Nascimento/Brasil	53min32s
4º	Valdilene Santos /Brasil	53min33s
5º	Franciane Moura /Brasil	54min0[illegible]

'É muito bom estar de volta e sentir esse astral de novo'

DEPOIMENTO

Viviane Jorge
Editora de Arte do Estadão

Saio de casa cedo, antes das 6h30. Espero por esse evento desde dezembro de 2020 e não quero me atrasar. Acho que estou adiantada, mas ao chegar no metrô vejo a onda de uniformes amarelos da São Silvestre, que muitos tiveram a mesma ideia e penso: agora o fim do ano chegou.

Na Paulista, ao ver o clima de festa, sinto um nó na garganta, é muito bom estar de volta e sentir esse astral de novo. Nunca mais estive numa aglomeração como essa, então fico apreensiva, mas são pouquíssimas as pessoas sem máscara.

Largamos às 8h05 e, ao contrário do que imaginei, não saímos em ondas. Então, a largada é aquela confusão animada de sempre. Até a avenida Pacaembu, sigo num ritmo bom. Seguimos e chegamos a um ponto que eu me lembro de ter achado bem puxado quando fiz a prova anteriormente, o viaduto Rudge. Aqui, todos desaceleram um pouco e estou acompanhada de vários malucos divertidos, como o Bozo que distribui narizes de palhaço com frases motivacionais, e a dupla que corre e joga basquete ao mesmo tempo.

Seguimos pelas ruas do centro e pelo 8.º quilômetro, os mais rápidos se distanciam e quem tem uma velocidade mediana como eu, fica com mais espaço e já é possível ficar alguns metros sem máscara.

Seguimos pelo viaduto Maria Paula e entramos na famigerada subida da Brigadeiro debaixo de chuva. Só faltam dois quilômetros, e como dizem os corredores, só nos resta correr com o coração porque as pernas já não me respondem quando falo com elas.

Em 15 minutos, eu chego à Paulista e me emociono na linha de chegada. Completar a prova teve um sabor muito especial, pois corri depois de ter passado por uma cirurgia no joelho em julho. Terminar o ano completando a corrida é uma bela maneira de encerrar um ciclo e renovar as energias. Acho que todo brasileiro deveria participar dessa prova um dia. A São Silvestre é pura diversão e emoção. ●

O MELHOR DA TV

FUTEBOL
● Campeonato Inglês
Arsenal x Manchester City
9h30 / ESPN Brasil
Leicester x Norwich
11h50 / ESPN Brasil
Crystal Palace x West Ham
14h20 / ESPN Brasil

BOXE
● Peso leve
Frank Martin x Romero Duno
19h / FOX SPORTS
● Peso Pesado
Luis Ortiz x Charles Martin
22h / FOX SPORTS

BASQUETE
● NBA
Golden State Warriors x Utah Jazz
23h / ESPN

O ESTADO DE S. PAULO

Tubarões: menos mortes e mais temor

_Há mais chances no País de ser morto por um cão ou uma centopeia

Baixa incidência

Nos últimos 90 anos, 112 pessoas já foram feridas ou mortas por esses animais no litoral brasileiro. Neste fim de ano, houve três casos.

MARIANA HALLAL

O número de incidentes com tubarões no litoral brasileiro em 2021 é o maior da década – mas isso não deve ser motivo para pânico. Três pessoas foram feridas por tubarões e uma morreu depois de ser mordida pelo animal este ano. O incidente fatal aconteceu em Jaboatão dos Guararapes (PE) e envolveu um tubarão-tigre, segundo pesquisadores da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Nos últimos 90 anos, 112 pessoas já foram feridas ou mortas por esses animais no litoral brasileiro.

O biólogo marinho Rafael Franco, gerente técnico do Aquário Marinho do Rio de Janeiro (AquaRio), diz que os tubarões estão presentes em todo o litoral brasileiro. "O tubarão sempre existiu e sempre vai existir. Ele é o topo da cadeia alimentar e é importante para a manutenção do ecossistema", afirma. O principal motivo para o aumento de incidentes com tubarões, segundo ele, é o desequilíbrio ambiental que pode ser provocado, entre outros motivos, pela pesca em excesso e por obras na faixa litorânea (como a construção de portos e o alargamento da faixa de areia). Mais de 80 espécies de tubarão vivem no litoral brasileiro. Os animais estão presentes em toda a costa, do Oiapoque (AP) ao Chuí (RS). De acordo com o Arquivo Internacional sobre Ataques de Tubarões, no Brasil há registros de incidentes envolvendo quatro espécies do animal: mangona, tigre, branco e cabeça-chata.

> *"O tubarão sempre existiu e sempre vai existir. Ele é o topo da cadeia alimentar e é importante para a manutenção do ecossistema."*
> **Rafael Franco**
> Gerente técnico do AquaRio

As ocorrências mais recentes foram registradas em novembro no litoral paulista. Duas pessoas foram mordidas por tubarões em Ubatuba e Ilha Comprida, nos dias 3 e 15, respectivamente. São Paulo não tinha acidentes desse tipo desde 2003, segundo o Arquivo Internacional sobre Ataques de Tubarões do Museu Natural da Flórida (Estados Unidos).

O aumento de incidentes e do aparecimento de tubarões assustam, mas as mortes causadas pelo animal são muito raras no Brasil. Nos últimos dez anos, cinco pessoas morreram por mordida de tubarão nas praias brasileiras – uma morte a cada dois anos, em média. Dados do DataSUS mostram que é mais provável que o brasileiro seja morto por centopeias ou cachorros do que por tubarões.

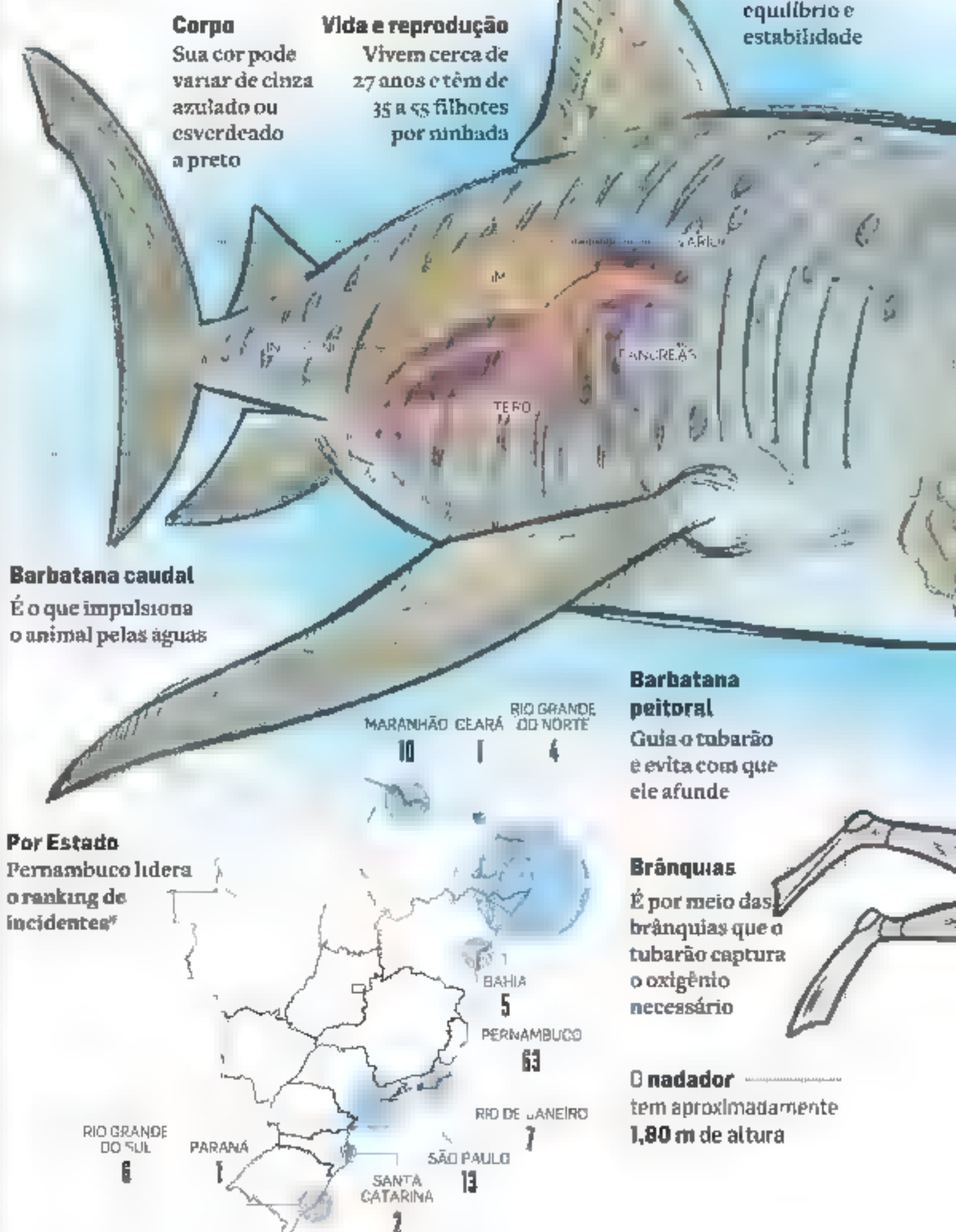
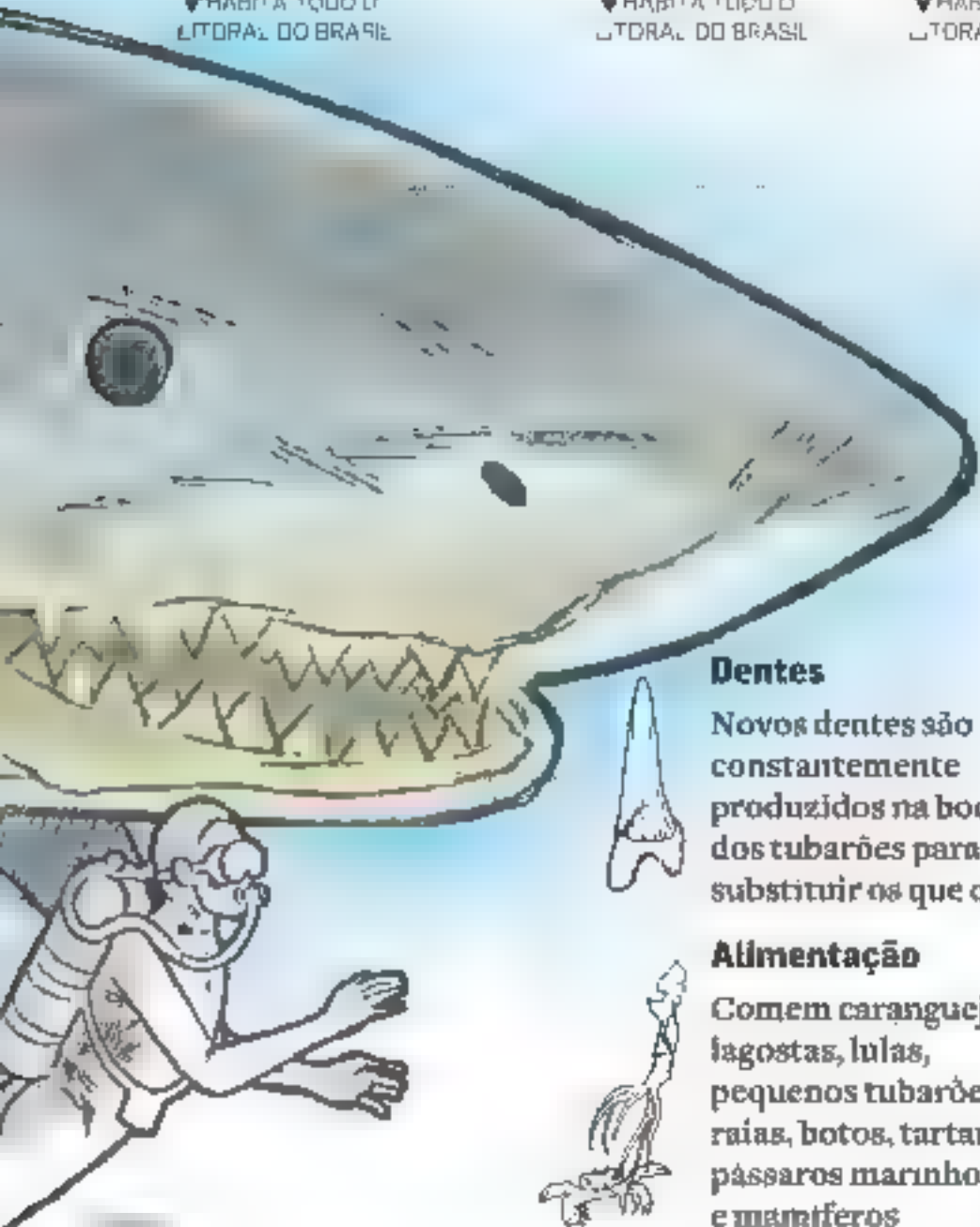
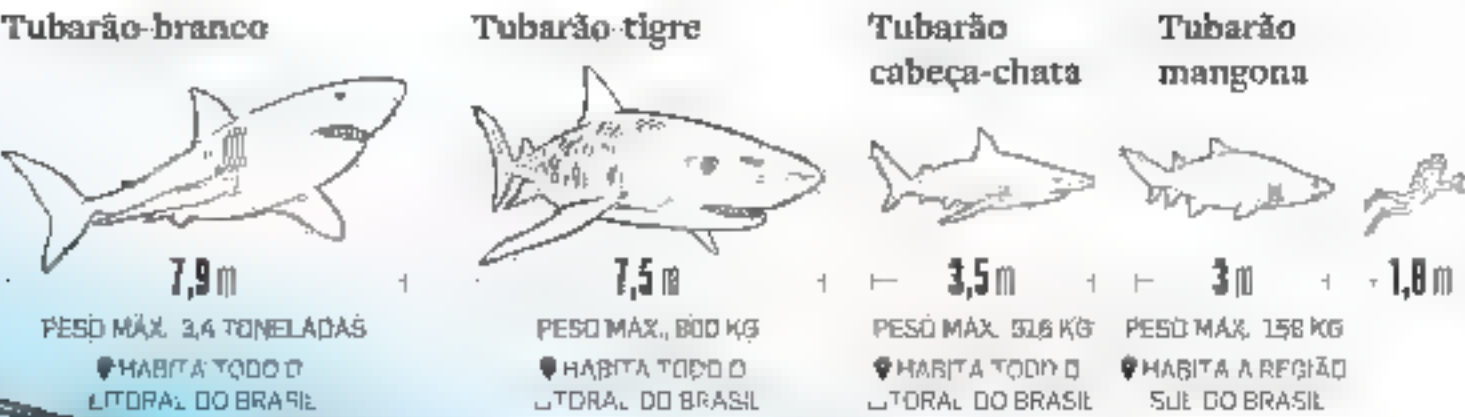
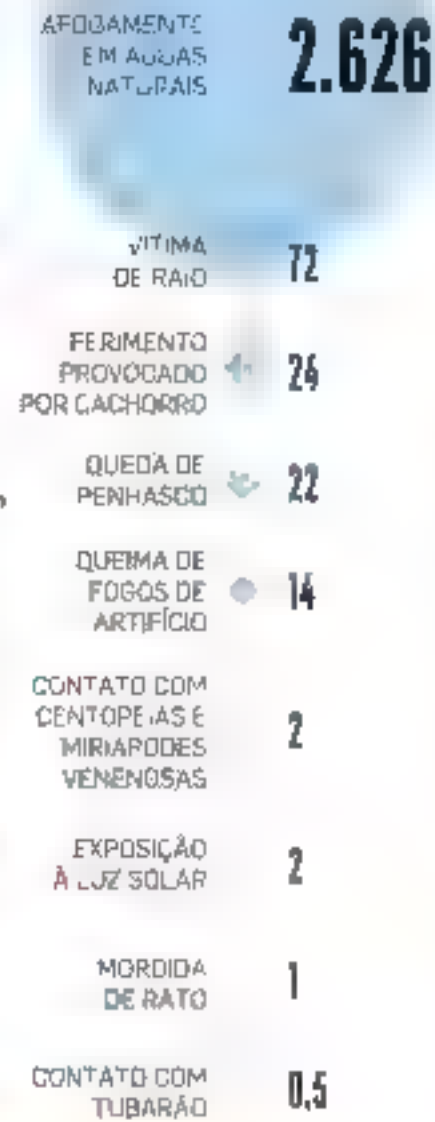
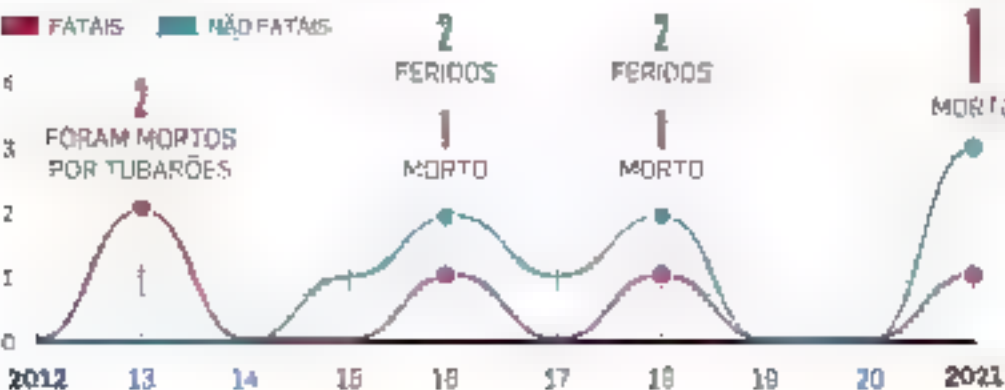
DESEQUILÍBRIO. Incidentes com tubarões são raros e, geralmente, acontecem em locais onde há desequilíbrio ambiental. Franco explica que em muitas praias é possível observar tubarões e seres humanos nadando lado a lado. "Quanto mais equilibrado é o ecossistema, mais seguro é para o ser humano."

Os problemas costumam aparecer quando o peixe está estressado, com a visão prejudicada ou em busca de comida. O biólogo afirma que o tubarão não se alimenta – nem gosta – da carne humana. No entanto, pode confundir a pessoa com algum animal marinho e acabar mordendo uma perna ou um braço. "A forma que o tubarão tem de ver se aquilo ali na frente dele, um alimento, é 'provando'. O problema é que essa 'prova' pode arrancar a perna da pessoa", diz.

Outros tubarões atacam os seres humanos porque são territorialistas, segundo Franco. É o caso dos tubarões branco e cabeça-chata. "Eles se enxergam como o 'rei' do mar", diz Franco. Esses animais identificam o surfista ou o banhista como uma ameaça ao seu território e mordem na tentativa de afastá-los.

A pesca em excesso também pode aumentar o número de encontros entre humanos e tubarões. "Se aumentar a captura dos peixes que o tubarão costuma comer, ele vai acabar nadando até águas mais rasas para buscar o alimento", explica o biólogo. O crescimento da atividade pesqueira também faz aumentar as chances de se pescar um tubarão.

Grandes obras que mexem com a estrutura das praias são outro ponto importante de desequilíbrio ambiental e contribuem para o aumento da inci-

*DE 1931 A 2021. **MORTES CAUSADAS POR TUBARÃO: MÉDIA DE 2011 A NOV. DE 2021. DEMAIS MORTES: MÉDIA DE 2011 A 2019

FONTE: ARQUIVO INTERNACIONAL SOBRE ATAQUES DE TUBARÕES E DATASUS ILUSTRAÇÃO: MARCOS FAERELL INFOGRÁFICO: ESTADÃO

Alertas na Praia de Boa Viagem, no Recife; pesca em excesso também pode levar a aumentos de casos

dência de tubarões. É o caso da praia de Boa Viagem, que tem placas alertando os turistas sobre os perigos envolvendo o peixe. O crescimento no número de ataques se deu na década de 1990, quando o Porto de Suape, a 30 quilômetros dali, passou a operar com mais intensidade.

A praia, segundo Franco, é ponto de reprodução de tubarões. As fêmeas se aproximam da costa em busca de águas mais quentes para ter seus filhotes. Antes, elas nadavam até um manguezal que há ali na região em busca dessas condições. Com a construção do Porto, formou-se uma barreira e elas acabam ficando na praia.

Dessa forma, explica o biólogo, surge o cenário perfeito para incidentes. "A tubarão fêmea não consegue nadar em linha reta até o manguezal, fica quase confinada naquela praia, estressada. Ela também não enxerga direito porque a água é turva, não tem muito alimento à disposição e está com o instinto materno acentuado", diz.

> ***"Se aumentar a captura dos peixes que o tubarão costuma comer, ele vai acabar nadando até águas mais rasas por alimento."***
> **Rafael Franco**
> Gerente do AquaRio

E o problema é visto em mais locais do País, envolvendo, por exemplo, o processo de dragagem, que em alguns casos pode trazer uso de substâncias químicas e afetar a fauna e a flora locais. Relatos de moradores de Camboriú apontam aumento da presença de tubarões na região – pelo menos 16 animais do tipo foram vistos entre agosto e outubro, desde que as obras de alargamento da faixa de areia foram implementadas. Mas não foram registrados ataques a humanos. A prefeitura da cidade catarinense tem destacado que respeita as normas ambientais.

DICAS. Franco dá algumas dicas para reduzir as chances de um encontro fatal com tubarões. A primeira é respeitar as orientações das autoridades locais. Se há placas na praia informando sobre a presença de tubarões, não entre no mar. Respeitar o animal também é importante, afinal aquele é o habitat natural dele. Caso encontre algum tubarão no mar, não tente tirar fotos com ele nem toque no animal. ●

Saiba mais

Temida, trata-se de uma espécie ameaçada

● **Registros em SP**
No dia 3 de novembro, um turista francês sofreu cortes na perna quando nadava na Praia do Lamberto, em Ubatuba. Já no dia 15, uma idosa, moradora de Minas Gerais, sofreu um corte de 25 cm na panturrilha quando se banhava na Praia Central de Ubatuba. Nos dois casos, especialistas concluíram que as lesões foram produzidas por ataques de tubarões.

● **Polêmica**
Há um mês, uma postagem de um dirigente do Tamoios Iate Clube de Ubatuba oferecendo recompensa a quem capturar tubarões gerou polêmica e nota de repúdio de 44 entidades ambientalistas do País. As entidades consideraram "assustador" o fato de circular um e-mail de instituições desinformadas, promovendo uma caça com recompensa ao tubarão. "Esse incentivo é uma prática totalmente desnecessária e pode trazer efeitos muito piores para o equilíbrio dos mares paulistas, afinal, tubarões são peças-chave no controle de águas-vivas, por exemplo", afirmam. O Iate Clube disse que tudo não passou de uma brincadeira e lamentou o ocorrido.

● **Erro no passado**
Segundo entidades ambientais, a caça à espécie já foi realizada no passado no Estado de Pernambuco e em países onde realmente ocorrem ataques sérios aos banhistas, e o que se observou foi um desequilíbrio nos mares que nada alterou quanto aos ataques. "Diversas espécies vivem em nossa costa e muitas delas são proibidas de serem pescadas/caçadas por correrem risco de extinção", acrescenta o comunicado de novembro.

● **Espécie ameaçada**
Ainda segundo a nota, os tubarões já estão entre as espécies mais ameaçadas do planeta, em especial pela sobrepesca, pesca acidental, e não precisam de estímulo para serem predadas e odiadas pelo homem. "O peixe que chamamos de cação nada mais é do que tubarão e arraia", dizem ecologistas.

ALYSSA LUKPAT
THE NEW YORK TIMES

Em 2016, um homem comprou dois itens durante a venda de uma propriedade em Concord, Massachusetts: um colar falso de jade por US$ 1 e um pequeno desenho da Virgem Maria com o Menino Jesus por US$ 30.

Ele guardou o desenho em sua casa, onde o mostrou para um convidado ocasional, seu amigo diria mais tarde. Algo no desenho o intrigava, embora ele não soubesse o quê. Este mês, um painel de especialistas do Museu Britânico em Londres deu uma resposta impressionante: a obra de arte, intitulada *A Virgem e o Menino com uma flor em um banco gramado*, era um desenho desconhecido de Albrecht Dürer, um renomado artista alemão nascido em 1471.

O homem, cuja identidade não foi revelada, fez uma das descobertas mais extraordinárias da arte renascentista em anos, disseram os especialistas. O desenho pode valer milhões de dólares.

A declaração de que era uma obra de Dürer – uma avaliação que não é universalmente compartilhada entre os pesquisadores – surgiu como resultado de um encontro casual e dos esforços de um negociante de arte obstinado que acumulou milhares de milhas aéreas procurando uma resposta.

Primeiro, o encontro. O proprietário do desenho era amigo de Brainerd Phillipson, que possui uma loja de livros raros em Holliston, Massachusetts. Em 2019, Clifford Schorer, um empresário e negociante de arte de Boston, parou na loja para comprar um presente de última hora. Eles começaram a conversar sobre arte, e então Phillipson mencionou que seu amigo tinha o que eles pensaram ser um desenho de Dürer, disse Phillipson em uma entrevista esta semana. As iniciais A.D. na parte inferior do desenho eram "um tanto intrigantes", ele disse.

AGNEWS GALLERY

Obra gasta tem tido cada vez mais confirmações de pertencer a artista alemão do século 15

Uma boa história

Desenho antigo pode ser raridade milionária

Um homem comprou uma figura amarelada da Virgem Maria sem saber que pode ser obra de Albrecht Dürer

Observando que os desenhos de Dürer são extremamente raros e que ele achava que todos já estavam contabilizados, Schorer disse a Phillipson: "Como alguém que conhece Albrecht Dürer por dentro e por fora, acho impossível."

Onze dias depois, o proprietário mandou uma mensagem de texto com fotos da obra para Schorer, que disse ter ido direto para a casa do homem. Schorer sentou-se à mesa da cozinha para olhar a peça. "Era uma obra-prima, a maior falsificação que já tinha visto", ele disse.

Schorer, que se especializou em recuperar obras de arte perdidas, pagou um adiantamento de US$ 100 mil para vender o desenho. Três dias depois, embarcou em um voo para a Inglaterra para entregar o desenho nas mãos de Jane McAusland, uma conservadora de papel que aconselha museus, negociantes e casas de leilão.

Três semanas depois de sua visita, McAusland disse a ele que o desenho havia sido manchado com chá ou café para parecer antigo, disse Schorer. Mas ele pediu que ela olhasse novamente, e ela respondeu por e-mail no dia seguinte com uma imagem. Ele clicou na imagem e ela mostrou uma luz translúcida brilhando através do papel.

Valor inestimável
Confirmada a autenticidade, obra pode chegar à casa dos milhões de dólares

"Tinha a marca d'água do tridente, que está apenas nos desenhos de Albrecht Dürer", ele disse. "Minha cabeça explodiu."

O meio preferido de Dürer era um papel especial feito por seu mecenas, Jacob Fugger, um dos homens mais ricos que já existiram. Apenas a oficina de Dürer tinha acesso a esse papel, que trazia a marca d'água de Fugger, de acordo com Christof Metzger, um especialista em Dürer que estava no painel de especialistas que autenticou o desenho este mês.

Schorer disse que conheceu Metzger, o curador-chefe do Museu Albertina em Viena, em sua viagem por 14 cidades ao redor do mundo para tentar autenticar o desenho. Por mais de dois anos, ele disse, conheceu vários especialistas e todos, exceto um, concordaram que o desenho era um Dürer original. ● TRADUÇÃO LÍVIA BUELONI GONÇALVES

Custo de vida **Indexação da economia**

Inflação alta de 2021 levará a novo aumento de preços no início do ano

Para equilibrar custos, escolas, profissionais liberais e prestadores de serviço devem reajustar valores a partir de janeiro, 'carregando' parte do peso do índice para 2022

MÁRCIA DE CHIARA

A velha regra "ano novo, preço novo" deve voltar com força por causa da herança inflacionária de 2021. O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) bateu dois dígitos – 10,74% acumulado em 12 meses até novembro – e acendeu o sinal de alerta para empresas, escolas, profissionais liberais, prestadores de serviços, entre outros, reajustarem seus preços pela inflação, a fim de atenuar perdas acumuladas nos últimos meses.

A inércia inflacionária, como é conhecida entre os especialistas o mecanismo de aumentar os preços hoje de olho no retrovisor, deve responder pela metade da inflação de 2022, segundo cálculos do economista do Credit Suisse, Lucas Vilela. "A inércia, com certeza, vai ser o principal vilão da inflação em 2022", afirma.

Vilela, que chegou a essa conclusão por meio de estudos econométricos, argumenta que, por causa da expectativa de uma economia fraca em 2022, não é esperada grande pressão de demanda para elevação de preços. O que deverá pesar no decorrer do ano são os reajustes com base na inflação.

Apesar de não ter números sobre o impacto da inércia na inflação de 2022, Fabio Romão, economista da LCA Consultores, também acredita que será mais forte do que em outros anos. Isso porque a inflação de 2021 atingiu dois dígitos e, com os serviços retomando, esse setor vai tentar compensar as perdas da pandemia. "Tudo indica que teremos mais indexação."

HERANÇA. Segundo estudo do Credit Suisse, que projeta inflação de 6% para 2022, bem acima do esperado pelo Banco Central (4,7%) e pelo mercado (5,03%), de acordo com o Boletim Focus, 3 pontos porcentuais da inflação de 2022 resultarão da inércia inflacionária.

A economista Maria Andréia Parente Lameiras, pesquisadora do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), tem avaliação diferente. "Existe uma herança, mas não é tudo isso. O acréscimo em 2022 por causa da inércia será marginal." Ela argumenta que o brasileiro perdeu um pouco a cultura do repasse. Além disso, a previsão de demanda fraca pode funcionar como freio nos preços.

Romão, da LCA, apesar de considerar que o impacto da inércia será forte, pondera que os efeitos da alta de 7,25 pontos porcentuais da taxa básica de juros sobre a atividade podem mitigar os reajustes.

Vilela, do Credit Suisse, acredita que a memória inflacionária ainda é bastante arraigada e esse mecanismo de defesa se manifesta quando a inflação dá um salto, como ocorreu em 2021. "Quando a inflação está baixa, na casa de 2% ao ano ou menos, as pessoas não se preocupam com a inflação passada e deixam de criar mecanismos perversos, contratos indexados, e olham para o futuro."

A persistência de aumentos de preços se dá por meio da indexação, seja formal, prevista em contratos, ou informalmente, com base na percepção das pessoas. Esse é o caso de profissionais liberais, como médicos e dentistas, ou prestadores de serviços, como encanadores e eletricistas. Pressionados por aumentos de custos, esses trabalhadores também veem seu dinheiro valer menos nas compras do supermercado, por exemplo. O passo seguinte é aumentar o valor da consulta ou da diária para se proteger.

SALÁRIO MÍNIMO. Os aumentos de preços em razão da inflação são transmitidos de várias formas. Um dos mais importantes é o custo da mão de obra, que impacta especialmente os serviços. O valor do salário mínimo, que é corrigido pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), aumentou 10,18%, para R$ 1.212. O reajuste supera a inflação oficial medida pelo IPCA, que deve ficar em 10,02% em 2021, segundo projeções. O salário mínimo é indexador das aposentadorias e outros benefícios sociais.

Nas escolas, um dos principais custos é o salário dos professores, que é reajustado pelo INPC. Pesquisa nacional recente mostrou que mais da metade (53%) das escolas de ensino fundamental e médio planejam aumentar as mensalidades e as matrículas entre 7% e 10%, de acordo com a consultoria Meira Fernandes, especializada em educação. O presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo (Sieeesp), Benjamin Ribeiro da Silva, espera uma alta ainda maior das mensalidades, entre 10% e 13%.

ALUGUEL. Entre os preços administrados, isto é, aqueles que precisam da chancela de órgãos do governo, um destaque são os produtos farmacêuticos. A regra do reajuste para esses itens é a variação do IPCA do ano anterior, menos 1 ponto porcentual de ganho de produtividade. Com isso, é possível esperar um reajuste de 9% dos produtos farmacêuticos, ante 6,6% em 2021, diz Romão.

A tarifa de ônibus urbanos também é um preço administrado que deve pesar, lembra o economista da LCA. Como o valor da passagem é muito influenciado pelo óleo diesel, que deve fechar 2021 com alta de 47,5%, Romão espera aumento de 10% em 2022.

Já o aumento dos aluguéis, regido por contratos normalmente reajustados pelo Índice Geral de Preços – Mercado (IGP-M), foi quebrado parcialmente. Como o IGP-M disparou em 2020 e em 2021 acumulou alta de 17,78%, proprietários e inquilinos buscaram outros indexadores como o IPCA. Ainda assim, será um reajuste menor, mas de olho no retrovisor. ■

ALEX SILVA/ESTADÃO – 2/8/2021

Preço das mensalidades escolares deve subir de 10% a 13% em 2022, de acordo com sindicato do setor

Na ponta do lápis

Salário mínimo
O salário mínimo teve aumento de 10,18%, de R$ 1.100 para R$ 1.212. Ele baliza o preço da mão de obra de vários serviços e é o indexador de aposentadorias e benefícios sociais

Escolas privadas
As escolas são livres para reajustar preços, desde que apresentem uma planilha de custos. Salários de professores, que seguem o INPC, estão entre os maiores custos

Produtos farmacêuticos
A regra para reajustar os produtos farmacêuticos estabelecida pela ANS é a variação do IPCA menos 1 ponto percentual de ganho de produtividade. Como o IPCA deve subir cerca de 10% em 2021, é esperado um reajuste de 9% para 2022

Ônibus urbanos
Tarifas são muito influenciadas pelo custo do óleo diesel, que deve fechar 2021 com alta de 47,5%. Projeções apontam para um reajuste da passagem de ônibus de 10%

Aluguéis
Os contratos de aluguéis eram reajustados pelo IGP-M. Mas, como o índice disparou (subiu 23,14% em 2020 e 17,78% em 2021), proprietários e inquilinos buscaram usar outros indexadores como o IPCA, que aumentou 10,74% em 12 meses até novembro

Concorrência privada no refino no Brasil

ARTIGO

Edmar de Almeida
Professor do Instituto de Energia da PUC

A Petrobras concretizou a venda das suas primeiras refinarias, no âmbito de um longo processo de reposicionamento estratégico e de revisão do modelo de organização do setor de refino nacional. A venda da Refinaria Landulpho Alves (RLAM), na Bahia, e da Refinaria Isaac Sabbá, no Amazonas, representa o maior passo que o País já deu para a criação de um setor de refino dinâmico e concorrencial.

Com essa reestruturação e a introdução da concorrência no setor de refino, a Petrobras busca rever seu posicionamento na cadeia de valor do setor para alavancar seus investimentos no pré-sal, ao mesmo tempo que reduz seu endividamento. Por sua vez, o governo federal busca atrair investidores para o setor com a criação de um ambiente de mercado aberto e competitivo.

Estes dois movimentos podem finalmente implementar no setor de refino uma das principais diretrizes da política energética nacional estabelecidas ainda na década de 1990, por meio da Lei 9.478/97, que é a promoção da concorrência no setor de energia nacional.

Desde a abertura do setor de petróleo, a Petrobras não conseguiu realizar os investimentos necessários para atender a crescente demanda, e o País ficou mais dependente das importações de derivados. As empresas privadas, por outro lado, não conseguiram investir no setor de refino nacional por causa das barreiras de entrada associadas ao poder de mercado da Petrobras, em razão da política de preços da estatal. O resultado foi um equilíbrio ruim para os consumidores brasileiros, no qual nem a Petrobras investe o necessário para abastecer o mercado nacional nem deixa outros interessados entrarem.

> ***Só com um ambiente concorrencial o setor poderá atrair investidores para os desafios à frente***

Com o fim do monopólio, não é mais viável a Petrobras subsidiar combustíveis sem criar uma desvantagem concorrencial insustentável. Os preços dos combustíveis são livres e não existe embasamento econômico nem legal para a Petrobras vender combustíveis abaixo do mercado internacional. Só seria factível por meio de subsídios diretos pelo Tesouro Nacional, como aconteceu em 2018, após a greve dos caminhoneiros.

O setor de refino nacional precisa, ao mesmo tempo, expandir a capacidade de oferta de combustíveis e se preparar para a transição energética que se aproxima. Essa transição vai exigir um enorme volume de investimentos em inovação para transformar as refinarias nacionais em parques energéticos sustentáveis. Mas isso não será possível num mundo de monopólio estatal e penúria de capital. Ao contrário, é somente por meio de um ambiente concorrencial que o setor de refino nacional poderá atrair investidores para os desafios que se aproximam. ●

Dinheiro público **Queda de braço**

Governo recebe R$ 62 bilhões do BNDES, abaixo do esperado

Acordo previa valor de R$ 100 bilhões no ano, dinheiro que serviria para reduzir a dívida pública em relação ao PIB

[illegible]
BRASÍLIA

NACHO DOCE/REUTERS

BNDES tem possibilidade de adiar pagamentos ao Tesouro, caso estes possam afetar seu resultado

Numa queda de braço com o Ministério da Economia, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) descumpriu o acordo fechado no início de 2021 que previa a devolução de R$ 100 bilhões dos empréstimos feitos pelo Tesouro ao banco estatal.

O ministro da Economia, Paulo Guedes, contava com a devolução desses R$ 100 bilhões na sua estratégia para reduzir a dívida pública em 2021, depois dos gastos maiores com a estratégia de combate da pandemia da covid-19, a partir de março de 2020.

Nas projeções para a dívida bruta, a equipe econômica contava com o cumprimento do cronograma de devolução de R$ 100 bilhões em 2021 e de mais R$ 54 bilhões em 2022. Para 2021, o governo projetava uma dívida de 80,6% do Produto Interno Bruto (PIB), com queda para 79,5% no ano seguinte. Esse cenário agora terá de ser alterado.

O BNDES fez esta semana o último pagamento do ano, no valor de R$ 3,5 bilhões, totalizando R$ 62,6 bilhões de devolução antecipada em 2021. Outros R$ 4,6 bilhões foram pagos referentes às parcelas ordinárias.

ENTENDA O CASO. Os empréstimos do Tesouro ao BNDES marcaram a política econômica dos governos Lula e Dilma Rousseff e serviram para bancar o financiamento de empresas com juros mais baratos e taxas subsidiadas.

Após o Tribunal de Contas da União determinar a irregularidade das operações, há quase cinco anos, foi fechado um cronograma de devoluções, após certa resistência do BNDES, que chegou a ser cobrado pelo Ministério Público junto ao TCU no que se refere à realização dos pagamentos.

Em março deste ano, no entanto, o próprio banco de fomento havia confirmado que devolveria antecipadamente os valores em proposta encaminhada ao Tribunal de Contas da União (TCU).

O plenário do TCU considerou irregulares os contratos de empréstimos firmados entre a União e os bancos públicos realizados por meio da emissão direta de título do Tesouro, seja para a realização de políticas públicas setoriais ou para aumento de capital da instituição financeira.

O objetivo da devolução é viabilizar a redução do saldo da dívida pública mobiliária federal e do montante projetado de subsídios creditícios. Mas a operação sempre foi alvo de resistência do banco, que contava com parte dos títulos repassados pelo Tesouro no seu caixa para reforçar o seu lucro.

Questionado pelo **Estadão**, o banco alegou que o plano de devolução tinha dois cronogramas de antecipação distintos: um de compromisso firme, no qual as antecipações deveriam observar o ritmo do retorno dos recursos empregados em operações de crédito, e outro chamado de "melhores esforços", cuja efetiva execução está sujeita ao atendimento de "certas condições" precedentes que terminaram por não se realizar.

No comunicado, o BNDES não explicou que condições seriam essas. Mas reconheceu que o cronograma de melhores esforços é uma forma de acelerar a liquidação antecipada que está sujeita à determinados condicionantes que não levem "à perda financeira do banco".

PREJUÍZO. Como os empréstimos do Tesouro posteriormente considerados irregulares pelo TCU foram feitos em condições mais favoráveis, esse tipo de cronograma, na prática, abre brecha para que a antecipação não ocorra porque o banco sempre alegará que terá perdas com o repasse ao Tesouro.

A articulação do banco de usar esse tipo brecha gerou atrito com o Ministério da Economia, especialmente em um momento em que o compromisso do governo com a austeridade fiscal está sendo questionada pelo mercado.

De acordo com o banco de fomento, o saldo dos passivos considerados irregulares soma R$ 98 bilhões. O banco informou que a velocidade da liquidação dependerá do atendimento de condicionantes que levem a perdas.

Procurado pelo **Estadão**, o Ministério da Economia informou que o cronograma só estará cumprido no encerramento das devoluções. ●

Longa disputa

● **Empréstimos baratos**
Os empréstimos do Tesouro ao BNDES foram uma política dos governos Lula e Dilma, que ofertava financiamentos mais baratos a empresas

● **Ilegalidade**
A prática foi considerada ilegal pelo TCU, que definiu a devolução dos recursos

● **Devolução**
Foi definido, então, um cronograma de devoluções, que deixou algumas brechas para adiamentos, como a que ocorreu agora

● **Abaixo do esperado**
Com menos recursos, o Ministério da Economia vai ter de alterar seus cálculos de redução da dívida pública

Aquisição Gigante das persianas

3G Capital compra Hunter Douglas por US$ 7,1 bilhões

BRUNA CAMARGO

O grupo 3G Capital, dos brasileiros Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Carlos Alberto Sicupira, fechou um acordo de US$ 7,1 bilhões para aquisição do controle acionário da Hunter Douglas, multinacional holandesa de persianas, cortinas e fabricante de produtos arquitetônicos.

A transação avaliou em € 175 (US$ 198) as ações ordinárias da Hunter Douglas, o que resulta em um total de aproximadamente US$ 7,1 bilhões. O valor representa um prêmio de 73% em relação ao preço de fechamento da Hunter Douglas na sessão de 30 de dezembro.

O negócio representa mais uma investida dos brasileiros em gigantes tradicionais da chamada economia real, com foco em bens de consumo que fazem parte do dia a dia da maioria das pessoas.

Com a ajuda do megainvestidor Warren Buffet, o 3G foi responsável pelo negócio que resultou na Kraft Heinz, gigante de alimentação formada pela combinação das duas empresas americanas, e tem ainda no seu portfólio as marcas Burger King, além da multinacional de bebidas AB InBev.

João Castro Neves, ex-CEO da AB InBev e sócio sênior da 3G Capital, deverá atuar como presidente da companhia após a conclusão da transação, prevista para acontecer no primeiro trimestre de 2022.

Ralph Sonnenberg, filho do fundador da Hunter Douglas e dono de 93,6% das ações, concordou com a oferta. Após a transação, a família ficará com 25% do capital da empresa. ●

Para entender

● A Hunter Douglas surgiu a partir da parceria de Henry Sonnenberg e Joe Hunter, na década de 1940. Com sede em Roterdã, Holanda, atua em mais de 100 países, por meio de 136 companhias. Em 2021, as receitas somaram US$ 3,4 bilhões

Reajuste Impacto financeiro

Novo mínimo terá impacto de R$ 40,8 bi nas contas do governo

LORENNA RODRIGUES
LUCI RIBEIRO
BRASÍLIA

O reajuste do salário mínimo em 2022 aumentará despesas do governo federal em cerca de R$ 40,8 bilhões, de acordo com cálculos do Ministério da Economia.

Ontem, o presidente Jair Bolsonaro editou medida provisória que fixa em R$ 1.212 o valor do salário mínimo que vai vigorar a partir de hoje, 1.º de janeiro de 2022. O valor é R$ 112 acima dos atuais R$ 1.100, mas, pelo terceiro ano seguido, não representa ganho real para o bolso do brasileiro.

De acordo com as estimativas do governo, para cada aumento de R$ 1 no salário mínimo, despesas com benefícios previdenciários, abono, seguro desemprego e Benefícios de Prestação Continuada (BPC) aumentam em aproximadamente R$ 364,8 milhões no ano de 2022.

Apesar da pressão política por um reajuste acima da inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), o governo não promoveu aumento real do salário mínimo por causa do impacto que causaria nas contas públicas, já que os benefícios da Previdência e também sociais estão atrelados ao valor. O reajuste para 2022 repõe apenas a perda no poder de compra dos brasileiros, devido à alta de preços ao longo de 2021.

A última vez que o salário mínimo teve ganho real foi no início de 2019, primeiro ano de mandato de Bolsonaro, quando ele assinou um decreto atualizando o valor do piso de acordo com a política de valorização aprovada no governo Dilma Rousseff (PT) e válida de 2016 a 2019. ●

Sem ganho real

R$ 112 é a diferença do valor do novo salário mínimo em relação ao anterior; trata-se do terceiro ano seguido sem aumento real

A consultoria que gerencia bilhões de dólares em caridade

RICK WILKING/REUTERS

MacKenzie Scott, ex-mulher de Jeff Bezos, da Amazon, faz doações com o auxílio da Bridgespan

ARTIGO

Nos últimos 18 meses, muito se ouviu sobre MacKenzie Scott, a filantropa bilionária e ex-mulher de Jeff Bezos, da Amazon. Ela doou generosamente a instituições de caridade na linha de frente da pandemia, incluindo bancos de alimentos, escolas e programas de saúde infantil. Pouco conhecida, porém, é a consultoria que ajudou a distribuir quase US$ 9 bilhões em nome dela: o grupo Bridgespan.

Uma consultoria sem fins lucrativos, a Bridgespan surgiu há cerca de 20 anos, a partir da Bain & Company, consultoria de gestão, por iniciativa de três pessoas, incluindo um ex-sócio. O que começou como um punhado de pessoas inteligentes trabalhando em um pequeno escritório em Boston é agora uma operação global de 329 pessoas com US$ 59 milhões em receitas operacionais em 2020.

Eles aconselharam alguns dos maiores doadores do mundo, incluindo a Fundação Bill & Melinda Gates, a Fundação Ford e a Bloomberg Philanthropies. A lista de grupos sem fins lucrativos com os quais trabalha não é menos impressionante, incluindo centros de pesquisa de ponta, como a Johns Hopkins Bloomberg School of Public Health e instituições de caridade de renome como a YMCA.

> *Hoje é norma que os filantropos tratem doações como investimentos, monitorando os projetos que criam*

A Bridgespan tem duas linhas principais de negócios. Aconselha doadores ricos, estudando seus interesses e ajudando-os a criar uma estratégia de doação, pesquisando e fazendo a devida diligência em organizações em potencial para as quais possam doar. Também ajuda grupos sem fins lucrativos a operar com mais eficiência. Além disso, está envolta em mistério. As únicas informações públicas sobre a empresa estão contidas em formulários fiscais e comentários estranhos de antigos clientes.

Em dezembro, MacKenzie Scott anunciou planos para um novo site, com um "banco de dados que se possa pesquisar" detalhes sobre seu processo de decisão. Mas muitas pessoas ricas gostam de sua privacidade – e os "Bridgespanners" sabem ficar calados.

TRAJETÓRIA A história da Bridgespan é, em parte, a história do filantrocapitalismo, movimento que começou por volta da virada do milênio, quando bilionários começaram a aplicar princípios de negócios às suas doações. Agora é norma os filantropos tratarem doações como investimentos, criando fundações, monitorando os projetos e quantificando o retorno de seu dinheiro. Toda uma indústria surgiu para apoiar esta "filantropia de risco", incluindo consultorias, como Bridgespan, Rockefeller Philanthropy Advisors e Arabella Advisors, assim como pesquisadores, redes de doadores e provedores de dados, como o Candid e o National Center for Family Philanthropy (NCFP).

MacKenzie Scott transformou esse modelo. Ela adiou a criação de uma fundação, terceirizando o processo de seleção de beneficiários, o modo de contatá-los e a distribuição do dinheiro. "Isso sinaliza algo novo, que está empregando bilhões de dólares por meio de intermediários", disse Nick Tedesco, chefe do NCFP. A Bridgespan, com muito poder e grandes contratos, tem grande responsabilidade.

O primeiro desafio para qualquer organização tentando decidir quem merece uma doação multimilionária é ter certeza de que ela tem o quadro completo fazendo um bom trabalho em comunidades pobres. A Bridgespan alardeia seus escritórios na Índia e na África do Sul, cheios de funcionários locais. Contrata quase duas vezes mais mulheres do que homens e menos da metade de sua equipe é branca. Nidhi Sahni, que dirige a consultoria americana da Bridgespan, diz que a empresa se certifica de não se limitar aos "suspeitos de sempre". Ela é inflexível, por exemplo, ao considerar que a proficiência em inglês não deve determinar se um potencial beneficiário chega ao radar da empresa.

O próximo obstáculo é lidar com potenciais conflitos de interesse. Consultores que aconselham pessoas ricas sobre como doar seu dinheiro geralmente também trabalham com grupos sem fins lucrativos que lutam por fundos. William Schambra, do centro de estudos Hudson Institute, teme que os líderes dessas organizações possam se sentir compelidos a contratar a Bridgespan para obter conselhos, de modo que possam vir à mente deles quando a consultoria recomendar possíveis beneficiários.

A notícia de que o grupo está aconselhando Scott, que diz que planeja doar sua fortuna de quase US$ 60 bilhões "até que o cofre esteja vazio", só aumenta a pressão. "Se eu tivesse uma organização sem fins lucrativos, estaria batendo na porta deles", diz Schambra.

> *Toda uma indústria surgiu para apoiar a 'filantropia de risco', incluindo consultorias e provedores de dados*

A resposta da Bridgespan é simples: "Considerando as organizações incríveis com as quais trabalhamos, algumas com nomes familiares, seria surpreendente não ter algumas delas chamando a atenção de doadores." William Foster, sócio-gerente do grupo, deixa claro que não pode conseguir um almoço para um líder sem fins lucrativos com um doador de renome.

Em sua política de conflito de interesses, a Bridgespan diz que "não faz apresentações a clientes doadores ou compartilha informações confidenciais sobre suas prioridades ou estratégias". Nem promove organizações sem fins lucrativos para doadores em potencial. Mesmo assim, um em cada 20 grupos que recebeu financiamento de um filantropo que assessora também foi cliente nos cinco anos anteriores. A lista de organizações para as quais Scott doou dinheiro inclui vários clientes da Bridgespan.

LUCRO? Existe outro grande conflito. A Bridgespan, como muitos intermediários no mundo da filantropia, é uma organização sem fins lucrativos. De certa forma, isso é surpreendente. Embora a Bridgespan não divulgue seu modelo de preços, pesquisadores que cobrem o setor filantrópico dizem que suas taxas podem ser pesadas. E ela compete por projetos com consultorias com fins lucrativos, como a McKinsey.

No entanto, as taxas da Bridgespan cobrem cerca de 75% dos custos e, como muitas organizações sem fins lucrativos, depende de doações para financiar seu trabalho. As consequências podem ser complicadas. Junto com grupos que trabalham com educação, saúde, igualdade de gênero e direitos dos homossexuais, a lista de donatários de Scott inclui uma série de intermediários no setor filantrópico – incluindo o próprio grupo Bridgespan. ●

TRADUÇÃO LÍVIA BUELONI GONÇALVES

Varejo **Canais de distribuição**

Pernambucanas segue tendência de rivais e estreia na venda direta

Segundo a empresa, digitalização do setor na pandemia ajudou a acelerar o projeto; objetivo é que o 'porta a porta' represente 10% das receitas em 5 anos

MÁRCIA DE CHIARA

A centenária varejista Pernambucanas estreou em dezembro na venda direta, seguindo uma tendência que ganha força entre as redes de comércio especializadas em vestuário. A empresa já investiu cerca de R$ 10 milhões em tecnologia, treinamento e processos para começar a operar esse novo canal. Em cinco anos, a meta é que a venda direta responda por cerca de 10% do faturamento anual, hoje de R$ 5 bilhões.

"No passado, fizemos vários ensaios, mas a barreira era a operação feita por meio de catálogos físicos enviados pelos Correios, era tudo muito lento e difícil de entrar nesse mercado", afirma Sergio Borriello, CEO do grupo.

Com a pandemia, houve uma rápida digitalização da venda direta. Isso facilitou o ingresso da empresa no setor. O CEO explica que a companhia já tinha catálogos digitalizados que usava na venda por meio de WhatsApp e no comércio online. O passo seguinte foi combinar as plataformas digitais com as lojas físicas.

PRODUTOS E SERVIÇOS. Por meio de revendedores, a empresa comercializa não apenas artigos de vestuário, calçados, utilidades domésticas, eletroeletrônicos, mas também produtos e serviços financeiros oferecidos pela Pefisa, a fintech do grupo, como cartão, crédito e seguro.

No mapa

161 **é o total de lojas da rede atualmente, que está presente em 11 Estados e no DF; plano é chegar a AL, AM e CE em 2022**

"O que a gente vê é muitas empresas buscando a venda direta como mais um canal de comercialização", diz Adriana Colloca, presidente da Associação Brasileira das Empresas de Venda Direta (ABEVD). Nos últimos dois anos, a entidade tem sido procurada por empresas do varejo de itens de vestuário, lojas de departamento e até o setor de serviços financeiros.

Borriello diz que a venda direta de produtos financeiros é um diferencial. Antes de a Pernambucanas decidir ingressar no setor, artigos de vestuário já respondiam por 22% do mercado da venda direta. Em 2020, a venda direta movimentou R$ 45 bilhões no País e avançou 10% sobre o ano anterior, segundo a ABEVD. O Brasil é hoje o sexto maior mercado em venda direta, cuja liderança é disputada por China e EUA.

Usando a venda direta, a Pernambucanas quer aumentar a capilaridade da rede e reconhecer algo que já acontece de fato. Em municípios menores próximos de cidades onde há lojas do grupo, muitas pessoas compram mercadorias da marca para revendê-las, diz Borriello.

ENTREGAS ÁGEIS. No modelo da venda direta traçado pela companhia, a loja física funciona como um minicentro de distribuição, o que torna as entregas mais ágeis. O consumidor pode comprar o produto por meio do revendedor e retirá-lo na loja física em até duas horas. Ou o revendedor pode se encarregar da entrega da compra, tendo a loja física como sua base de apoio.

O canal da venda direta terá duas formas de operar. Em uma, os revendedores compram os itens da loja, com desconto, e revendem para sua rede de contatos. Na outra, usam o catálogo virtual para divulgação aos clientes, que fazem as compras. Neste caso, a comissão do revendedor pode chegar a 10%, diz o executivo.

"A venda direta encontra hoje uma massa de pessoas, potencialmente revendedoras, ávidas para ter uma renda adicional", observa o consultor de varejo Eugênio Foganholo, sócio da Mixxer Desenvolvimento Empresarial. A Pernambucanas tem cerca de mil revendedores, mas a meta é chegar a mais de 1,5 milhão nos próximos 12 meses. ●

Walter Schalka

‘Os empresários não podem se omitir da política’

Setor produtivo deve contribuir na definição de plano estratégico do País, diz presidente da Suzano

GABRIELA BILO/ESTADÃO – 8/1/2018

Walter Schalka, da Suzano, afirma que o País precisa se livrar da atual ‘armadilha da polarização’

ENTREVISTA

Formado pelo ITA em Engenharia, Walter Schalka teve passagem pela Votorantim antes de assumir a gigante de celulose e papel

FERNANDO SCHELLER

O presidente da Suzano, Walter Schalka, diz que o Brasil precisa de um plano estratégico – algo que o País não tem atualmente nas mais diversas áreas, seja saúde, educação ou habitação. Nesse sentido, de acordo com ele, está claro que os empresários, que vivem fazendo planos para a atuação das companhias que dirigem, podem – e devem – meter a colher na política.

O executivo, que está à frente da gigante de papel e celulose há quase uma década e que antes passou pela Votorantim, afirma que, durante muito tempo, o setor produtivo tentou se distanciar do governo, especialmente por causa da noção de que a política estava totalmente contaminada pela corrupção.

“Teremos de transformar o Brasil sim pela política, é a única forma. Precisamos eleger um Executivo melhor, um Congresso melhor, para que possamos fazer a ponte para projetos e alternativas para o Brasil do futuro”, disse Schalka, em entrevista ao **Estadão**.

Embora concorde que a definição de um plano estratégico para o País tenha de incluir um debate plural nos mais diversos setores, Schalka afirma há tempos que um problema brasileiro está claro: a presença exagerada que o governo tem na economia. “O Brasil precisa fazer uma redução do tamanho do Estado, que hoje representa 36% do PIB (*Produto Interno Bruto*). Isso pode ser feito com uma combinação de privatização e reforma administrativa.”

Leia, a seguir, os principais trechos da entrevista.

O Brasil vive uma expectativa ruim para 2022, agravada pela eleição presidencial, que deve trazer mais instabilidade. Qual sua visão do País atualmente?
O Brasil está perdendo uma grande oportunidade de inserção geopolítica internacional, de fazer um salto de qualidade para a população brasileira. Nós caímos numa armadilha política muito ruim da polarização e esquecemos que temos de construir um projeto para o Brasil. E esse projeto pode criar oportunidade significativa para aumentar a qualidade de vida dos brasileiros em saúde, habitação, educação e pela geração de empregos e oportunidades de desenvolvimento e crescimento.

Ou seja: falta planejamento, falta direcionamento.
Certamente. A primeira coisa que você faz é criar um planejamento estratégico para saber quais são suas competências e bases para o futuro. O Brasil está virando cada vez mais um país do agronegócio. E o agronegócio é ótimo – mas não pode ser só ele. O Brasil tem de ter outras virtudes. E o salto de qualidade passa obrigatoriamente para a educação, por um plano. Lá atrás, tivemos o objetivo de educação universal. Mas a nossa educação é ainda de baixa qualidade. Qual vai ser o modelo de negócios do Brasil para o futuro? Temos de debater, de agir, de buscar relevância global. Não podemos ser só exportadores de produto básico, minério e agricultura. Somos mais do que isso.

Muito se falou que as reformas estruturais eram o caminho, mas elas não saíram do papel. E agora o teto de gastos está comprometido. Isso atrapalha?
Minha percepção é de que as reformas são condições precedentes, necessárias e absolutamente fundamentais para que a gente possa fazer essa mudança da economia. O Brasil precisa fazer uma redução do tamanho do Estado, que hoje representa 36% do PIB. Isso pode ser feito com uma combinação de privatização e reforma administrativa. Mas agora temos de esperar a eleição. Espero conseguirmos fazer isso a partir de 2023.

Com esses problemas, como o sr. vê a perspectiva de crescimento para 2022?
Nos últimos dez anos, a taxa de crescimento médio no Brasil foi próxima de zero. O Brasil precisa repensar esse modelo (*econômico*) e precisa sair da polarização. E é necessária a participação ativa dos empresários na questão eleitoral para que se saia dessa polarização que não ajuda nada os brasileiros e que divide amigos e famílias. Precisamos criar um projeto para o Brasil e, para isso, os empresários têm contribuições a dar. Os empresários não deveriam ser omissos, como já foram em vários outros momentos da história do Brasil, quando achávamos que política não tinha nada a ver conosco.

Na pandemia, os empresários se colocaram a favor da vacina e da ciência...
É importante colocar que a sociedade civil tem sim um papel muito importante na transformação do Brasil – infelizmente, muita gente se afastou da política pela visão de que ela estava contaminada pela corrupção. Mas teremos de transformar o Brasil sim pela política, é a única forma. Precisamos eleger um Executivo melhor, um Congresso melhor, para que possamos fazer a ponte para projetos e alternativas para o Brasil do futuro.

O que o sr. tem a dizer sobre a visão negativa do Brasil na questão ambiental?
O Brasil tem um calcanhar de Aquiles: precisa resolver a questão do desmatamento ilegal na Amazônia, que representa 97% do desmatamento total. Há pessoas de baixo nível econômico (*vivendo na região*) e que estão envolvidas nas ilegalidades porque não têm outra opção. As pessoas não querem se envolver na ilegalidade, elas querem ter qualidade de vida. A prestação de serviços ambientais, combinada com (*a venda de créditos de*) carbono, será a solução para a Amazônia. O Brasil, ao participar da COP-26 (*cúpula do clima, ocorrida em Glasgow, na Escócia, no último mês de novembro*), criou um espaço para isso poder acontecer. Mas reforço: temos de combater a criminalidade na Amazônia. Não podemos ser o patinho feio da história, como somos hoje.

Recorde

R$ 13,6 bi

é o total que a Suzano deve investir no Brasil em 2022; trata-se do maior plano de investimentos da história da empresa de celulose e papel

Além do agronegócio

Brasil não pode depender apenas de exportações de grãos e de minério de ferro, afirma executivo

A Suzano, de certa forma, está ‘blindada’ do baixo crescimento do Brasil em 2022, pelo fato de ser uma empresa basicamente exportadora?
A Suzano está muito bem posicionada, tem planos de investimentos expressivos. É o maior plano de investimento da história da empresa, de R$ 13,6 bilhões, para o Brasil. É o que vamos investir no País em 2022. Nós somos uma empresa brasileira e queremos ver o Brasil melhor. ●

Empreendedorismo **Canais de venda**

Loja física amplia oportunidade para pequenos negócios digitais

Embora o isolamento durante a pandemia tenha reforçado o comércio online, o espaço presencial é um aliado importante

LUDIMILA HONORATO

Para quem investiu no próprio negócio em 2020 e precisava vender seus produtos, não havia opção senão o comércio online. De acordo com a Associação Brasileira de Comércio Eletrônico, mais de 150 mil lojas virtuais foram abertas desde o início do isolamento social. Ainda que o digital tenha se consolidado, o espaço físico também pode agregar valor ao crescimento de micro e pequenas empresas.

"O online, por mais que tenha novos entrantes, é uma compra mais de recorrência, de algo sobre o qual a pessoa já tomou decisão. O físico contribui com a parte do impulso, da pessoa passar pela loja e comprar. É a compra de oportunidade", diz Allan Hagemeyer, da Multi.etc, especialista em gestão estratégica de negócios e transformação digital.

Segundo ele, a presença online é como um teste de mercado para validar o negócio, além de ter baixo custo. É nesse espaço que o empreendedor vai conhecer o potencial da marca e reunir dados – como produtos mais vendidos e perfil do consumidor. "Quando tiver maturação dos dados, é um bom momento para entrar no físico para somar com o digital, pois são canais complementares."

DANIEL TEIXEIRA/ESTADÃO

Com a inauguração do endereço físico, o faturamento de Gabriel Dias (E) e Gabriel Rodrigues triplicou

Hagemeyer afirma que, falando de varejo, o crescimento da marca deve alcançar o potencial máximo com a presença física – algo que os donos da Cantó Padaria Artesanal vêm sentindo nos últimos meses. O casal Gabriel Rodrigues e Gabriel Dias inaugurou a loja no bairro da Bela Vista, em São Paulo, em julho, um ano após iniciar o negócio online. Desde então, o faturamento triplicou.

COMODIDADE. "A loja conseguiu aumentar as pessoas impactadas, pessoas mais velhas que não compraram pela internet", diz Rodrigues. "Também trouxe comodidade aos clientes. Antes, a gente trabalhava com encomendas, agora abriu loja em aplicativo, tem mais agilidade", completa Dias.

Ter um estabelecimento gastronômico era sonho antigo deles, mas não imaginavam que aconteceria logo. Foram poucos meses entre começar a cozinhar em casa, atender à demanda de amigos nas redes sociais pelos pães e ver que a cozinha tornou-se pequena para os pedidos. Decidiram alugar uma casa, ainda sem o pensamento da loja. "A ideia era continuar online, mas as pessoas pediam pronta entrega", conta Rodrigues. Dias comenta que fizeram uma transição segura, pois o sobrado serviria para morar também.

> Fazendo as contas
> **Para escolher o ponto da loja, é preciso levar em conta o valor do aluguel, impactado pela inflação**

VISIBILIDADE. Gabriela Miranda, que em 2019 deu início à venda de pudins pela internet, também abriu um espaço físico em 2020 pela necessidade de uma cozinha maior. Contou com o auxílio de uma imobiliária para encontrar o local perto de onde mora. A loja não estava nos planos iniciais da Pudim Terapia e tem um ambiente pequeno para receber clientes, mas ela vê vantagens.

"Embora a internet dê visibilidade, o espaço físico dá mais. Antes, eu divulgava no meu condomínio e contava nos dedos quem comprava. Hoje, com loja, tem gente do condomínio da frente que vem comprar", diz, citando o aumento das vendas.

Gabriela percebe que agora tem mais credibilidade, mas há o desafio de provar o valor agregado do produto. "O pudim vai na forma de alumínio, algumas pessoas pedem sem. Mas eu não vendo só o pudim, vendo a experiência de desenformar o pudim."

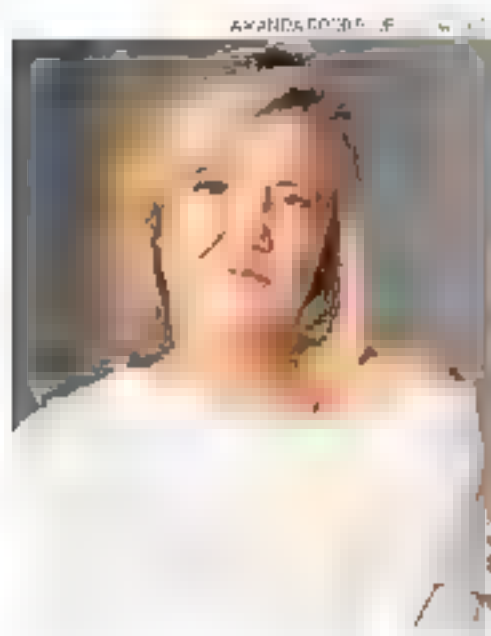
Na hora de abrir a loja física, o especialista Hagemeyer orienta considerar o preço do aluguel, principalmente na pandemia, em que o IGP-M fez subir o valor de locação. "Se vai para um ponto onde o custo de aluguel é alto, às vezes desacelera e impede o crescimento da empresa ou não se consegue mantê-la aberta." Para ele, um ponto na rua pode ser opção em conta.

A empreendedora Lela Brandão, CEO da marca homônima de moda confortável, conta que clientes já perguntavam sobre um espaço físico para poderem provar as peças. A ideia saiu do papel quando ela encontrou, por acaso, um imóvel na Vila Madalena. "Meu sócio, Viktor, foi bem firme ao confirmar que estávamos prontos financeiramente. Alinhamos as burocracias e em pouco mais de um mês abrimos o espaço."

Hagemeyer comenta que, além do apelo de provar as roupas, os negócios de alimentação e moda demandam a interação humana, que não será substituída pelo contato online. "Na loja, o consumidor precisa ser entendido, compreendido, receber atendimento mais consultivo." ●

'A mulher não tem de optar entre ser mãe ou executiva'

PRIMEIRA PESSOA

Margareth Goldenberg
Gestora executiva do Movimento Mulher 360

A consultora de diversidade e inclusão Margareth Goldenberg, com 55 empresas como clientes – entre elas Magalu e Suzano –, e gestora executiva do Movimento Mulher 360, diz que a abertura de oportunidades equitativas para mulheres passa por transformações culturais ainda em curso. Uma delas, segundo a especialista, é a mudança do conceito de que a maternidade é algo ruim e que vai tirar o foco da mulher na carreira. "A mulher não tem de optar entre ser mãe e executiva. Ser mãe ajuda a mulher a desenvolver várias habilidades úteis no mercado de trabalho." Leia, a seguir, os principais trechos da entrevista.

Quais são as principais barreiras que as mulheres ainda enfrentam no mercado?

Essa questão do intangível, do preconceito, avançou muito nas últimas décadas, mas todos os esforços ainda não conseguiram eliminar totalmente os vieses conscientes e inconscientes sobre as mulheres. Por exemplo, a gente acaba sendo muito bem aceita em carreiras de humanas, como recursos humanos, jurídico e marketing. Mas, quando você pega as áreas principais do negócio – finanças, vendas, comercial, tecnologia –, que levam ao cargo de CEO (*presidente*), os ambientes ainda são muito mais masculinos. E a mobilidade interna é muito importante. Segundo a FDC (*Fundação Dom Cabral*), 71% dos CEOs fizeram trajetória até o cargo dentro da empresa.

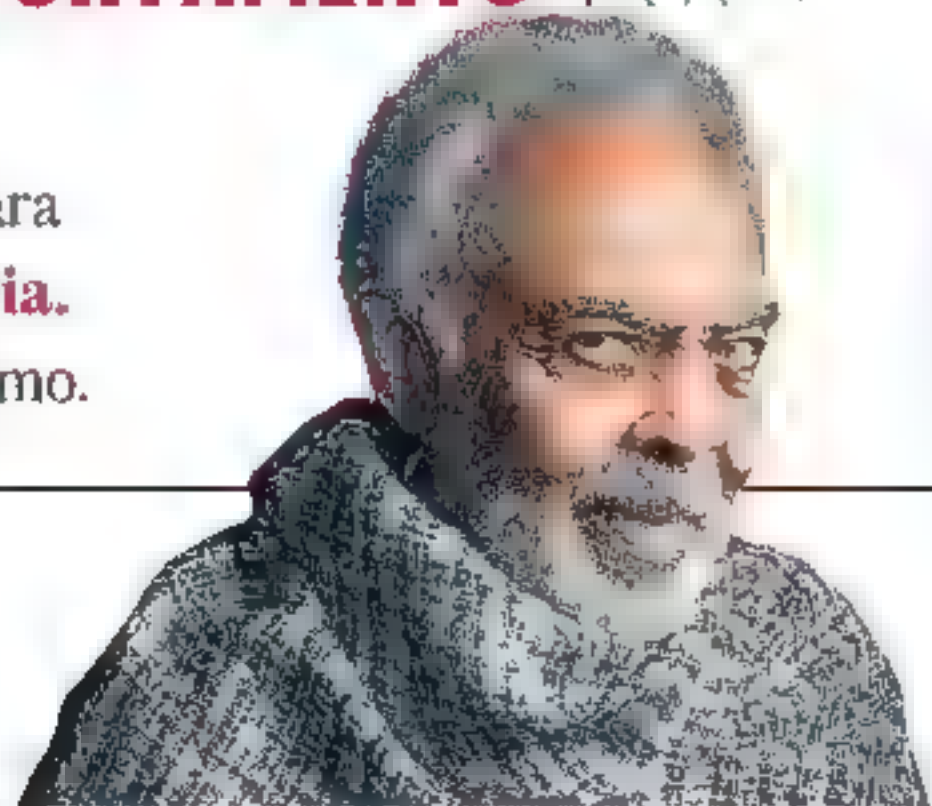
A busca por mudança precisa ser consciente?

Naturalmente. Se deixar tudo como está, se não tiver uma intencionalidade, não vai acontecer. Cinquenta por cento das mulheres saem do mercado até um ano e meio depois da licença-maternidade. Há uma concentração de mulheres nos cargos de entrada. Entre gerentes e diretores, somos 14%, segundo pesquisa do Instituto Ethos com o BID (*Banco Interamericano de Desenvolvimento*). Ainda existe uma cultura excludente.

É preciso também criar um ambiente em que maternidade e carreira não sejam excludentes?

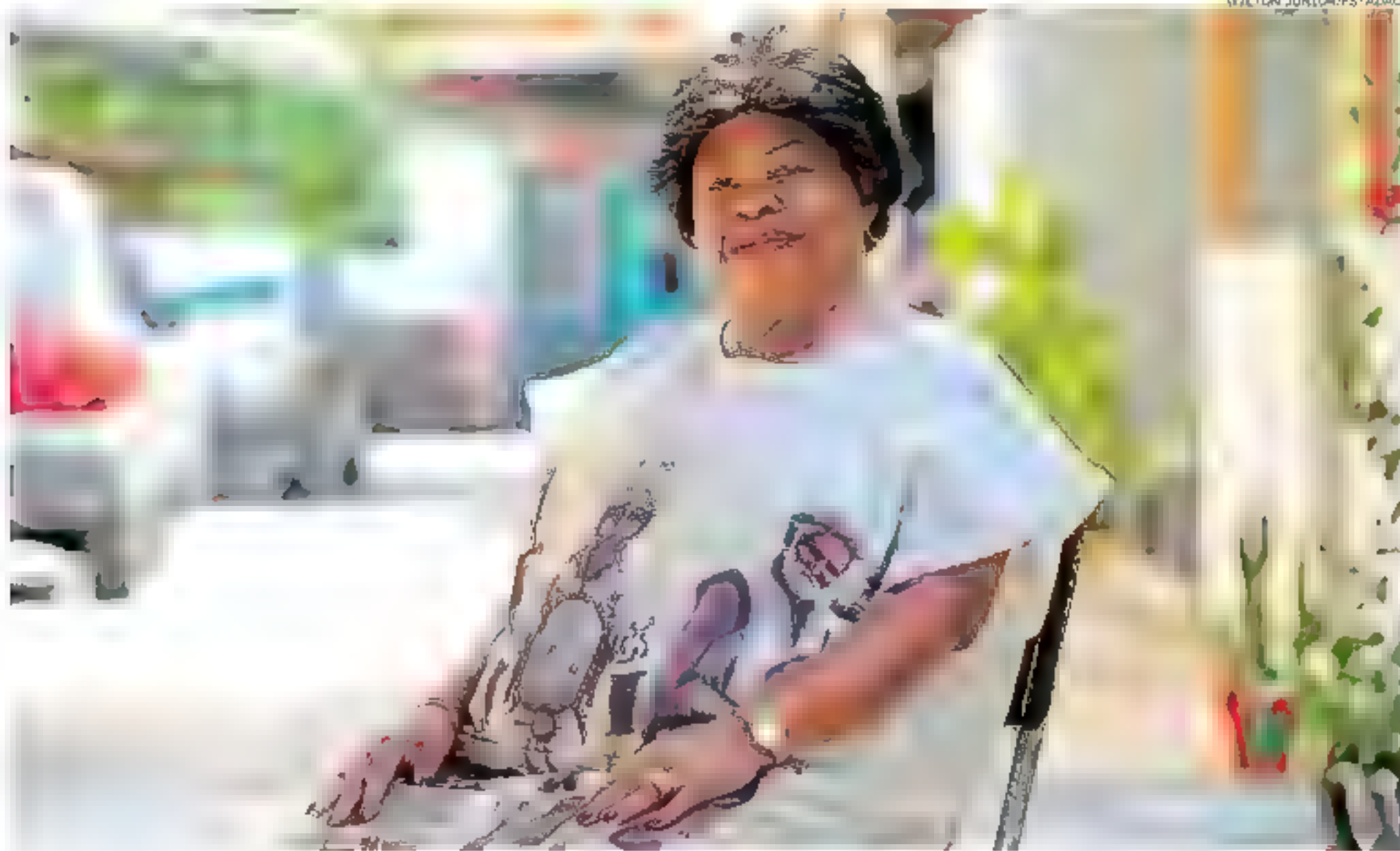
A mulher não tem de optar entre ser mãe ou executiva. Ser mãe ajuda a mulher a desenvolver várias habilidades úteis no mercado de trabalho, como gestão de tempo, gestão de conflitos e colaboração. As mães agregam ao ambiente de trabalho. É um viés que temos de combater, o de que ser mãe faz a mulher ser menos competente ou dedicada. Não faz sentido, é um mito. Até porque a paternidade acaba agregando: um homem acaba sendo mais bem visto (*dentro das empresas*) quando tem filhos. ● FERNANDO SCHELLER

C2 **Bem-Estar.** Feng Shui para renovar as energias. C8 **Áustria.** Mostra aborda a arte no nazismo.

C4 **Retrospectiva.** Gil na ABL e outras imagens marcantes.

Música Legado

Tia Surica lança CD com homenagens ao samba raiz

Na coletânea 'Conforme Eu Sou', sambista regrava 12 canções de Manacéia, compositor da Portela morto em 1995, e que completaria 100 anos em 2021

WILTON JUNIOR/ESTADÃO

Tia Surica posa para fotos em Madureira, no Rio: álbum homenageia o portelense Manacéia. 'Convivi muito com ele e com a sua família'

CARLOS EDUARDO DE OLIVEIRA
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

Está lá, no encarte do disco: "Agradeço pelo respeito à sonoridade dos sambas do meu tempo". É Tia Surica, louvando a produção de Paulão Sete Cordas em *Conforme Eu Sou*, seu terceiro trabalho, lançado de forma independente – na marcante foto da capa, a matriarca da Portela aparece, compenetrada, ainda aos quatro anos de idade, época em que recebeu da avó o apelido que a acompanharia por toda a vida.

"O samba de hoje perdeu um pouco de sua identidade. O respeito à sonoridade quer dizer dar continuidade ao verdadeiro samba, aquele que a gente sabe que agoniza, mas não morre", resume, parafraseando o clássico de outro baluarte, o mangueirense Nelson Sargento (1924-2021) "Continuo sendo do jeito que sou e fazendo samba do meu jeito", resume.

A idealização do CD nasceu como parte dos festejos de seus 80 anos, em 2020, mas o projeto só foi concretizado em 2021. Nele, Tia Surica (nascida Iranette Ferreira Barcellos) regrava 12 canções de Manacéia, homenageando o músico e compositor Manacé José de Andrade (1921-1995), portelense ligado aos primeiros anos da Azul e Branco de Madureira, que faria 100 anos em 2021. "É uma homenagem oportuna no ano que seria do seu centenário. Convivi muito com ele e com a sua família. Aliás, levei muita bronca dele, que foi quem me levou e me integrou na Velha Guarda da Portela e de certa forma é responsável pelo que eu sou hoje, fazendo sucesso depois de velha", brinca a sambista.

"Eu já conhecia o repertório, já conhecia todas as suas composições, mas não foi muito fácil escolher, algumas músicas que eu gostava tiveram que ficar de fora."

SELEÇÃO. Dentre as 12 canções que privilegiam o melhor partido alto "raiz" figuram *Manhã Brasileira*, gravada por Zeca Pagodinho em seu álbum *Uma Prova de Amor*, de 2008, e *Flor do Interior*, singela homenagem a Clara Nunes, a "Clara Guerreira", outra mítica figura ligada à Portela. E, claro, o grande hit de Manacéia, a bela e saudosista *Quantas Lágrimas*, esmagador sucesso radiofônico nos anos 1970 na interpretação de Cristina Buarque (ex-de Hollanda), que por sinal tem participação especial em *Conforme eu Sou*, na faixa *Inesquecível Amor*. "Não poderia nunca deixar uma coisa linda como *Quantas Lágrimas* de fora", assegura Tia Surica.

Em *Carro de Boi*, com a qual fecha o trabalho em companhia dos contemporâneos da Velha Guarda, Tia Surica escancara devoção e agradecimento ao falecido compositor homenageado.

"Eu já conhecia toda a relação dela com essas canções. Vi isso literalmente no quintal do Manacéia, a Tia Surica era praticamente da família", conta Paulão Sete Cordas (na carteira de identidade, Paulo Roberto Pereira de Araujo), arranjador e produtor musical que já produziu dois discos da Velha Guarda da Portela, nome virtualmente conectado a trabalhos de Zeca Pagodinho.

HARMONIA. Dirigir Tia Surica no estúdio em *Conforme Eu Sou*, ele diz, foi um processo natural. "Procurei valorizar as harmonias, as introduções, a levada surdo-tamborim. Conheço muito bem a linguagem do Manacéia, então privilegiei uma harmonização à moda dele. Ficou com uma linguagem fidedigna, próxima à da Velha Guarda da Portela."

Com a retomada proporcionada pela vacinação, Tia Surica reabre nos primeiros meses de 2022 a agenda suspensa pela pandemia, e que inclui shows em várias capitais, como Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Porto Alegre, nessa ordem.

E, na esteira de Manacéia, já projeta voltar ao estúdio para homenagear outros bambas da galeria de sua escola de coração. Nomes como Monarco, Candeia, Zé Keti, Chico Santana e até um certo Paulinho da Viola. Não em um único CD, mas sim em trabalhos individuais. "São todos compositores históricos da Portela. Quero fazer um disco dedicado a cada um deles." ●

"O samba de hoje perdeu um pouco de sua identidade. O respeito à sonoridade quer dizer dar continuidade ao verdadeiro samba, aquele que a gente sabe que agoniza, mas não morre"

"Convivi muito com ele (Manacéia) e com sua família. Aliás, levei muita bronca dele, que foi quem me levou e me integrou na Velha Guarda da Portela e de certa forma é responsável pelo que eu sou hoje, fazendo sucesso depois de velha"

Comportamento

Para elevar a energia

Muito além de mudanças de móveis e inclusão de cores na decoração, para equilibrar de fato a casa, o Feng Shui preza pela intenção posta pelo morador nos ambientes

ANA LOURENÇO

Não é difícil fazermos promessas de mudanças durante o fim ou o começo do ano. Esse é justamente o tempo de olhar para nossa vida e vermos o que precisa ser atualizado. Em resumo, é aquela famosa frase: "Ano novo, vida nova".

Para muitos, isso inclui mudanças de comportamentos e hábitos. Já para outros, a mudança vem do exterior: seja no trabalho, em relacionamentos ou até mesmo no lar. "No começo de ano, existe o clima de renovação, o que nos faz aceitar mudanças mais facilmente", explica a designer de interiores e especialista em Feng Shui (Escola da Bússola), Cris Bevilaqua.

Atitudes simples como limpar os armários, incluir plantas na decoração e trocar os móveis de lugar podem mudar a energia, sim. Porém o mais importante é a intenção que você põe em cada gesto. "Existe o poder da iluminação, das cores, das formas, dos materiais que são representados por meio do mobiliário. Mas o que conta mais é você sentir a energia daquilo, é ver a harmonia", afirma Karina Vargas, que faz projetos de interiores em cima de Feng Shui com base na Escola do Chapéu Negro, e terapia da casa.

Por isso mesmo, não existe uma data certa para trazer boas energias para a casa, tudo depende de quando você está proposto a fazer. "Para o universo não existe isso de data, isso é estipulado por nós, então a energia que você põe é o que conta. Não veja como obrigação", diz Cris.

Não se sabe ao certo quando o Feng Shui começou. Porém a técnica milenar chinesa foi atualizada e lida por diversos mestres de maneira distinta, o que fez com que várias escolas surgissem. Assim como no equilíbrio entre Yin e Yang, a dualidade está presente no Feng Shui. Feng simboliza o vento, força invisível, e o Shui, a água, palpável. É na união dos dois onde está presente a maior prosperidade.

> ***"Eu não preciso trabalhar com arquétipos coletivos, mas sim algo que converse com o seu emocional"***
> Heloisa Dallari
> **professora da Faap e consultora de Feng Shui**

De acordo com o mestre Thomas Lin Yun, que ocidentalizou a filosofia nos anos 80, a pessoa tem cinco fatores chaves de influência na vida: o destino, a sorte, a virtude, a educação (os filmes que você vê, os livros que lê, como você alimenta sua alma) e o Feng Shui, o que seria algo importante por ser o único que podemos interferir facilmente.

No entanto, a filosofia se populariza tanto que passa a ser vendida como uma receita barata, o que gera preconceitos e mal entendidos sobre o tema. "Eu não preciso trabalhar com arquétipos coletivos, mas sim algo que converse com o seu emocional, que mexa com você. É sobre se perguntar 'como eu me percebo nesse ambiente?'", diz a arquiteta Heloisa Dallari, professora da Fundação Armando Álvares Penteado (Faap) e consultora dos princípios do Feng Shui. "Feng Shui com regra não existe."

Claro que há explicações que fazem sentido, como a que diz que nos ambientes devemos exercer uma posição de comando. Ou seja, olhando para a porta de entrada e conseguindo perceber as coisas que acontecem. Mas de modo geral é preciso ser realista: há coisas possíveis e impossíveis.

Uma que é categórica é o chamado destralhamento. "Para o oriental, existe o conceito do vazio, que não é o nada – ao contrário do que a gente acha –, mas sim a possibilidade do novo. Então a hora que fazemos espaço, ajudamos o Chi (energia vital) a circular", conta.

Muito mais do que se livrar dos objetos que não te fazem bem, é preciso perceber o que foi usado no ano que passou ou não, o que está quebrado ou não e o que ainda faz sentido estar ali. "Toda desorganização causa confusão mental e emocional. Quando a vida está confusa, está na hora de arrumar a gaveta, armário, bolsa, que, além de ser uma faxina, faz com que você doe esse excesso", diz Heloisa.

Apesar disso, ela deixa claro que, diferentemente do que ensina Marie Kondo em seu programa sobre organização, a casa não precisa estar sempre em perfeita ordem. "Um lar deve ser vivido, então é normal ter algo desorganizado, mas uma hora a bagunça sai de controle e precisa ser organizada", afirma.

No fundo, o Feng Shui é muito mais lido como um estilo de vida do que algo ditado, com regras, afinal, o que é harmônico e perfeito para mim pode não ser pra você – ou até mesmo para o eu do futuro. "Ele não é uma ciência no sentido ocidental, porque não quer

Como aplicar

2022 com prosperidade interna e externa

● **Reorganização**
Perceba se o deslocamento é fácil pela casa. Móveis que atrapalham a circulação ou muitos objetos em um mesmo ambiente podem prejudicar a energia do local

● **Atenção**
Seja para cabeceira da cama, mesa do trabalho ou local de cozinhar, a posição de comando serve para você estar receptiva às coisas boas da vida e não ser pega de surpresa. Para não mudar a estrutura da casa, uma opção é incluir espelhos

● **Aposta**
Em 2022, abuse das cores azul (comunicação), verde (saúde), vermelho (aterramento do ruim) e amarelo (alegria), representadas pelos cristais Apatita, Quatro Verde, Jaspe e Citrino

● **Alma da casa**
Alimente-a com coisas boas, principalmente suas músicas favoritas e cheiros prazerosos. Alecrim traz alegria e saúde às pessoas, já hortelã pode amenizar os medos. Uma boa ideia é fazer chá com a planta e separar em três partes: para beber, para o banho e para a casa

NA WEB
Ter filhos ou não? Por que pais em potencial estão desistindo de procriar

KARINA VARGAS

FELIPE RAU/ESTADÃO

1 A pousada A Casa de Gabriella, em Itacaré (BA), foi feita com base no Feng Shui e na terapia da casa por Karina Vargas. 'O poder das cores e dos materiais é representado pelo mobiliário', explica

2 Mesmo cética, a maquiadora Alice Salazar decidiu testar [illegible] chinesa em [illegible] a profissional [illegible] Bevilaqua: 'Mudou tudo'

⊕ entender o porquê. Ele tem relação com perceber que o mundo é cíclico, e isso é uma filosofia", diz.

LUGAR. Independentemente da escola, tudo começa com o Baguá, um diagrama octogonal usado como um mapa da casa. Cada um dos seus lados representa uma área da vida (trabalho, espiritualidade, família, prosperidade, sucesso, relacionamento, criatividade e amigos). Para a escola clássica, como a do Chapéu Negro, o principal ponto de energia é a porta de entrada. Mas, para outros, essa não é a regra.

"Durante a pandemia, as pessoas tiveram, naturalmente, a consciência de que existem pontos favoráveis para trabalhar e outros nem tanto. Eu potencializo essa energia botando os cristais certos nos lugares certos", conta Cris.

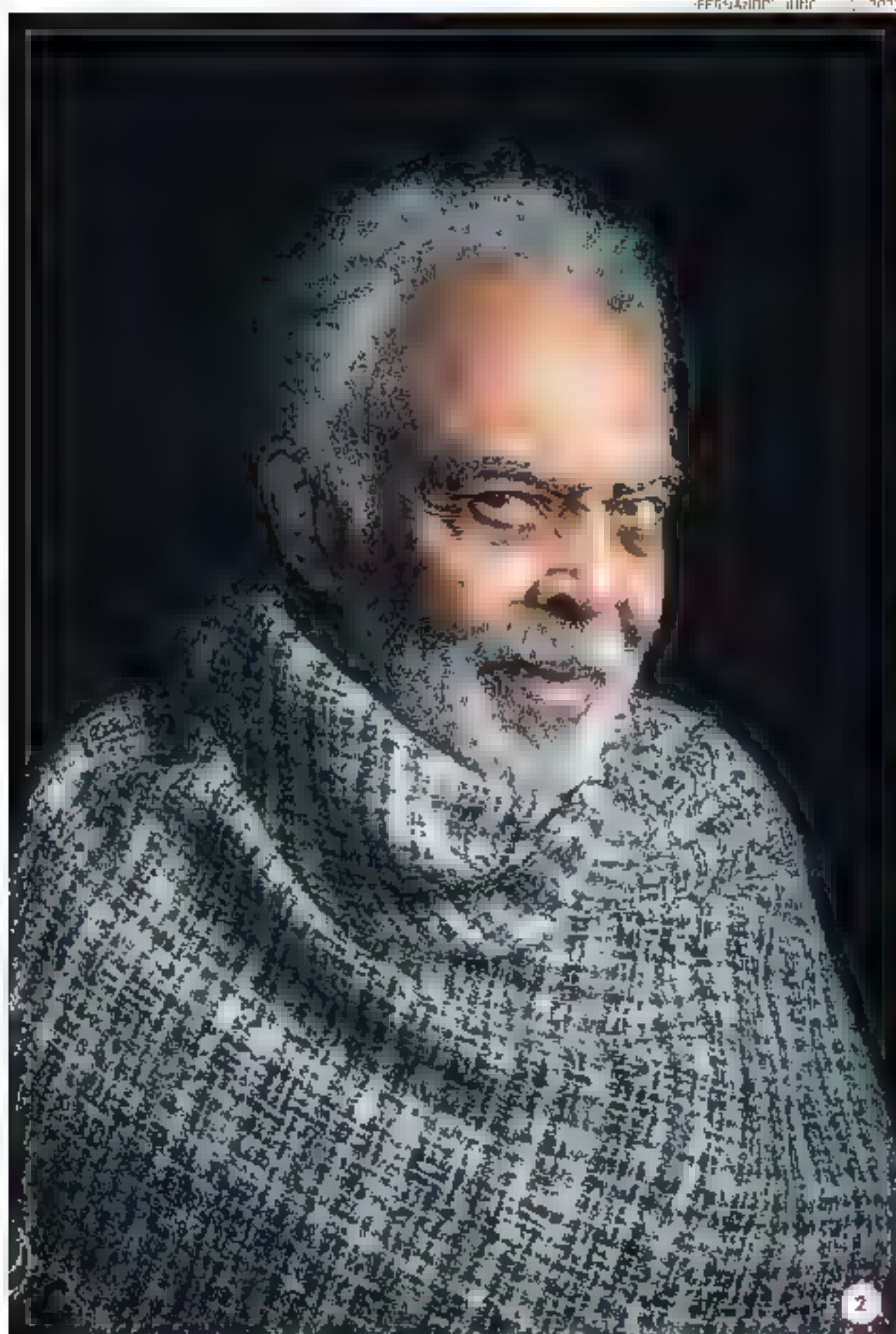
Desprendimento
Livre-se de objetos que não tragam boas lembranças, mesmo se forem presentes. Deixe só o que faz sentido

A maquiadora e influenciadora Alice Salazar percebeu no dia a dia a tal mudança. "Quando a Cris veio aqui, no começo deste ano, ela começou a caminhar pela casa e disse que bem onde a gente trabalhava era um lugar que sugava a energia. Realmente a gente se sentia mais cansada, mas pensava que era normal. Depois que ela arrumou, mudou demais", diz. "O engraçado é que eu não conhecia o Feng Shui, sou até um pouco cética, diria."

Em vez de mudanças estruturais no imóvel, recém-adquirido por Aline e pelo marido, eles ganharam diversos cristais. "O diferencial do meu projeto é que eu deixo só um cristal à mostra, a Drusa de Ametista, para proteção. O resto eu escondo na casa para não sumir e ninguém mexer", explica Cris. O resultado foi positivo. "Até a autoestima muda um pouco porque a gente se sente mais confiante", divide Aline.

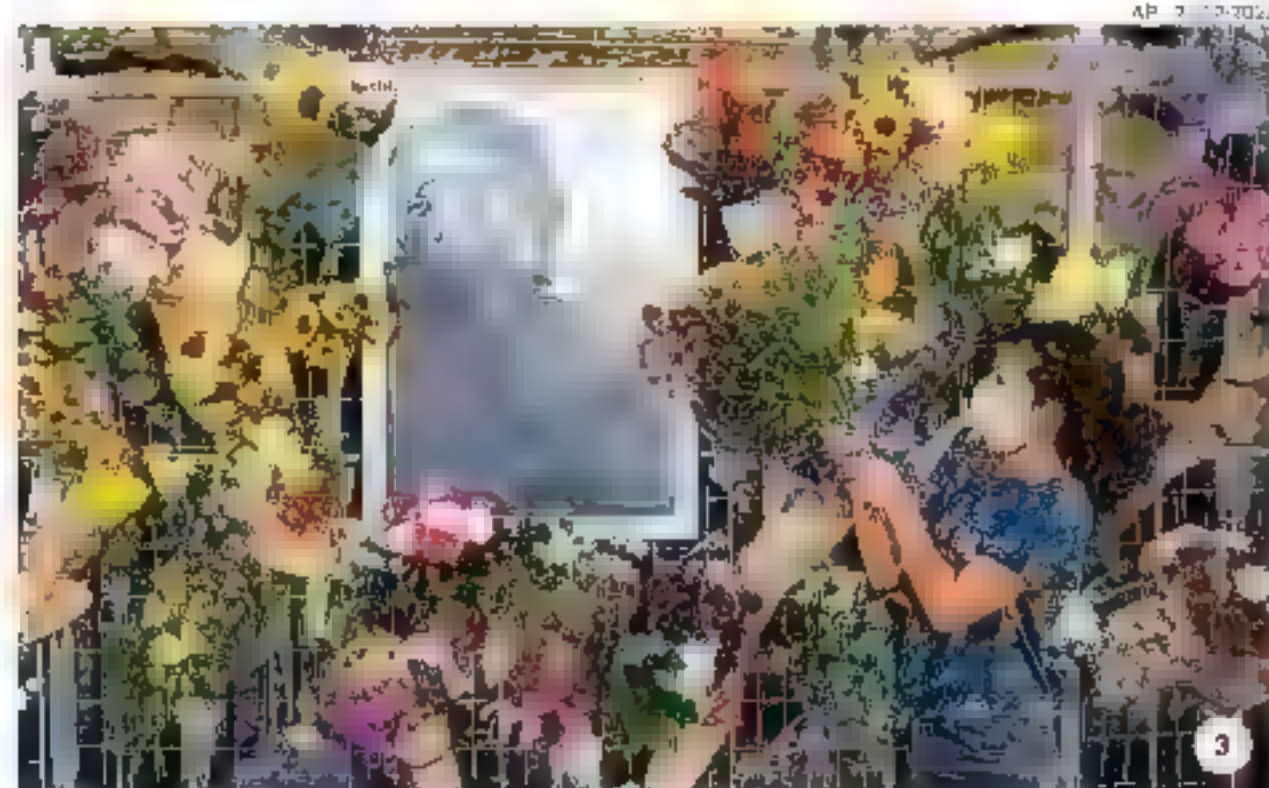
REFÚGIO. "Durante a pandemia, a gente se voltou pra casa e é importante mantermos isso. Ela deve ser um lugar que a gente queira voltar, que a gente se sinta relaxada e feliz", conta Karina. "O primeiro ponto é você perceber a sua felicidade. Se você não está contente com a decoração, não se sente próspero, mas sim confuso e presencia muitas brigas, ou não dorme bem, esses são sinais que a casa não está boa", ensina a designer.

Lembre-se sempre de se inspirar na natureza. Como, por exemplo, com a divisão dos opostos complementares: claro e escuro; barulho e silêncio. Um quarto, por exemplo, é legal que seja mais yin, mais tranquilo. Já a sala, mais yang para receber as visitas.

"Perceber como equilibro as retas e as curvas, onde é o ambiente mais fresco e o mais quente, os altos e baixos, o material mole e o duro. Se a gente ficar sempre na luz elétrica e no ar-condicionado, nega o natural e isso nos causa uma série de distúrbios emocionais e psicológicos", diz Karina. "O olhar do Feng Shui é interior e conta que as coisas só vão ser diferentes se eu estiver disposto a mudar. Se fizer o mesmo, vão continuar iguais." ■

ESTADÃO | RETROSPECTIVA 2021

Novembro e dezembro

Acidente aéreo mata Marília Mendonça

Chuvas castigam e desabrigam no sul da Bahia; esquerdista derrota simpatizante de Pinochet no Chile

1. 5 de novembro: Queda de avião matou Marília Mendonça, aos 26 anos, fenômeno da música sertaneja.

2. 11 de novembro: O músico Gilberto Gil foi eleito para a Academia Brasileira de Letras.

3. 26 de dezembro: Morre aos 90 o arcebispo sul-africano Desmond Tutu, Nobel da Paz por sua luta contra o apartheid.

4. 19 de dezembro: Gabriel Boric, 35 anos, foi eleito presidente do Chile; venceu José Antonio Kast, de direita.

5. 15 de novembro: Bolsa de São Paulo instala touro de ouro, removido após protestos.

6. 28 de dezembro: Mais de 20 pessoas morreram e pelo menos 91 mil ficaram desabrigadas ou desalojadas por causa das fortes chuvas que castigam o sul da Bahia.

7. 17 de dezembro: Itapemirim anuncia a suspensão de seus voos e operações. Cerca de 45 mil passageiros são afetados.

WERTHER SANTANA/ESTADÃO

Horóscopo Quiroga

oscar@quiroga.net

A cura da ressaca

Sol e Urano em trígono.
Lua Vazia. 5h17 até 20h03

Há uma ressaca que é fisiológica, por submeter o fígado a excessos de bebida e alimento, mas há também uma ressaca de ordem moral, porque tua alma não consegue esquecer do que fez e que não sabe como foi que fez, se arrependendo.

Todas as ressacas se curam, umas bebendo bastante água, outras com o simples esquecimento, e com o trato leve para com tua própria alma.

A Lua Vazia de hoje complica a recuperação e agrega peso às ressacas, mas até isso tem cura, porque se te dedicas de coração e muito boa vontade a fazer uma arrumação de teu espaço e de tuas coisas, isso te brindará com suporte para passar através das obnubilações e dos eventuais dramas que as pessoas próximas produzirem, por estarem tão desencontradas que não sabem o que fazer com elas próprias. ●

ÁRIES 21-3 a 20-4

A vontade de ter tudo organizado é originada no pressentimento de que as coisas se tornarão mais complexas durante este ano, mas que, ao mesmo tempo, serão fundamento para avanços muito significativos. Ordene então.

TOURO 21-4 a 20-5

Sua alma pode até se sentir muito bem e cheia de disposição, mas é bom olhar ao redor e ter em mente o clima de desorientação que impera. Transite por entre os relacionamentos sociais com sua alegria, mas não espere gratidão.

GÊMEOS 21-5 a 20-6

Apesar dos bons sentimentos que fluem através de sua alma, o cenário e as pessoas que fazem parte dele não ajudam nem um pouco a expressar abertamente seu bem-estar. Não importa, só vale você se sentir bem.

CÂNCER 21-6 a 21-7

Procure se reunir com as pessoas que realmente valham a pena, porque a proximidade de pessoas desorientadas contaminará negativamente o ambiente pelo qual você transitar. Pessoas podem ser boas ou más companhias.

LEÃO 22-7 a 22-8

Faça o que tiver vontade, mas não espere ajuda de ninguém. Faça tudo que quiser sem esperar apoio de ninguém, porque agora está todo mundo fora de si, com a alma pendurada no infinito. Ninguém sabe administrar isso.

VIRGEM 23-8 a 22-9

Caberá a você arrumar a bagunça dos outros, o que não é incomum acontecer. Talvez você tenha muito boa vontade nesse sentido, mas também há limite para tudo. Não se esqueça de você também descansar, isso é importante.

LIBRA 23-9 a 22-10

Nada exija, deixe tudo correr de acordo aos mistérios da vida, porque no que depender das decisões e atitudes das pessoas, a coisa tende a ser um tanto caótica. Sem se importar com isso, siga em frente com tudo.

ESCORPIÃO 23-10 a 21-11

Muitas das promessas que são feitas em estado de entusiasmo hão de ser passadas por um crivo muito fino, porque de outra forma sua alma se frustraria por, mais uma vez, depender de promessas vãs. Melhor não.

SAGITÁRIO 22-11 a 21-12

Tanta coisa para organizar e tão pouca vontade de o fazer. Tudo pode ser adiado para outro momento, sem detrimento de nada. Encare o que tiver vontade de fazer e o resto deixe de lado, sem nenhum pudor ou temor.

CAPRICÓRNIO 22-12 a 20-1

Está tudo certo, mas a incerteza do mundo se manifesta de uma forma evidente através do estado de ânimo das pessoas com que sua alma precisa lidar hoje. Tome distância, nada obriga você a se aproximar delas.

AQUÁRIO 21-1 a 19-2

Está tudo certo com sua alma, mas não é o mesmo que acontece às pessoas com que você tenha contato neste dia, já que o movimento deste é bastante confuso, agregando confusão ao estado de ânimo geral. Isso passa.

PEIXES 20-2 a 20-3

Finja que o ano começa amanhã, porque hoje é um dia de transição apenas, e sua alma pode passar por ele com alegria e leveza, desde que não exija nada de si mesma, nem muito menos exija nada de ninguém por perto.

Livro Lançamento

Sucesso das redes sociais, 'Confinada' ganha edição impressa

As personagens Fran e Ju, que nasceram no Instagram em tempos de confinamento, vão para o papel graças às doações de leitores

MATHEUS LOPES QUIRINO

No ano em que *Confinada* foi sucesso nas redes sociais, a editora Todavia publicou uma edição impressa reunindo as tiras que Leandro Assis e Triscila Oliveira criaram no Instagram durante a pandemia. Quem financiou o projeto foram os leitores impactados pelo carisma das personagens Fran e Ju. Em poucos dias, durante a pré-venda, a editora angariou mais de R$ 600 mil, valor quase dez vezes superior à meta inicial.

O projeto foi para o papel graças à Plataforma Catarse, fundada em 2011 com a proposta pioneira de crowdfunding (financiamento coletivo) no Brasil. Segundo a plataforma, mais de 17 mil projetos já foram financiados por ela.

Para criar um projeto é necessário estabelecer um estímulo aos apoiadores, uma espécie de recompensa pela doação. No caso de *Confinada*, os entusiastas receberam um apêndice exclusivo da história, um zine inédito que não estava na internet. Só no segmento de publicações, em 2021 a plataforma registrou quase 1.300 projetos e arrecadou cerca de R$ 28 milhões, alta expressiva em relação aos 15 projetos e R$ 200 mil de dez anos atrás.

Além da coqueluche *Confinada*, editoras especializadas em quadrinhos, como a Draco e Skript, também financiam seus projetos via plataforma, que cobra uma porcentagem de 13%. A Catarse registrou seu maior fluxo de caixa e audiência nos dois últimos anos, e tem planos de expansão para o pós-pandemia. ●

QUADRINHOS

Minduim Charles M. Schulz

Recruta Zero Mort Walker

Turma da Mônica Mauricio de Sousa

O melhor de Calvin Bill Watterson

Frank & Ernest Bob Thaves

BEM PENSADO | *"A essência dos direitos humanos é o direito a ter direitos"* **H. Arendt**

Daniel Martins de Barros @danielmbarros

O poder da novidade

Feliz ano novo. Dia primeiro de janeiro é sempre uma promessa de novidade. Sim, eu sei das críticas à definição arbitrária de recomeço; todos estão cansados de ouvir que não existe diferença desse dia para qualquer outro dia do ano. Mas não é verdade.

Existe uma diferença gigantesca – porque nós a criamos. A partir do momento em que definimos que um ciclo termina e outro começa, ainda que a definição seja arbitrária ou artificial, nós criamos uma realidade e passamos a agir e reagir em função dela.

Por isso o ano novo é realmente novo. Nenhum dia aconteceu ainda. Todos os momentos estão no porvir, nada ficou no passado, o que traz a sensação de muitas possibilidades.

Não infinitas, porque boa parte do futuro está construída a partir do nosso passado – não é só porque o futuro está em aberto que tenho chance de me tornar um jogador de futebol de elite, já que nunca me esforcei para desenvolver as habilidades necessárias. Ainda assim, eu poderia aprender a jogar bola, por que não? As coisas estão por acontecer, há chance.

O novo tem esse apelo. Como quando pegamos um caderno novo e nos vemos devaneando diante das páginas em branco, imaculadas, abertas para receber qualquer coisa – ideias, rabiscos, anotações, recados. Ou um livro novo, que nos enche de antecipação ansiosa pelo prazer daquelas páginas ainda desconhecidas.

> *Desfrute do sabor de novidade que o ano novo traz; contemple os caminhos ainda não percorridos*

Receitas novas são promessas de sabores inexplorados. Vale para praticamente qualquer coisa: carro novo, amizade nova, telefone novo, relacionamento novo.

Parte desse prazer – pequena – é passiva: ela vem da mera expectativa, da curiosa indagação "O que será que o futuro me reserva?". Mas a maior fatia dessa sensação boa vem da esperança diante da maleabilidade do porvir, ao contrário do imutável passado. Da chance que temos de moldar o futuro que virá a ser nosso presente. Porque não podemos mudar o passado – só nos resta visitá-lo. Já com o futuro se dá o oposto: embora seja impossível espiá-lo somos capazes de modificá-lo no presente. E ter essa potência é muito prazeroso.

Feliz ano novo, portanto. Desfrute do sabor de novidade que ele traz; contemple os caminhos não percorridos. Prepare-se para as surpresas que lhe estão reservadas, porque nem todas serão agradáveis. Mas no que estiver ao seu alcance, não deixe os dias correrem soltos, distantes de sua atenção.

Aproveite a flexibilidade do porvir e exerça seu poder de moldá-lo o quanto puder. Porque esse poder acaba assim que o futuro se torna passado, o que, se nunca demora, é ainda mais rápido quando estamos desatentos.●

É PROFESSOR COLABORADOR DO DEPARTAMENTO DE PSIQUIATRIA DA FACULDADE DE MEDICINA DA USP

CRUZADAS

NA WEB Jogue as cruzadas estadao.com.br/e/cruzadas

NA WEB Jogue o sudoku estadao.com.br/e/sudoku

www.coquetel.com.br © Revistas COQUETEL

Cidade turística mineira conhecida por suas águas medicinais
Clube de futebol apelidado de Timão
Local de treinamento de cavalos
Antigo mercado de escravos na zona portuária carioca
Saliado (pl.)
Guia espiritual
A viral imuniza o bebê contra sarampo, rubéola e caxumba
Vide (abrev.)
Comum (fem.)
Desejo intenso de vingança
Diz-se do sujeito inexperiente
Ao "(?)" à toa
Grito em touradas
Corante utilizado no jeans
Nesse lugar
Extrai; separa
Que se têm como objetivos
Massa molecular (Quím.)
Rio que nasce nos Alpes suíços
Sucesso de Milton Nascimento
Distância entre os trilhos da ferrovia
Taxa Referencial de Juros (sigla)
Unidade de tensão elétrica (Fís.)
Condição do homem, antes da agricultura
Conta (uma história)
Criador de "Ironia Verde Tropical"
Deboche
Técnica como o "skiatão"
Resposta incomum no altar
Golpe do pugilismo
Carne de segunda
Gênero musical de Eminem
Carro usado no transporte alternativo
Substituto eventual do presidente
Santo do pau (?): sonsa (pop.)
"A Batalha do (?)", de Pedro Américo
Trecho inicial da viagem turística: I D A
Símbolo do Celsius (Metrol.)
Que causa grande emoção

BANCO 3/inu. 4/nani — volt. 9/travessia. 13/cais do valongo

Nível Difícil

	8				9	1		
1					2	6		
							3	7
				8			2	1
			6		3			
2	5			1				
4	7							
		1	5					4
		2	8				5	

SOLUÇÕES

CAÇA-PALAVRAS *Nesta seção, todos os dias, um jogo diferente para você*

PROBLEMAS DE LÓGICA

www.coquetel.com.br © Revistas COQUETEL

Resolva o passatempo, preenchendo o quadro. Coloque S (Sim) em todas as afirmações e complete com N (Não) os quadrinhos restantes (veja o exemplo). Para isso, use sempre a lógica.

Solução

Sérgio Augusto

Escreve quinzenalmente aos sábados

Fim do mundo

Enquanto enchentes diluvianas assolavam a Bahia e o segregacionismo vacinal imposto às crianças pelo presidente e o ministro Queiroides chocavam até seus aliados, uma nova polarização tomou conta das redes sociais, dividindo agora o País entre os que amam e os que não gostam do filme *Não Olhe Para Cima*.

Suspeito que, se exibido uns cinco anos atrás, *Não Olhe Para Cima* já teria sido esquecido, como foi o (na época) espantoso *Contágio*, aqui visto 10 anos atrás. Por outro lado, se lembrado daqui a algum tempo, não será com a mesma admiração que *Dr. Fantástico* até hoje suscita.

Stanley Kubrick fez uma arrasadora comédia de humor negro, afinada com a paranoia antiatômica da época. Saí chapado do cinema, nos últimos dias de janeiro de 1964, e encontrei Jaguar no mesmo estado de perplexidade e êxtase. *Não Olhe Para Cima* me divertiu, aqui e ali, mas confesso que tive ganas de não ir em frente na primeira meia hora de filme, tamanha a sensação de déjà vu.

Nada tenho a acrescentar de relevante ao muito que já foi dito sobre o filme. Todo mundo se manifestou a seu respeito, inclusive gente que não sabe diferençar cometas de planetas, e, com maior grau de envolvimento, os cientistas que se identificaram com as personagens de Leonardo Di Caprio e Jennifer Lawrence (caso da bióloga Natalia Pasternak).

> *Uma nova polarização tomou conta das redes sociais: quem ama ou não o filme 'Não Olhe Para Cima'*

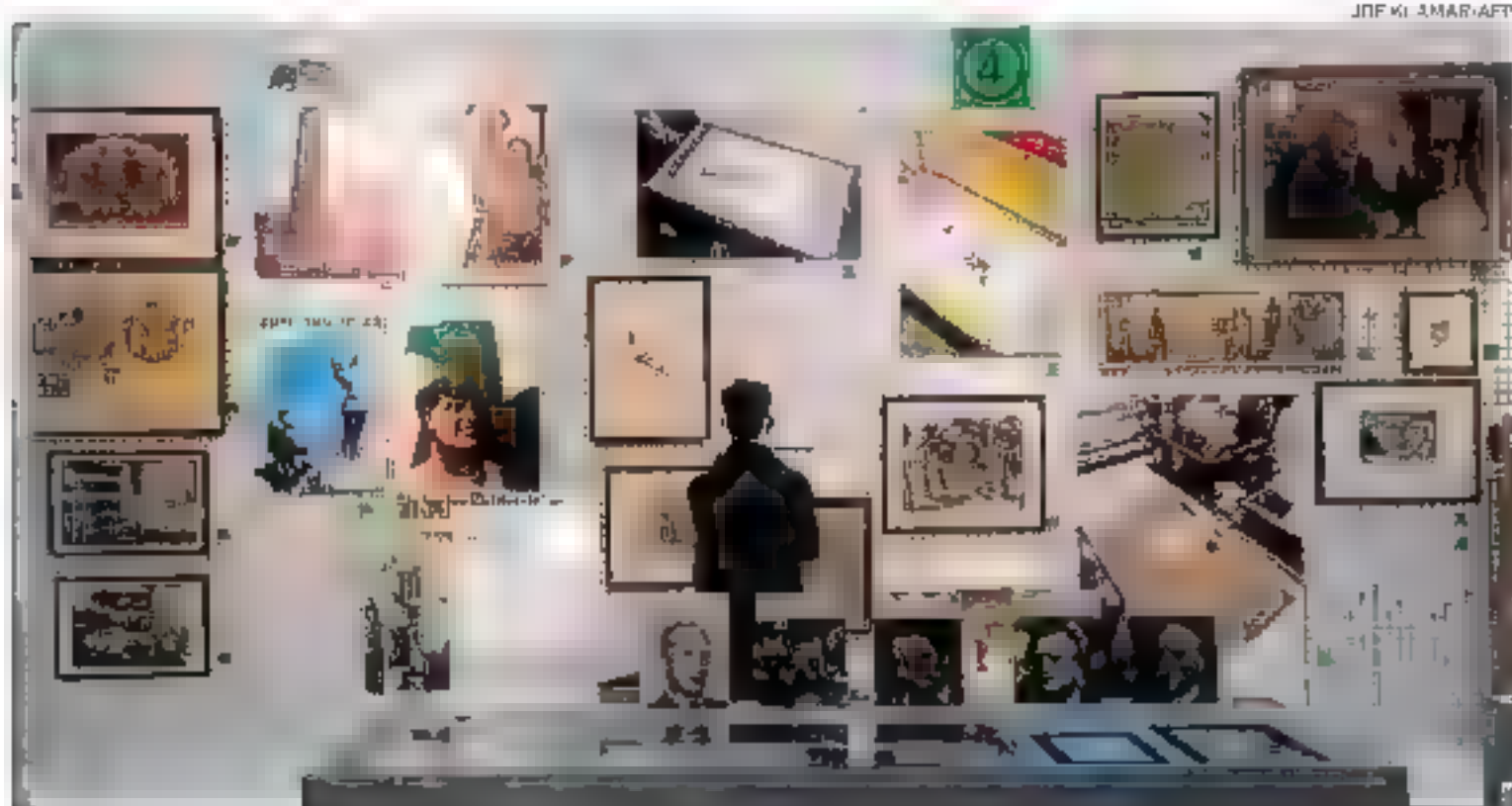
Sátira à clef ao negacionismo científico, seu cometa em rota de colisão com a Terra é uma metáfora do cataclismo ambiental, do mesmo modo que os alienígenas que invadiam nosso planeta, na ficção científica da década de 1950, metaforizavam ameaças (reais e imaginárias) adubadas pela Guerra Fria.

Numa daquelas fantasias, *O Fim do Mundo* (*When Worlds Collide*), de George Pal e Rudolph Maté, produzida em 1951, a metáfora tinha ressonâncias bíblicas: o foguete em que os sobreviventes da destruição da Terra por uma estrela (Bellus) se refugiavam em outro planeta (Zyra) era um sucedâneo da arca de Noé, tão elitista quanto a nave que, no desfecho de *Don't Look Up*, reitera as desconfianças de que não serão os humildes que herdarão a Terra, e sim Elon Musk e sua argentária grei.

McKay fez um combo escatológico, com o alarmismo pragmático de *O Fim do Mundo* e o humor caricatural de *Dr. Fantástico*, evitando, espertamente, a nórdica deprê de *Melancolia* (ou o *Apocalipse* segundo Kierkegaard), que nos impactou 10 anos atrás. O que Trump terá achado da presidente Orlean (Meryl Streep)? Bolsonaro nem deve ter visto o filme, mas é possível que saiba que ele e seu filho Carluxo (Jason Orlean) estão em cena – assim como o General Heleno e o restante da corja federal. Olhemos para frente. ●

É JORNALISTA E ESCRITOR, AUTOR DE 'ESSE MUNDO É UM PANDEIRO', ENTRE OUTROS

SEG Pedro Venceslau, Simião Castro e Gilberto Amendola ● TER Patrícia Ferraz ● QUA Leandro Karnal, Roberto DaMatta e Maria Fernanda Rodrigues ● QUI Luis Fernando Verissimo, Luciana Garbin (quinzenal), Patrícia Ferraz ● SEX Marcelo Rubens Paiva (quinzenal), Gilberto Amendola ● SÁB Sérgio Augusto (quinzenal), Alice Ferraz, Suzana Barelli, Renata Simões (quinzenal) e Daniel Martins de Barros (quinzenal) ● DOM Leandro Karnal, Luis Fernando Verissimo, Sérgio Augusto (Aliás, quinzenal), Milton Hatoum (mensal) e Ignácio de Loyola Brandão (quinzenal)

JOE KLAMAR/AFP

Obras da época do regime nazista na Áustria estão expostas em apenas duas salas de museu de Viena

História Arte

Exposição em Viena busca acerto de contas da Áustria com regime nazista

Mostra aborda uma complicada história de anexação e de guerra e traz obras como uma tapeçaria com suástica bordada

JULIA ZAPPEI
AFP

Em um museu de Viena, a arte da era nazista ocupa duas pequenas salas, e algumas peças são mantidas em caixas. Há uma pintura a óleo da ópera de Viena com bandeiras nazistas ao lado de uma tapeçaria com uma suástica bordada. As peças fazem parte de uma exposição na capital austríaca que busca iluminar a política da arte sob o Terceiro Reich, uma maneira de Viena abordar sua complicada história na guerra.

Apresentada como vítima após ser anexada pela Alemanha nazista, nas últimas três décadas a Áustria (onde Hitler nasceu) começou a examinar seriamente seu papel no Holocausto.

Os curadores da mostra esperam que suas pesquisas ajudem no processo, mas tiveram o cuidado de não dar muita "aura" às obras. Em vez de expostas nas grandes paredes do museu, as obras estão agrupadas em apenas duas salas.

"Não pode ser como outras exposições no sentido clássico das apresentações artísticas", explicou a curadora Ingrid Holzschuh.

PESQUISA A exposição é o resultado de quatro anos de pesquisa de Holzschuh e da historiadora de arte Sabine Plakolm-Forsthuber, que examinou os arquivos de cerca de 3 mil artistas membros da Câmara de Belas Artes do Reich de Viena.

Os arquivos foram mantidos pela principal associação artística austríaca. Todos os artistas eram membros da Câmara de Belas Artes do Reich, todos cuidadosamente examinados e monitorados depois que a Áustria foi integrada à Alemanha nazista em 1938.

"Os candidatos à adesão deveriam atender aos critérios artísticos, políticos e raciais do regime nazista", afirmam os materiais da exposição. "Artistas e dissidentes políticos judeus estavam vetados."

Os artistas vienenses que não cumpriam as regras foram forçados a fugir ou foram mortos em campos de concentração, de acordo com o catálogo da exposição.

"O regime nazista garantiu o controle do mundo da arte e o orientou de acordo com sua visão ideológica e racista", acrescentou.

Junto com as informações biográficas de alguns artistas, a exposição inclui suas pinturas, esculturas, tecidos e cerâmicas, em sua maioria armazenados durante décadas pela cidade de Viena.

A exposição intitulada "Viena se alinha. A política da arte sob o nacional-socialismo" faz parte de uma tendência de reconciliação com um capítulo desagradável da história austríaca. Após sua anexação à Alemanha, a Áustria participou da perseguição aos judeus e outros, que por muito tempo não foi devidamente abordada.

"Desde o final dos anos 1980, houve uma grande mudança (...), começou um grande processo de reflexão", comentou o historiador Gerhard Baumgartner, chefe do Centro de Documentação da Resistência Austríaca.

Desenterrar a arte da época faz parte desse movimento e é uma forma de aprender mais sobre os artistas que estão por trás das obras pró-nazistas, dos quais pouco se sabe.

"Há uma grande necessidade de abraçar a história. Ainda existem muitas lacunas que precisam ser fechadas", disse a curadora Holzschuh.

PASSADO COMPLEXO. E não é a única maneira pela qual a cidade enfrenta seu passado complexo. Viena anunciou recentemente um concurso para criar uma peça de arte com a estátua do ex-prefeito antissemita Karl Lueger, que inspirou Hitler, que foi vandalizada várias vezes.

A cidade também analisou os nomes das ruas para marcar aquelas que homenageiam figuras antissemitas ou com um passado sombrio, uma tendência que ganhou força com o movimento Black Lives Matter e protestos em torno de monumentos históricos.

Depois de muita polêmica, uma parte do anel periférico de Viena, o Ringstrasse, que levava o nome de Lueger, foi rebatizada em 2012.

> Holocausto
> **Após sua anexação à Alemanha, a Áustria também participou da perseguição a judeus**

Holzschuh e Plakolm-Forsthuber também queriam revelar como alguns artistas continuaram a ter influência após a Segunda Guerra Mundial, como o escultor Wilhelm Frass.

Após a anexação da Áustria, Frass professou sua lealdade aos nazistas, mas continuou a trabalhar após a guerra e até teve obras encomendadas pela cidade de Viena.

A Câmara de Belas Artes do Reich foi dissolvida após o colapso do nazismo, e os artistas que desejassem continuar em sua profissão tiveram de ser aprovados pelo novo governo para evitar a presença de nazistas.

A mostra, aberta em outubro e que irá até abril, atraiu 4 mil visitantes em seu primeiro mês. ●

ESPECIAL

Riscos e oportunidades de 2022

Da economia à ciência, da cultura à política internacional, o que esperar do ano de eleição e do bicentenário da Independência

Eleição do sofrimento

ARTIGO

Pedro Fernando Nery
Doutor em Economia e colunista do 'Estadão'

Se houvesse um indicador simples que pudesse sintetizar tanto a falta de oportunidades na economia quanto a piora do poder de compra? Este é o índice do sofrimento (*misery index*): a simples soma da taxa de desemprego com a taxa de inflação. Quanto maior, pior. É uma medida rápida para o mal-estar de uma sociedade que talvez conte algo sobre as eleições de 2022.

Criado pelo americano Arthur Okun, assessor do ex-presidente Lyndon Johnson, o índice em outubro de 2022 pode ser o maior em cinco eleições. No pós-Real, ficaria atrás apenas do índice de sofrimento de 2002, há 20 anos.

As grandes mudanças nas coalizões vencedoras das nossas eleições coincidem com períodos em que o índice de sofrimento estava alto. Isto é, o desemprego era alto ou a inflação era alta, ou ambos. Foi assim em 2002 e 2018. Quando Luiz Inácio Lula da Silva venceu pela primeira vez a eleição presidencial – derrotando o grupo que governara por oito anos liderado pelo PSDB –, estávamos acima de 20 pontos. Na vitória do presidente Jair Bolsonaro, passamos de 16.

Mal-estar econômico pode tornar ideias antes polêmicas mais palatáveis para a opinião pública

Nas eleições em que ⊖

Uma nova chance para o País reavaliar as suas escolhas

Mesmo se 'terceira via' não decolar, centro deverá definir as eleições como fiel da balança

JOSÉ FUCS

Com as eleições de 2022 logo ali, em 2 de outubro, o País terá a chance de reavaliar mais uma vez as suas escolhas e de redefinir – ou não – a rota seguida nos últimos anos. Será também uma oportunidade de decidir se o papel de timoneiro deverá caber novamente ao presidente Jair Bolsonaro, provável candidato à reeleição, ou se é melhor apeá-lo do cargo, democraticamente, e eleger um concorrente para substituí-lo.

Agressividade
Na campanha de 2022, vai haver muito jogo sujo, fake news e insultos nos palanques, na TV e nas redes

Embora o pleito envolva a escolha de 27 governadores, 27 senadores, 513 deputados federais e mais de mil deputados estaduais, é na Presidência que as atenções se concentram, não só pelo caráter nacional da disputa como também pelo papel de protagonista desempenhado pelo presidente da República, no regime presidencialista adotado pela Constituição de 1988.

Mesmo que ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) atribuam à Corte o papel de Poder Moderador da República, sem qualquer amparo constitucional, e que o Congresso tenha adquirido uma força crescente nas últimas legislaturas, tornando a eleição dos parlamentares decisiva para o futuro do País, o presidente ainda tem a caneta na mão – e isso continua a ter um peso considerável no sistema político brasileiro.

Apesar de o termo "presidencialismo de coalizão", cunhado pelo sociólogo e cientista político Sérgio Abranches, ter uma conotação negativa, por sugerir uma perda indevida de poder do presidente para o Congresso, a construção de uma base parlamentar para aprovação de matérias de interesse do Executivo deve ser vista, segundo alguns analistas, como um sinal de maturidade democrática. "No multipartidarismo fragmentado como o nosso, o presidencialismo tem de ser 'de coalizão' ou não é democrático", afirma o também cientista político e sociólogo Antonio Lavareda.

Em meio à polarização política do País, uma parcela da sociedade teme que os pendores autoritários de Bolsonaro, realçados em supostas ameaças às instituições e em declarações relacionadas a uma possível resistência à entrega do poder, em caso de derrota nas urnas, possam colocar em risco, de alguma forma, o processo eleitoral. Mas o fato é que o Brasil chega em 2022 à nona eleição presidencial seguida, um recorde desde a Revolução de 1930, com a democracia mostrando uma resiliência que se sobrepôs até agora a qualquer bravata totalitária.

FANTASIA. "Se a gente fizer um balanço do que falaram contra o Bolsonaro em 2021, vamos ver que muita coisa não tinha base real", diz o cientista político e comentarista Fernando Schüler. "Disseram, por exemplo, que teria havido uma tentativa de golpe na manifestação de 7 de setembro e que haveria uma invasão do STF e do Congresso. Era pura fantasia, um exercício do que o (*escritor italiano*) Umberto Eco chamaria de 'irrealidade'. Agora, pergunta se dois, três dias depois, alguém disse 'olha, nós nos enganamos'. É claro que não."

O que se pode afirmar com segurança é que há um risco concreto de que a campanha seja uma das mais agressivas de que se tem notícia e possa até descambar para a violência. "Tudo indica que teremos a eleição mais sanguinolenta desde 1989", afirma o historiador e comentarista político Marco Antonio Villa.

Não vamos nos iludir. Em uma campanha que promete se desenrolar em altíssima voltagem, vai haver muito jogo sujo, fake news, divulgação de pesquisas feitas sob encomenda pelos candidatos e insultos para todos os lados, nos palanques, no horário eleitoral e nas redes sociais, mesmo com a posição vigilante da Justiça Eleitoral. "O meu temor é de que o processo eleitoral descambe para uma guerra", diz Villa.

Oficialmente, a campanha só começa em 16 de agosto, com o término do prazo para registro das candidaturas na Justiça Eleitoral, mas as principais candidaturas já estão sendo definidas e o debate já está nas ruas, em meio ao recrudescimento da pandemia, que teima em postergar o seu fim.

Hoje, a grande questão que está em pauta e que deverá perdurar ao longo da campanha, é se a disputa será mesmo polarizada em Bolsonaro e Lula, o eterno candidato do PT à Presidência, como apontam as pesquisas, ou se algum dos pré-candidatos da chamada "terceira via" vai ganhar corpo e se habilitar a disputar o segundo turno do pleito.

CENTRO. Embora as chances de que um nome da terceira via consiga quebrar a polarização Bolsonaro/Lula pareçam remotas no momento, quem apresenta o maior potencial de crescimento na preferência popular, de acordo com as pesquisas, é o ex-juiz e ex-ministro da Justiça, Sérgio Moro, que se filiou ao Podemos no início de novembro.

'Partido Lilás'
A ala histórica do PSDB voltou a alimentar o sonho de unir as duas vertentes da social-democracia no País

Para chegar lá, Moro terá de conquistar votos nas fileiras de Bolsonaro e atrair o apoio de pré-candidatos menos cotados da terceira via, como o governador paulista, João Doria, do PSDB, o cientista político Luiz Felipe d'Avila, do Novo, e os senadores Rodrigo Pacheco, do PSD, e Simone Tebet, do MDB. O único pré-candidato da terceira via que, provavelmente, não deverá engrossar uma eventual aliança com o ex-juiz da Lava Jato, caso ele confirme a sua liderança no grupo, é o ex-governador do Ceará e ex-ministro Ciro Gomes, do PDT, seu desafeto.

Ciente de que o centro pode ser o fiel da balança, como já aconteceu em outras eleições, inclusive na de 2018, Lula costura uma aliança considerada improvável até pouco tempo atrás com o ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin, que deixou o PSDB e deverá se filiar ao PSB.

Com a vitória de Doria nas prévias tucanas, a ala histórica do partido, composta pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pelos senadores José Serra e Tasso Jereissati e, de certa forma, pelo próprio Alckmin, que não se identificam com o governador paulista, voltou a alimentar o sonho de unir as duas vertentes da social-democracia brasileira, representadas por eles mesmos e pelo PT. A proposta de união das duas correntes chegou a ser ventilada anos atrás e até recebeu informalmente o nome de "Partido Lilás", mas não avançou na época por resistência de Lula.

Bolsonaro, por sua vez, procura atrair o apoio de forças de centro-direita por meio de alianças com partidos tradicionais, que fazem parte do Centrão, como o PP, do deputado Arthur Lira, presidente da Câmara, e o PL, do ex-deputado Valdemar Costa Neto, ao qual ele se filiou há cerca de um mês. "O que fez o Bolsonaro ganhar em 2018 não foi o bolsonarismo. Foi o centro", diz o cientista político Lucas de Aragão, da Arko Advice, uma consultoria de Brasília. "O bolsonarismo o colocou em pé, deu a ele visibilidade. Talvez possa até tê-lo colocado no segundo turno. Mas a vitória dele veio com o apoio do centro."

ELEITOR RACIONAL. Diante do atual cenário político, econômico e social, marcado pela combinação indigesta de estagnação da economia com repique da inflação, juros em alta, furo no teto de gastos, desemprego elevado, renda em queda e aumento da desigualdade, há uma expectativa, alimentada por setores da elite econômica e intelectual, de que a campanha deveria se concentrar no debate de propostas efetivas, para o eleitor fazer a sua escolha de forma consciente e fundamentada. "Tenho insistido que os partidos e os candidatos precisam apresentar esses programas para que a sociedade possa escolher", afirma o ex-ministro da Fazenda, do Planejamento e da Agricultura, Antonio Delfim Netto.

De acordo com analistas ouvidos pelo **Estadão**, porém, é improvável também que isso aconteça, o que aumenta o risco de a eleição ser decidida, outra vez, com base em fato- ⊖

houve continuidade, o índice estava mais baixo – ao redor de 12 pontos. Na reeleição de Fernando Henrique Cardoso em 1998, na de Lula em 2006, na eleição de Dilma em 2010 e em sua reeleição em 2014, o índice se manteve nesse patamar. No primeiro caso, era a inflação que estava atipicamente baixa, nos demais, o desemprego.

Considerando os dados divulgados para outubro, estamos em cerca de 23 pontos no índice do sofrimento – acima da "ruptura" de 2002. Espera-se que o pior da inflação já tenha passado, e do desemprego também. Mesmo projetando quedas otimistas, por exemplo inflação a 6% no outubro do pleito e desemprego a 11%, ainda teríamos o maior índice em 20 anos – de 17 pontos.

Um risco que se coloca neste sentido para as eleições de 2022 é uma corrida por soluções populistas, que pode agitar as expectativas do mercado. Afinal, se o governo eleito não conseguir equilibrar as demandas da sociedade com o espaço fiscal existente, são os juros que vão subir. Mesmo com mudança no Planalto, pode ser que o novo governante herde a impopularidade do anterior se o sofrimento continuar alto, tornando mais tentadoras saídas fáceis para nossa crise social.

Há, porém, oportunidades. São em períodos de inquietação que grandes transformações acontecem – há pouca disposição para consertar o telhado quando ainda não está chovendo. O mal-estar econômico pode mover a "janela de Overton", tornando ideias antes polêmicas mais palatáveis para a opinião pública.

Pode ser o empurrão para reformas como a tributária e a administrativa, se o governante conseguir apresentar ao País uma narrativa que relacione a angústia de alguns com os privilégios de outros. ●

ILUSTRAÇÃO: FARRELL

res de menor relevância, que pouco tem a ver com o que o eleito fará no governo. "Tudo indica que, no processo eleitoral de 2022, as grandes questões nacionais não serão o centro das atenções", diz Villa. "Vamos perder uma ocasião fantástica para discutir os problemas e conhecer as soluções apontadas pelos diferentes candidatos."

A percepção de Fernando Schüler é semelhante. Para reforçar sua visão, ele cita o livro *The myth of the rational voter* (O mito do eleitor racional), do cientista político Bryan Caplan, no qual o americano afirma que a ideia de que o eleitor médio está disposto a debater programas de governo não passa de *wishful thinking* (pensamento positivo). "Na campanha eleitoral, a complexidade das propostas é aplainada e substituída por grandes narrativas. No fim, uma delas se torna hegemônica e ganha as eleições", diz Schüler.

Pacificação
A expectativa dos analistas é de que, passado o pleito, o diálogo possa prosperar, para o Brasil poder avançar

DIÁLOGO. De qualquer forma, independentemente de quem ganhe a disputa presidencial deste ano, a expectativa é de que, em 2023, ao tomar posse, o vencedor busque desde o princípio o diálogo com o Congresso, para que o País retome, enfim, o desenvolvimento sustentável, que é a base para a prosperidade geral e para a melhoria dos serviços públicos, como educação, saúde e segurança, prestados à população.

"Goste-se ou não, o Brasil é multipolarizado na questão da influência. Muita gente manda no Brasil", diz Lucas de Aragão. "Talvez em função da intensa polarização dos últimos anos, os principais candidatos estejam dando sinais de que estão dispostos a construir o diálogo com forças que pensam diferente deles. Se isso não acontecer, a agenda não vai avançar." ●

Um 2022 vitaminado

ARTIGO

Adriana Fernandes
Repórter especial e colunista do 'Estadão'

Na virada para o ano-novo, o Brasil entra em 2022 com um acúmulo de tantos problemas que a sensação é uma só: cansaço. O desgaste com batalhas que nem deveriam ter sido travadas, como o direito à vacina e à democracia, tirou o foco de outras lutas essenciais.

O Brasil tem sido pródigo em fazer o diagnóstico dos problemas e apontar seus culpados. E o que falta mesmo são soluções simples. A referência do "simples é mais" é exemplo do que deveria ser seguido nas políticas públicas.

O governo de plantão, Congresso e os grupos políticos que querem ser poder em 2023, ao contrário, continuam prometendo soluções milagrosas para os problemas do País quando vencerem as eleições.

No Brasil, quanto mais complicado melhor. Na maioria das vezes, as propostas "revolucionárias" para o governo federal dão errado pela falta de planejamento, desconhecimento das leis, da burocracia em Brasília, desejo em deixar uma marca espetaculosa sem diálogo e deslumbramento pelo poder.

Na economia, o ano de 2022 é de pouco espaço para erros e muitos riscos por causa das eleições

Exemplos marcantes na área econômica podem ser enumerados. Vejamos cinco deles: a criação de um "superministério" da Economia para destravar as ⊕

Cenário de desafios no caminho da economia brasileira

Ambiente ruim, com crescimento próximo de zero e baixa geração de empregos, deve ser agravado por turbulências das eleições presidenciais

LUCIANA DYNIEWICZ

A visão dos economistas em relação ao cenário de 2022 é praticamente unânime: será um ano desafiador. Um misto de estagnação na atividade, instabilidade financeira decorrente da incerteza política e uma desigualdade exacerbada pela pandemia deverá resumir a economia brasileira neste ano. Soma-se a isso um cenário internacional desfavorável a mercados emergentes, com bancos centrais de países ricos retirando estímulos monetários, elevando juros e, assim, atraindo dinheiro dos investidores – em detrimento de países como o Brasil.

Isso significa que praticamente nenhum brasileiro, seja empresário, investidor, formulador de política econômica ou consumidor, terá uma vida fácil em 2022. A exceção deve vir de um setor que, ao longo do tempo, parece ter se descolado da realidade do Brasil: o agronegócio. Com uma supersafra no horizonte, o segmento deve ver seu PIB avançar 5%, segundo o Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getulio Vargas (FGV/Ibre).

"A volatilidade financeira será superior à de anos normais de eleição. Se fosse só a questão eleitoral, até estaria tudo bem, estamos acostumados. O problema é que, além disso, temos uma economia que cresce pouco e um contexto global em mudança", diz o economista-chefe do BV (antigo Banco Votorantim), Roberto Padovani.

O panorama geral deverá resultar em um PIB de 0,4% no ano, segundo estimativas de bancos e consultorias coletadas pelo Banco Central e publicadas no último dia 27 no Relatório Focus.

Samba de uma nota só
O setor do agronegócio deve ser, novamente, o principal motor da economia brasileira

Na visão de José Roberto Mendonça de Barros, sócio da MB Associados, desde o fim de 2014 não se via um cenário tão negativo para a economia. O economista projeta um PIB ao redor de zero para 2022 e destaca que, nos últimos três meses, quase todos os indicadores de atividade apresentaram resultados inferiores ao que os analistas esperavam.

A indústria, por exemplo, encolheu 0,6% em outubro de 2021, na comparação com setembro, quando analistas financeiros ouvidos pelo *Estadão/Broadcast* esperavam expansão de 0,7%. Em cinco meses de recuos consecutivos, o setor acumulou perda de 3,7%. No comércio varejista, a queda em outubro – a terceira seguida – foi de 0,1%, quando se projetava incremento de 0,6%, e, nos serviços, a retração ficou em 1,2%, enquanto as previsões variavam de redução de 1,1% a alta de 1,4%.

"Há muito tempo não se vê uma consistência assim nos indicadores. Não adianta o ministro (*Paulo Guedes*) ficar dizendo que as projeções (*de PIB*) são um pessimismo que não vai se verificar e que, em 2020, todo mundo errou (*as estimativas de recessão, que beiravam uma retração de 10%*)", diz Mendonça de Barros. "O fato é que vamos para o quarto ano de governo sem crescimento. Estamos andando de lado."

A maior responsável pela estagnação em 2022 será a taxa básica de juros (a Selic), que passou de 2% no começo do ano passado para 9,25% em dezembro – e deverá terminar 2022 em 11,5%, segundo o Relatório Focus. Como o impacto de uma mudança na política monetária na economia costuma levar de dois a três trimestres para ser verificado, são esperados para este ano os maiores efeitos desse aperto provocado pelo Banco Central para segurar a inflação.

A alta da Selic deve travar a concessão de crédito, prejudicando investimento e consumo e retirando o gás da economia. A preocupação dos especialistas é elevada porque essa mudança da política do BC chega em um momento em que famílias estão devendo e pequenas empresas trabalham com pouco caixa devido à crise provocada pela pandemia.

ALAVANCA. Além do agronegócio, os únicos propulsores da atividade em 2022 – mas em menor escala – deverão ser os serviços, os serviços públicos e a indústria extrativa (petróleo e mineração, sobretudo). Todas são atividades consideradas "exógenas", porque não dependem das políticas monetária e fiscal, ou não dependerão no atual cenário.

No caso dos serviços prestados às famílias, principalmente nas áreas de transporte, lazer e educação, a expectativa é que eles cresçam com a reabertura completa da economia, dado que em 2021 essa normalização das atividades só foi verificada no segundo semestre.

Dados do IBGE indicam que os serviços ainda estavam 3% abaixo do patamar pré-pandemia no terceiro trimestre de 2021. Há, portanto, espaço para crescerem, ainda que limitados pela alta da inflação. Esse cenário traçado pelos economistas, porém, não considera que novas restrições de mobilidade sejam adotadas no País por causa da variante Ômicron.

Nos serviços públicos, deve haver avanço nas áreas de saúde e educação. Procedimentos como cirurgias eletivas que não foram realizadas por conta da pandemia e um maior número de matrículas nas escolas vão ajudar a movimentar o segmento.

Já as obras públicas, que costumam ser turbinadas em anos eleitorais, e as concessões não devem ter força suficiente para mudar o quadro de estagnação. A análise é de que não haverá tempo suficiente para que elas sejam contratadas e para instalar canteiros de obras ainda neste ano.

"Há uma retomada da agenda de infraestrutura em curso, mas esperamos que os efeitos iniciais ocorram no fim de 2022 e que o impacto maior seja em 2023 e 2024", diz a economista Alessandra Ribeiro, sócia da Tendências Consultoria.

Além de não serem suficientes para causar um impacto positivo na atividade, as eleições vão aumentar a instabilidade no mercado financeiro e segurar projetos de investimento. "Podemos ter um quadro melhor se houver um debate econômico centralizado nas fragilidades da economia. Mas, se houver uma campanha agressiva e polarizada, pode haver um aumento das incertezas e da instabilidade. Isso vai repercutir nos preços de ativos e rebater sobre a atividade real", diz a economista-chefe do Santander, Ana Paula Vescovi.

Temas como o reajuste aos servidores e as isenções no Imposto de Renda, que podem alterar as contas públicas, estão entre os que devem ganhar destaque e intensificar – ou não – a instabilidade no mercado financeiro. Na economia real, a tendência é de que a incerteza leve empresas e consumidores a postergar suas decisões de investimento e consumo. Esse panorama deve fazer o investimento recuar. Segundo estimativa da Tendências, a formação bruta do capital fixo (forma de medir os investimentos) deve cair 3% em 2022, após subir 15% em 2021.

Sem carteira assinada
Há expectativa de redução do desemprego em 2022, mas a recuperação deve vir do mercado informal

Com queda no investimento e expansão apenas em atividades que não estão entre as grandes promotoras de empregos, o desemprego cairá lentamente – uma melhora pode ser registrada apenas no mercado informal.

"O agro, a indústria extrativa e o setor público não vão gerar emprego de forma importante. O agro pode salvar a economia de um município, mas não a de um país. Quem contrata é o serviço e a construção. Assim, vamos ver aquele boom na informalidade", afirma a economista Silvia Matos, do Ibre. "Com essa confusão que está a macroeconomia, o investimento fica muito aquém (*do necessário para criar vagas de qualidade*)."

INTERNACIONAL. Não fosse suficiente a deterioração geral da economia doméstica, o panorama externo também não deve favorecer o Brasil. Para Padovani, do BV, o aumento da taxa de juros nos Estados Unidos e o impacto desse movimento nos mercados emergentes serão definidores do cenário econômico brasileiro. "A retirada de estímulo monetá- ⊕

➔ decisões, a desoneração ampla dos salários, a abertura do País para o exterior, a reforma tributária e privatizações. Sejamos realistas, são poucas as chances dessa agenda avançar em 2022. Avanço mesmo será evitar novos desmontes e retrocessos.

Na economia, o ano de 2022 é de pouco espaço para erros e muitos riscos por causa das eleições. Seria muito mais fácil listar os problemas, desfiar um novelo de desgraças e oportunidades perdidas para desenhar o quadro econômico que o próximo presidente "com certeza" irá receber.

Os riscos econômicos para 2022 já têm sido alertados por economistas. A experiência de quem acompanha as reviravoltas econômicas e políticas mostram, porém, que muita água deve rolar no meio do caminho. O roteirista da novela Brasil já mostrou do que é capaz. Num país como o Brasil, com tantos problemas, não temos o direito de apostar na máxima de "quanto pior é melhor".

Podemos exigir mais, cobrar, pedir respostas e sair do modus operandi da "reclamação" – e da procrastinação – no qual muitos críticos ficam imersos em meio à certeza de que têm a respostas certas. Não podemos deixar que se repita o que aconteceu na eleição de 2018, marcada pelo não-debate na área econômica.

Como aconteceu na pandemia da covid-19 e no combate às informações falsas, a imprensa terá um papel importante e precisará se renovar. Não será com listinha de perguntas genéricas aos candidatos, enviadas e respondidas por e-mails pelos assessores, que o debate econômico nas eleições será efetivo.

Para 2022, o melhor será reforçar as energias com muita vitamina para superar o cansaço e enfrentar o ano difícil que virá com a eleição. Ânimo renovado para não deixar a peteca cair. Antes de 2023, teremos que passar por 2022. Feliz Ano Novo! ●

LUIS KAWÃO / ARREL

➔ rio nos EUA, no Japão e na União Europeia tende a não ser neutra para emergentes. Estaremos diante de um quadro que gera instabilidade financeira."

O aperto monetário internacional, porém, pode reduzir a demanda por produtos como semicondutores, cuja escassez travou a indústria automobilística nos últimos dois anos. É esperada, assim, uma normalização da cadeia de suprimentos entre o segundo semestre deste ano e o primeiro de 2023.

"Estou convencido de que o problema das cadeias globais é excesso de demanda, em particular na de semicondutores. Quando se analisa a produção desses itens, está acima do pré-pandemia", diz Fernando Honorato, economista-chefe do Bradesco. Esse aumento na demanda, segundo ele, foi uma resposta aos estímulos econômicos implementados em todo o mundo na tentativa de se evitar uma recessão decorrente da pandemia. Com a alta dos juros, portanto, a demanda deve desacelerar, e o problema começar a se resolver.

O economista do Bradesco destaca ainda que, domesticamente, qualquer reforma que começasse a ser tocada nos primeiros dias do ano – fosse administrativa, de abertura comercial, na área tecnológica ou ambiental – poderia mudar o humor dos investidores em relação ao Brasil, reduzindo os riscos de 2022 e aumentando as oportunidades. Na prática, porém, diz, isso é muito improvável de acontecer. ●

ESG, cibersegurança e gestão no radar das startups

ARTIGO

Amanda Graciano
Conselheira na
Wishe Women Capital

Começamos o último mês de 2021 já sabendo que os investimentos em startups haviam superado em mais de três vezes o volume de dinheiro investido em 2020. De acordo com o Inside Venture Capital, da empresa de inovação aberta Distrito, os valores de janeiro a novembro somavam US$ 8,85 bilhões em aportes, resultado de 677 rodadas de investimento.

Ainda em 2021, vimos muitas empresas chegando ao patamar de unicórnios, empresas avaliadas em mais de US$ 1 bilhão. Segundo a Associação Brasileira de Startups (ABStartups), existem 22 unicórnios no mercado brasileiro até o momento.

Olhando para 2022, algumas áreas e segmentos terão destaque. Uma é ESG, sigla para Environmental, Social and Governance (Meio Ambiente, Social e Governança). Veremos neste ano mais negócios que pretendem ser soluções vinculadas a resolver as grandes questões ligadas ao ESG – aqui, o mercado de biotechs volta a ganhar força. Além disso, o ESG será elemento importante na tomada de decisão entre negócios e parceiros, levando em consideração as boas práticas no tema.

Ganhará destaque também a gestão de pessoas e cuidados com a saúde mental. Em ambientes de grande crescimento, a gestão de pessoas e a cultura organizacional dizem muito sobre o time fundador e também sobre o funcionamento das relações de trabalho.

> ***Depois de tanto crescimento em 2021, a expectativa é termos um novo ano bastante agitado***

Veremos sem dúvida nenhuma as startups puxando e liderando muito essa pauta, ora por soluções que atacam problemas, ora sendo exemplo das boas práticas (e das não tão boas assim, que, claro, não precisam ser seguidas).

Depois dos megavazamentos e dos ataques eletrônicos, cibersegurança deve receber atenção. Essa não é apenas uma aposta minha, mas a consultoria Gartner, em seu relatório de tendências para 2022, aponta a necessidade do desenvolvimento e aprimoramento das malhas de cibersegurança. O principal fator é que, com o aumento do trabalho distribuído, os colaboradores deixam de estar em locais controlados, o que aumenta as janelas para incidentes – isso deve forçar a cibersegurança tradicional ser revista.

Segundo, Experiência Total (*Total Experience*) deve ganhar espaço. Nos últimos anos, vimos o boom de áreas de experiência do cliente, experiência do usuário, sucesso do cliente e experiência do colaborador. Segundo a Gartner, todas essas áreas irão se juntar em uma área chamada Total Experience (TX). Veremos startups se diferenciando cada vez mais quando o assunto for criar e aumentar a confiança, a satisfação, a lealdade e a defesa dos clientes e funcionários.

Depois de tanto crescimento em 2021, a expectativa é termos um 2022 bastante agitado com mais oportunidades de emprego e um perfil de consumidor cada vez mais consciente, conectado e exigente com as soluções que consome. ●

Novatas terão de se provar como ‘gente grande’

Após bater recorde de investimentos, o segmento de startups será colocado à prova com novas responsabilidades

[illegible]
BRUNA ARIMATHEA

Após o impulso à transformação digital trazido pela pandemia, o mercado de startups brasileiro se consolidou e recebeu investimentos recordes em 2021. Ao todo, nove empresas de tecnologia do País atingiram o status de unicórnio – nome dado às startups avaliadas em mais de US$ 1 bilhão). Em 2020, foram apenas três. Segundo especialistas ouvidos pelo **Estadão**, as startups devem aproveitar esse cenário favorável em 2022, mas com o desafio de lidar com problemas de "gente grande".

O ano de 2021 foi o dos cheques gigantes. Antes de abrir capital, o Nubank recebeu em junho um aporte de US$ 1,15 bilhão, o maior da história na América Latina. A Loft, de compra, reforma e venda de imóveis, somou US$ 525 milhões recebidos. E a fintech Ebanx captou US$ 430 milhões.

Na visão de Alex Szapiro, diretor do conglomerado japonês SoftBank no Brasil, a enxurrada de capital no Brasil e na América Latina, que tem acelerado a validação e a consolidação das startups, será mantida em 2022. "Se, por um lado, o País conta com fundadores brilhantes e teses vencedoras, ainda há uma infinidade de problemas e desafios estruturais que precisam ser solucionados – e que certamente podem ser superados com aplicação de tecnologia", afirma Szapiro.

Tendências do ano
As fintechs devem se manter fortes em 2022, e um novo mercado pode se abrir com o metaverso

Nesse sentido, alguns setores devem roubar a cena em 2022. Com a disseminação do open banking (sistema que permite o compartilhamento de dados de clientes entre bancos), as fintechs podem ganhar nova escala.

Além disso, o metaverso deve invadir o mundo das startups – o conceito, que pretende simular universos em ambientes digitais a partir do uso de realidade virtual e aumentada ganhou visibilidade global após o Facebook mudar seu nome corporativo para Meta, em outubro, de olho em projetos na área. "Acredito que nascerão vários negócios ao redor dessa tendência", diz Ingrid Barth, vice-presidente da Associação Brasileira de Startups (ABStartups).

MUNDO REAL. O crescimento das startups, porém, não deve ser descolado da realidade.

Para Bruno Diniz, especialista em inovação e sócio da Consultoria Spiralem, apesar da expectativa de investimentos altos, as startups terão de lidar com a instabilidade política e econômica no dia a dia de suas operações. "Teremos um ambiente econômico complicado pela frente, em escala global e local. Fatores como a alta taxa de juros podem prejudicar as fintechs de crédito, por exemplo", afirma.

Além disso, à medida que as startups se tornam maiores, novas cobranças batem à porta. Depois de chegarem à Bolsa, empresas como o Nubank deverão entregar resultados para os acionistas e apontar caminhos para atingir o lucro.

"Nesse processo de crescimento, as startups terão de provar que podem atender grandes mercados sem perder aquilo que justificou a criação delas, como o baixo custo e a atenção ao atendimento ao cliente", diz Eduardo Dotta, professor do Insper.

A pauta ESG, sigla em inglês para os aspectos ambiental, social e de governança, também deve extrapolar as grandes empresas e chegar às startups. Quase um terço delas (31,2%) declara não ter nenhum funcionário preto ou pardo, enquanto 19,1% afirmam não ter funcionárias mulheres, de acordo com um levantamento da ABStartups realizado em novembro.

E as startups brasileiras continuarão enfrentando um velho desafio do mercado de tecnologia. "Em 2022, vamos chegar em um ponto crítico de escassez de desenvolvedores no Brasil, principalmente para as startups menores. A demanda por contratação de pessoas de tecnologia já é bem maior que a capacidade de formação de novos profissionais", afirma Luiz Gomes, diretor da aceleradora Overdrives, de Recife, do Grupo Ser Educacional. ●

ILUSTRAÇÃO FARRELL

Seremos ainda mais virtuais em 2022

ARTIGO

Carlos Affonso Souza
Diretor do ITS-Rio

Nem sempre é fácil perceber que se está no meio de uma transição entre diferentes épocas, com grandes mudanças na forma de viver e de entender o mundo. Algumas mudanças surgem como rupturas bruscas, enquanto outras vão se assentando aos poucos, superando estranhamentos iniciais até se tornarem inevitáveis.

Foi assim com a internet, que de experimento militar e objeto de pesquisa acadêmica se transformou em uma verdadeira infraestrutura a sustentar as mais diversas atividades. Isso não aconteceu da noite para o dia, mas a pandemia da covid-19 acelerou esse processo.

O adjetivo "virtual" entrou em nossas vidas como oposição ao que é real ou verdadeiro. Realidade virtual, nesse sentido, deveria ser uma realidade de mentirinha. A plataforma Second Life, lançada em 2003, é frequentemente lembrada como uma experiência inicial de virtualização das relações sociais, colecionando adeptos na mesma velocidade em que foi deixada para trás.

Não estamos mais em 2003. Uma parcela relevante das pessoas precisou migrar para o virtual. Algumas fizeram isso progressivamente, enquanto outras foram catapultadas para esse universo em 2020 por conta da pandemia. Seus relacionamentos pessoais e profissionais, além dos momentos de informação e de entretenimento, viraram virtuais.

O mundo todo se converteu em dados que poderiam ser utilizados para os mais diferentes fins

A virtualização de tudo não foi uma escolha, mas sim uma necessidade para que o mundo continuasse a girar enquanto o espaço físico ficava do lado de fora, com suas restrições ao deslocamento e risco de contágio. Ao mesmo tempo, uma série de transformações tecnológicas e culturais nos últimos anos transformaram essa onda em um inevitável tsunami.

Os anos 2010 foram marcados pela ascensão da internet móvel e das redes sociais, além do aumento exponencial na capacidade de processamento de dados e de se retirar inteligência do seu tratamento em larga escala. O mundo todo se converteu em dados que poderiam ser coletados, armazenados e utilizados para os mais diferentes fins.

Os anos 2020 começaram com a explosão dos criptoativos, dos meios de pagamento eletrônico e da tokenização de tudo. Por trás dessas transformações, está a mesma internet que foi pensada no século passado e que, acoplada às inovações tecnológicas das últimas décadas, proporcionou essa gigantesca, mas por vezes silenciosa, transformação. A virtualização parece inevitável.

A grande tendência tecnológica para 2022 não é a expansão do 5G ou a popularização de novas aplicações de inteligência artificial ou blockchain, mas sim a junção de todos esses elementos para pavimentar um caminho em direção ao virtual. Mas é importante lembrar que a exclusão digital e a qualidade do acesso à internet são pedras nesse caminho. Como lembra William Gibson: "o futuro já chegou, ele só não foi igualmente distribuído". ■

Com metaverso e 5G no radar, momento é de transição

Mundo tecnológico dará os primeiros passos com dispositivos e serviços da próxima geração

BRUNO ROMANI

O mundo da tecnologia chega a 2022 na sala de espera para uma nova era de gadgets e plataformas. Isso significa que estamos em um momento de transição: talvez tenha chegado a hora de começar a dar "tchau" para formatos que definiram a última década, como os smartphones. Por outro lado, a próxima geração de dispositivos e serviços ainda não está pronta para o uso em massa.

"Vemos o avanço da interatividade e a diminuição de texto no mundo digital", explica Berthier Ribeiro-Neto, diretor de engenharia do Google para a América Latina.

Ele não arrisca dizer como essa tendência se desenrolará, mas parte da indústria aposta no metaverso – conceito que trata do avanço do mundo real sobre o digital e vice-versa. Nele, você não acessa a internet, e sim entra na internet, como se fosse um espaço físico.

O assunto ganhou corpo depois que o Facebook anunciou a mudança de nome de sua *holding* para Meta, como forma de refletir o interesse no tema.

O universo imaginado por Mark Zuckerberg, porém, está distante de acontecer. Há obstáculos que vão desde a qualidade de conexões até os dispositivos necessários para tirar o projeto do papel. Mas o Facebook e outras gigantes do setor devem fazer avanços – o fundador da rede social anunciou que deve ter novidades sobre novos óculos de realidade virtual já em 2022.

Compreensão
Fabricantes de smartphones ainda tentam entender os caminhos das novas tecnologias

Outro nome de peso que deve impulsionar a tecnologia é a Apple. Ao contrário do que tradicionalmente ocorre, o dispositivo mais aguardado pelos fãs da marca neste ano não é um novo iPhone. Aqueles que seguem a empresa de perto garantem que finalmente a gigante vai apresentar seus óculos de realidade aumentada e realidade virtual – é um rumor que acompanha a Apple há anos.

Enquanto os dispositivos não ficam prontos, startups e empresas tradicionais correram para garantir a presença nos metaversos que já existem – em muitos casos, são mundos digitais que lembram ou derivam dos games. O Itaú, por exemplo, anunciou uma ação de marketing dentro de Cidade Alta, um dos maiores servidores do jogo GTA 5.

E O CELULAR? Com a expectativa de óculos, luvas e sensores voltados para o metaverso, o smartphone está congelado em termos evolutivos. "Com a chegada do 5G, os celulares estão em compasso de espera. As redes da nova geração não foram criadas para tornar os celulares melhores. Elas foram desenvolvidas para o uso de outros dispositivos", explica Renato Franzin, pesquisador da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP).

Para ele, fabricantes ainda precisam entender as novas capacidades que esses aparelhos podem ganhar com as redes de quinta geração, que finalmente devem chegar comercialmente neste ano no País.

Portanto, não espere grandes novidades do setor, que, além dos desafios conceituais, ainda enfrenta um problema bastante real: a crise dos chips.

Por outro lado, as novas redes de comunicação ajudam a implementar modelos de inteligência artificial mais sofisticados, capazes de "racionalizar" suas decisões, como ensina Judea Pearl, professor da Universidade da Califórnia em Los Angeles.

ROBÔS. Até aqui, parece um cenário pouco empolgante, mas um velho símbolo de futuro pode voltar a ganhar forças. "À medida que a casa conectada avança, essa inteligência pode ser encapsulada em outros dispositivos. O resultado é que veremos o avanço de robôs domésticos", diz Marcio Kanamaru, sócio-líder de tecnologia, mídia e telecomunicações da KPMG no Brasil.

Não é uma coincidência que a Amazon tenha apresentado em 2021 o Astro, um robô com inteligência gerada pela assistente virtual Alexa.

Esses dispositivos poderiam ajudar com tarefas domésticas e atividades de saúde e bem-estar. Não será o futuro dos Jetsons, mas pode ser um passo nessa direção. ■

Ludibriando os autocratas

ARTIGO

Jan Werner Müeller
Professor de Princeton e autor de "O que é populismo?" (2016)

Uma ilusão reinou durante as décadas após o fim da Guerra Fria. Não, não que a História tivesse terminado, como um relato clichê, muitas vezes oferecido por analistas que nunca se deram ao trabalho de ler o livro de Francis Fukuyama. Pelo contrário, prevaleceu a opinião de que apenas as democracias são capazes de aprender com os erros. Em contraste, todos os Estados autoritários acabarão como a União Soviética, que literalmente deixou de existir há 30 anos.

Foi preciso muito tempo para se enfrentar essa ilusão. A consolidação de regimes de líderes populistas de extrema direita como Viktor Orbán, na Hungria, e Narendra Modi, na Índia, finalmente fez aqueles comprometidos com a democracia perceberem que têm subestimado seus adversários. Assim como existe uma Comunidade de Democracias (uma coalizão global hoje amplamente esquecida liderada pelos ministros das Relações Exteriores da Polônia e dos Estados Unidos em 2000), existe agora uma Autocracia Internacional informal. Há hoje um manual autoritário que pode ser copiado e colado e é necessário que haja alguma orientação geral sobre como trazer a de- ⊕

Assim como existe uma Comunidade de Democracias, agora há uma Autocracia Internacional informal

Urnas trarão duelos novos entre populismo e democracia

Embate entre populistas iliberais e democratas vai se repetir em uma série de eleições pelo mundo

RODRIGO TURRER

Se 2021 foi o ano em que a ameaça à democracia se cristalizou em várias partes do mundo, com a invasão do Capitólio por uma turba de radicais, em 6 de janeiro, 2022 será um ano em que os embates entre populismo radical e democracia estarão ainda mais presentes.

"A batalha entre os defensores do autoritarismo e dos modelos iliberais contra a democracia vai crescer em 2022, e não há sinais de diminuição do refluxo democrático que vimos nos últimos anos", afirmou ao **Estadão** Arend Lijphart, professor emérito de ciência política na Universidade da Califórnia, autor do livro *Modelos de Democracia: desempenho e padrões de Governo em 36 países*, e um dos principais estudiosos do assunto no mundo.

Para Lijphart, o avanço do populismo e do nacionalismo tem acontecido de maneira mais intensa em países que eram modelo de democracia, e esse avanço ameaça desintegrar a ordem mundial surgida depois da queda do Muro de Berlim, e os princípios da democracia, do estado de direito e dos direitos humanos.

ELEIÇÕES EM SÉRIE. Um dos melhores exemplos do embate é a eleição de meio de mandato nos EUA, em novembro, que pode derrubar a maioria democrata no Congresso americano. A votação já tem se mostrado uma disputa renhida entre defensores do ex-presidente norte-americano Donald Trump e republicanos mais moderados, além dos próprios democratas.

A América Latina também terá dois campos de batalha ideológicos nas urnas. O sentimento antigoverno, que tem dominado as últimas eleições, deve perdurar. Uma questão central é se a raiva vai dar lugar ao pragmatismo sobre o crescimento econômico e a proteção social.

Na Colômbia, o líder nas pesquisas e favorito na eleição presidencial de maio é o populista de esquerda Gustavo Petro, um admirador de Hugo Chávez e ex-guerrilheiro do M-19, guerrilha urbana que atuou de 1970 a 1990 e virou um popular partido (Aliança Democrática). Ele defende uma agenda de aumento de impostos sobre imóveis e empresas, além da redução da importância de petróleo e carvão na economia colombiana.

No Chile, o presidente eleito, o esquerdista Gabriel Boric, terá de lidar com a nova Constituição que está sendo redigida por constituintes eleitos em 2020, após a explosão social no fim de 2019, que colocou em xeque a economia de livre mercado tocada pelo país.

A convenção constituinte tem até julho para chegar a um acordo sobre um novo projeto constitucional, que será submetido a referendo. Com a esquerda sendo maioria, a nova Carta pode trazer restrições à mineração, além de mais gastos do Estado com saúde e aposentadorias.

A Europa também terá eleições decisivas em 2022. Na França, o candidato de extrema direita Eric Zemmour tem 18% das intenções de voto na eleição presidencial, disputando o segundo lugar e ameaçando o presidente do país, Emmanuel Macron.

Sem trajetória política, Zemmour tem ganhado espaço entre os conservadores da França ao defender uma linha ainda mais radical do que Marine Le Pen, da Frente Nacional, a principal opositora de Macron nas eleições de 2017. Se as eleições fossem hoje, Macron teria entre 24% e 27% dos votos no primeiro turno. Zemmour obteria entre 17% e 18%, à frente de Le Pen (de 15% a 16%).

Retrocesso
Entre as causas da erosão democrática está a insatisfação provocada pelas desigualdades

Portugal terá eleições antecipadas para o Parlamento em 30 de janeiro, com o partido de extrema direita Chega crescendo nas pesquisas depois de ficar em terceiro lugar na eleição presidencial do ano passado. Na Hungria, seis partidos de oposição escolheram um candidato conservador moderado para tentar formar uma coalizão contra o iliberal Viktor Orbán.

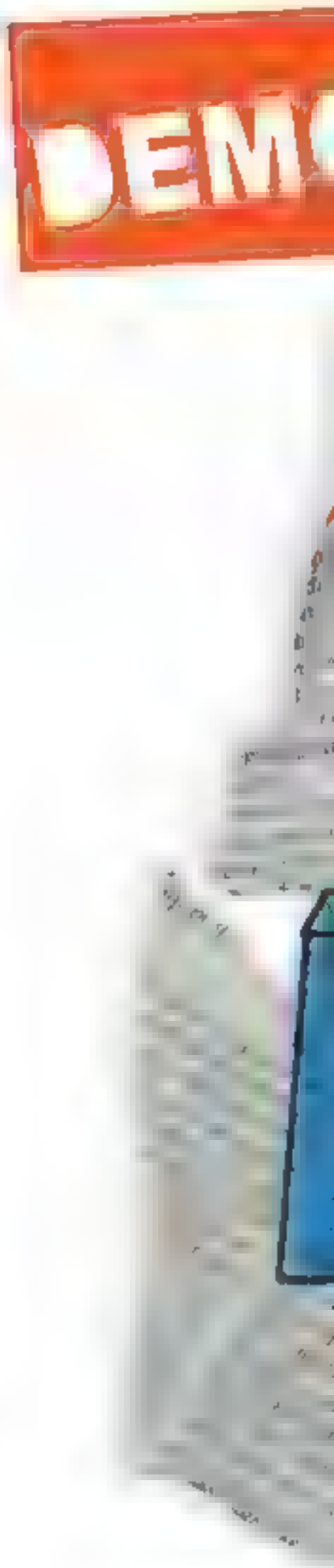
GUERRA CULTURAL. O embate ideológico, cada vez mais polarizado em várias eleições importantes em 2022, é mais um capítulo no processo de erosão democrática que ocorre em todo o mundo. "As democracias enfrentam um processo de 'erosão', estão menos estáveis e menos democráticas, e potências autoritárias como China e Rússia patrocinam seu modelo para países que dependem delas", afirma Lijphart. "Também vemos uma insatisfação crescente com o modelo democrático, mas o aspecto mais perturbador disso é que o recuo mais significativo ocorre em países considerados plenamente democráticos, em berços da democracia."

GOLPES. Em 2021, sete tentativas de golpe de Estado ocorreram no mundo, e cinco delas tiveram êxito. O número é o maior das últimas duas décadas, segundo um monitoramento dos professores Jonathan Powell e Clayton Thyne, das universidades Central da Flórida e Kentucky. O balanço leva em conta as tentativas frustradas ou não de tirar um líder do poder.

A medição, no entanto, não inclui casos em que o próprio presidente manobra a Constituição numa escalada autoritária, como ocorreu na Tunísia, em 2021, e em países como Nicarágua, Belarus, Rússia e outros ao longo dos últimos anos. Esse tipo de erosão democrática de longo prazo é a mais insidiosa, e a que mais ameaça as democracias.

Segundo o relatório anual *Liberdade no Mundo*, da Freedom House, instituição americana que se dedica a monitorar a questão, 2020 foi o 15.º ano consecutivo de declínio na liberdade global. Em 2005, a organização identificava 89 países considerados "livres"; hoje, são 82. Os países "não livres" passaram de 45 para 54. Menos de 20% da população mundial vive em um país livre. Hoje, 3 em 4 pessoas moram em nações que experimentaram declínio. A "diferença democrática" – o número de países que melhoraram suas democracias menos o de países que apresentaram declínio democrático – foi a maior da série iniciada em 1995: 45.

A toada segue a mesma em 2021, com países como Hungria, Polônia, Nicarágua, Filipinas e Belarus registrando um aumento da perseguição a opositores do governo e o silenciamento da oposição. "A longa recessão democrática está se aprofundando", diz a Freedom House.

RAÍZES PROFUNDAS. As causas dessa erosão democrática incluem o descontentamento crescente das populações provocado pelo aumento da desigualdade. Essa raiva levou ao crescimento do populismo, com suas soluções fáceis para problemas complexos, e o ⊕

» mocracia de volta

O que frequentemente pode soar como um ponto muito pedante precisa ser enfatizado o suficiente: todos os países são diferentes, e apenas o fato de que as técnicas de governo dos populistas de extrema direita muitas vezes parecem semelhantes não significa que as causas para sua ascensão sejam idênticas. Ainda assim, podemos arriscar alguns pontos gerais.

Primeiro, as forças de oposição devem se unir. Esta é uma lição bem conhecida das lutas pela democratização nas décadas de 1970 e 1980. A segunda lição é que a união não é suficiente. A democracia é um valor em si, mas as campanhas eleitorais baseadas simplesmente em apelos a princípios podem não ser eficazes. Em outras palavras, as forças de oposição também precisam oferecer propostas políticas substantivas sobre como a vida diária dos cidadãos pode melhorar. A terceira e mais difícil questão envolve um enigma particular para os partidos de esquerda. As concessões políticas serão inevitáveis. E às vezes a união da esquerda por trás de uma figura relativamente conservadora (mas claramente democrática) pode ser a melhor aposta para remover uma figura autoritária.

Esses cálculos estratégicos não equivalem a uma panaceia. Os autoritários podem ser espertos, mesmo que alguns deles simplesmente tenham tido sorte (Trump e Bolsonaro são bons exemplos). Não se pode prever até que ponto alguns deles podem chegar sob pressão (Lukashenko e Putin, evidentemente, nunca deixarão o cargo pacificamente). Os democratas comprometidos, em vez de presumir que o outro lado fracassará automaticamente, devem fazer todo o possível para ludibriá-los tática e estrategicamente. ● TRADUÇÃO LÍVIA BUELONI GONÇALVES

ILUSTRAÇÃO: FARRELL

» consequente enfraquecimento das normas democráticas, além do acirramento das tensões ideológicas do radicalismo e a expansão das notícias falsas e a fragmentação da mídia. Políticos populistas responderam a esses sentimentos de raiva e frustração insuflando o radicalismo para desse modo tentar mostrar aos eleitores que suas queixas são importantes.

Uma pesquisa realizada pelo Pew Research, centro de estudos com sede em Washington, nos EUA, mostrou que 52% da população está insatisfeita com o funcionamento de sua democracia, em comparação com 44% que estão satisfeitos. A pesquisa, feita com 38.426 pessoas em 34 países desenvolvidos e em desenvolvimento, busca subsídios para entender a importância dos valores democráticos.

PESSIMISMO. Para especialistas, é pouco provável que a situação melhore em um futuro próximo. "Estou pessimista porque a situação atual tem raízes sociais e econômicas muito profundas. Não se trata apenas da vitória de Trump, da AfD (*partido de extrema direita da Alemanha*) ou de qualquer extremista, mas de uma polarização que se enraizou em nossa estrutura social", disse ao **Estadão** o cientista político Adam Przeworski, professor da Universidade de Nova York e autor dos livros *Crises da democracia* e *Por que eleições importam*.

"Um estudo recente nos EUA mostrou que os jantares de Ação de Graças, no ano passado, nos quais os participantes viviam em distritos eleitorais governados por partidos diferentes, eram quase 30 minutos mais curtos do que aqueles que vinham do mesmo distrito. Em 1960, 5% das pessoas diziam que ficariam infelizes se seus filhos se casassem com um eleitor de outro partido. Atualmente, isso está na faixa de 50%. A polarização entrou na unidade mais básica da estrutura social – a família."

Para Przeworski, a melhor maneira de garantir a longevidade da democracia é preservar de todas as maneiras as instituições de controle. Órgãos do Judiciário não podem sofrer influência política nem ser dominados por juízes parciais, partidos políticos devem ser livres e organizações de mídia estabelecidas precisam ser independentes.

Além disso, a mobilização para votar é essencial. "A forma mais eficaz para equilibrar o jogo político é a mobilização das pessoas, com sindicatos e organizações da sociedade civil, para garantir que a democracia funcione", afirma Przeworski. ●

O coronavírus surfa nas oportunidades e é bom no que faz

ARTIGO

Flávio Guimarães da Fonseca
Professor da UFMG e presidente da Sociedade Bras. de Virologia

A incerteza está sempre presente em um contexto de pandemia, mas uma linha de pensamento entre virologistas e biólogos evolutivos traça um caminho um pouco menos pedregoso daqui para a frente. Estamos em um momento diferente. No Brasil, com a variante Ômicron, ainda poderemos ver aumento de casos e, consequentemente, de hospitalizações e mortes, mas jamais como a onda que tivemos no início de 2021, graças à vacinação de boa parte da população.

Do ponto de vista das flexibilizações, caminhamos para o retorno a uma certa normalidade, em movimento baseado nos índices epidemiológicos do Brasil. É natural que seja assim: temos de tentar sair da caverna se a situação permite. O que nos dá um pouco mais de segurança é que hoje, ao contrário de dois anos atrás, sabemos o que fazer. Se houver recrudescimento da condição epidêmica, é possível voltar um passo atrás.

Não adianta viver como antes e tirar a máscara porque isso cria cenário propício à disseminação viral

No entanto, para que não seja preciso retroceder, ainda são necessários cuidados. Não adianta voltar a viver como antes e tirar a máscara porque isso cria um cenário propício à disseminação viral. E sabemos que esse vírus surfa ⊕

Vacina reduz perigo, mas variante expõe risco de baixar a guarda

Desafio de frear a Ômicron reforça urgência de rastrear mutações e reduzir desigualdade global na imunização; dizer adeus à pandemia em 2022 não é certeza

JÚLIA MARQUES

O ano de 2022 pode não trazer a notícia do fim da pandemia de covid-19, como se espera, mas aprendizados acumulados em dois anos e o desenvolvimento de vacinas dão aos países mais ferramentas para começar a domar o Sars-CoV-2. Tudo dependerá de estratégias de rastreio e imunização. E as iniciativas terão de ganhar escala, sob risco de colocar a perder os avanços até agora.

Luta contra o vírus
Vencer a Ômicron e impedir o surgimento de novas variantes são alguns dos desafios de 2022

Em dezembro, a constatação de que a Ômicron, nova variante do vírus, avançava por África, Europa e Estados Unidos com rapidez sem precedentes jogou um balde de água fria nas perspectivas mais otimistas de decretar o fim da pandemia nos próximos meses. Além disso, projetou a sombra de novas mutações que podem estar a caminho.

Debelar a Ômicron e impedir o surgimento de outras variantes serão alguns dos principais desafios de 2022. Para o Brasil, em vantagem na disputa contra a covid nos últimos meses diante da alta adesão à vacinação, as mutações podem representar uma virada de jogo – a favor do vírus.

Em novembro, a Ômicron foi classificada como variante de preocupação pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Significa que tem potencial de causar impacto na saúde global, como fizeram a Delta e a Gama, esta responsável pela explosão de mortes no Brasil no primeiro semestre de 2021.

Especialistas afirmam que a Ômicron pode, sim, causar estragos por onde avançar nos primeiros meses de 2022 – o que ainda não se sabe é o tamanho do impacto. Países com aumento de infecções voltaram a impor restrições. Houve fechamento do comércio e até ordem para reduzir o número de pessoas em confraternizações. A gravidade da doença provocada pela variante ainda é desconhecida e o temor é de sobrecarga nos hospitais.

A trajetória do vírus no exterior deve servir de alerta para que o Brasil prepare o seu sistema de saúde, em meio à estafa dos profissionais de saúde e a surtos de outras doenças, como a gripe. Também será preciso monitorar o avanço da variante e, mais do que nunca, acelerar a vacinação em 2022 com aumento da imunidade dos mais vulneráveis e alcance de crianças, ainda desprotegidas. A vacinação dessa faixa etária, no entanto, é motivo de embates: mesmo após aval da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), o governo federal demora para começar a aplicação de doses.

Também é necessário, agora, alterar os critérios que fazem o País acender a luz amarela para a covid, diz o virologista Fernando Spilki. Até então, governos locais tomaram decisões de flexibilizar ou restringir atividades com base em hospitalizações e mortes. Com boa parte da população vacinada, usar esses mesmos parâmetros pode levar gestores a minimizar impactos do vírus num primeiro momento.

"Há cada vez mais infecções sem sinal clínico. Não podemos esperar aumentar a internação. É o momento de intensificar monitoramento, diagnosticar, examinar contatos mesmo em indivíduos vacinados para cercar o vírus", diz Spilki, da Universidade Feevale e membro do comitê de especialistas da Rede Vírus, do Ministério da Ciência e Tecnologia.

TESTES. O Brasil ampliou sua capacidade de testagem. Em setembro, lançou um plano de distribuição de testes de antígeno – exames que mostram os resultados em poucos minutos. Mas ainda há distância entre ter bons testes à disposição e ter estratégias de testagem. Nem sempre quem procura o posto de saúde consegue fazer o exame imediatamente.

Outro desafio é transformar os laudos em ações. "O (*paciente com*) resultado positivo tem de ser monitorado e ficar isolado. Os contatos também têm de ser testados com frequência. Desde março de 2020 se fala, mas não se faz isso bem, o que pode ajudar na disseminação", diz Marilda Siqueira, chefe do Laboratório de Vírus Respiratórios e do Sarampo do Instituto Oswaldo Cruz.

Com promessas de ampliar a testagem desde o início da pandemia, o Ministério da Saúde informou que manterá o plano de expansão da oferta de exames em 2022 e que o objetivo é "promover isolamento, rastreamento e testagem dos contatos, que também devem fazer quarentena". A testagem, diz a pasta, deve ser usada ainda na apuração de surtos locais, como escolas.

Além disso, segundo Marilda, é importante aprimorar a vigilância genômica, o que significa saber quais variantes estão em circulação e onde. Essa informação fornece pistas até mesmo para avaliar a resposta das vacinas às mutações. Estudos com a Ômicron, por exemplo, já mostraram que imunizantes em uso parecem ser eficazes para evitar casos graves e mortes, mas sofrem um golpe na capacidade de prevenir infecções. Pesquisas sugerem que uma 3.ª dose ajuda a recompor a barreira de anticorpos.

Oferecer doses adicionais deve ser a estratégia de boa parte dos países – incluindo o Brasil – para reduzir a transmissão e evitar mortes. Em 2022, está prevista a 3.ª dose para boa parte dos adultos brasileiros e a 4.ª já foi anunciada a imunossuprimidos, como transplantados e pacientes com câncer. Países como França e Itália também apostam no reforço com intervalo reduzido – em alguns casos de até três meses (no Brasil, são quatro).

Imunização em alta
Adesão à vacinação é vista por especialistas como uma vantagem do Brasil na disputa contra a covid

Já a adaptação de vacinas aprovadas para torná-las mais eficazes contra variantes segue no horizonte e a estratégia pode ser usada caso se conclua que o escape às mutações aumentou. Do ponto de vista científico, não há dificuldades – o desafio seria produzir e distribuir a nova leva de vacinas.

DESIGUALDADE. Se por um lado os países contam com a dose extra para proteger mais, por outro, a existência de áreas sem qualquer imunização desprotege toda a população mundial e afasta a chance de vencer o Sars-CoV-2 em 2022. "Estamos jogando roleta russa com o vírus", diz a epidemiologista Denise Garrett, vice-presidente do Instituto Sabin, nos Estados Unidos. "A desigualdade favorece o aparecimento de novas variantes." Por isso, mais do que dar reforços, 2022 terá de ser o ano de melhorar o acesso a vacinas.

Para a OMS, alcançar o fim da pandemia em 2022 depende de "garantir que 70% da população de todos os países esteja vacinada em meados de 2022", disse o diretor-geral da organização, Tedros Ghebreyesus. A taxa está longe de ser alcançada: menos de 50 países tinham essa cobertura no fim de 2021 e, na África, só 9% da população está vacinada.

Acelerar a produção de imunizantes e a distribuição aos países pobres deve estar entre as metas. Em 2021, a Covax Facility, aliança internacional conduzida pela OMS para distribuir imunizantes, entregou 790 milhões de doses a 92 países – abaixo do objetivo de 1,3 bilhão. Além disso, experiências em 2021 mostraram que apenas entregar vacinas a países pobres não é suficiente.

"Uma campanha não depende só de ter seringa e agulha. É preciso centrais de armazenagem, geladeiras monitoradas nos postos. Parece simples, mas não é", diz Marilda, que integra grupo consultivo técnico da OMS. Nações pobres demandam apoio logístico. Já doações de imunizantes perto do prazo de validade, como em 2021, criam desafios extras. Na Nigéria, centenas de milhares de doses doadas venceram sem chegar a nenhum braço.

Ao mesmo tempo em que cresce a necessidade de estratégias globais para repartir recursos disponíveis, tecnologias em teste fazem aumentar a esperança de ter à disposição mais – e ainda melhores – vacinas, além de remédios que de fato funcionem. No fim de dezembro, a agência reguladora americana aprovou o uso emergencial de uma pílula da Pfizer, cujos testes apontaram risco de mor- ⊕

» nas oportunidades que damos a ele. O Sars-Cov-2 é muito bom no que faz.

Apesar do potencial do Sars-Cov-2, boa parte dos especialistas – e me incluo nesse grupo – acredita que há uma tendência evolutiva de adaptação dos vírus ao hospedeiro, com redução da letalidade. O Sars-Cov-2 tem pouco tempo de evolução conosco, está "aprendendo" a conviver com humanos e é bastante virulento. O caminho é chegar a um certo equilíbrio, em que o vírus se dissemina rapidamente, mas sem causar tantas mortes ou doenças graves, como ocorreu com a gripe. Não sabemos se isso ocorrerá com a covid em 2022. Acredito que não, mas está próximo de ocorrer.

Em 2022, ainda devemos ter situação de pandemia, principalmente por causa do surgimento de variantes descontroladas, o que tem relação com baixas coberturas vacinais em inúmeros bolsões. Uma coisa é certa: onde há baixa cobertura vacinal, o vírus se multiplica mais e surgem mutações. O risco de uma mutação ser selecionada e se transformar em variante é enorme onde a pandemia corre solta. É estratégico, portanto, que 2022 seja focado nesses países e que essa discussão saia do campo semântico para alcançar a prática.

Além da necessidade de cobrir a maior parte da população, será preciso dar novas doses de vacinas nos próximos anos. Certamente teremos vacinação contra a covid-19 por muito tempo. Os imunizantes vão ser atualizados para responder às variantes, como já acontece para a gripe, e ficarão no nosso "cardápio". A boa notícia é que provavelmente vamos ter uma vacina desenvolvida no País. Uma das candidatas nacionais deve ter sucesso nos testes clínicos que começam em 2022 e isso será um marco para nossa autonomia. ●

ILUSTRAÇÃO: FARRELL

» te 89% menor. Outras farmacêuticas também obtiveram resultados promissores. Opção para aqueles que, apesar da vacina, tenham adoecido, os medicamentos precisam ter custo mais baixo do que os que estão disponíveis para, de fato, se popularizarem nos hospitais.

Já para a segunda geração de vacinas, a expectativa é de tecnologias "à prova de variantes" e fáceis de administrar – há até propostas de imunizantes em forma de pílulas, uma pedida para quem tem medo de agulhas. No fim de 2021, em meio ao avanço da Ômicron, o primeiro imunizante da segunda geração entrou no cardápio: a vacina da americana Novavax foi autorizada para uso emergencial pela OMS. No Brasil, seis candidatas tiveram bons resultados nos primeiros testes e devem avaliar a eficácia em humanos em 2022.

"A vacina dos meus sonhos seria a que, além de proteção contra hospitalização e morte, conseguisse diminuir mais a transmissibilidade do vírus", diz a médica Rosana Richtmann, do Instituto de Infectologia Emílio Ribas. Vacinas esterilizantes, que existem para doenças como sarampo, são consideradas o "Santo Graal" da imunização porque impedem o vírus de entrar nas células. Enquanto cientistas tentam marcar mais esse gol, é possível – com as vacinas à disposição – se não eliminar, pelo menos controlar a covid.

Nova frente de batalha
Farmacêuticas estão desenvolvendo remédios que ajudam a reduzir o risco de morte por covid

E chegar ao ponto de transformar a pandemia em uma endemia, quando o vírus circula em níveis esperados, em certas regiões. Por ora, especialistas têm dificuldade de prever quando isso ocorrerá. E, até que os indicadores mostrem a covid sob controle, cuidados devem continuar. "Não consigo imaginar 2022 sem máscara em ambientes fechados, onde não se consegue fazer distanciamento", diz Rosana. "Ainda não vai dar para relaxar." ●

Floresta fica cada vez mais perto do ponto do não retorno

ARTIGO

Ben Hur Marimon Junior
Professor de Ecologia da Univ. do Estado de Mato Grosso

A maior ameaça à Amazônia é a combinação de fogo reincidente e desmatamento em larga escala. Isso é resultado da aliança perversa entre mudanças climáticas e a falta de políticas públicas eficazes no controle do uso da terra, o que estimula práticas ilegais. As queimadas são os principais vértices deste processo, que vêm consumindo a floresta a taxas desesperadoras, nunca antes registradas. Em 2022 está previsto novo evento de El Niño, que causa secas e calor intenso na Amazônia. Por isso, podemos esperar pelo pior cenário em meados do ano que vem.

A maior ameaça é a combinação de fogo reincidente e desmatamento em larga escala

Sem controle legal adequado, as queimadas retroalimentam um círculo vicioso nas bordas da Amazônia, visto que, após um evento de fogo, o aumento da temperatura e da seca favorece novos incêndios. O "efeito de borda" atinge áreas muito maiores do que as diretamente afetadas pela ação humana. Como consequência, as florestas remanescentes se degradam a um ponto sem volta, que avança mais e mais a cada ano, sustentando ciclo crescente de degradação rumo ao coração da Amazônia.

Essa equação se completa pela alta nos preços internacionais das commodities agri-

Crise climática coloca foco na Amazônia e na transição energética

Zerar o desmatamento é oportunidade para o Brasil recuperar relevância no debate internacional

JOÃO GABRIEL DE LIMA
LISBOA

A líder indígena Txai Suruí foi a única brasileira a discursar na abertura da Cúpula do Clima (COP) de Glasgow, em novembro. Sua fala não teve apenas valor simbólico. Marcou o ano em que a sociedade brasileira despertou para a mudança climática. Em 2021, ficou claro que ter voz forte no tema – o que pressupõe zerar o desmatamento da Amazônia, nosso grande ativo ambiental – é essencial para que o Brasil recupere relevância no mundo. Os jovens brasileiros e as populações tradicionais são os principais porta-vozes dessa ideia, que pode crescer em 2022 e chegar ao debate eleitoral.

Para a Economist Intelligence Unit, braço de estatística e consultoria da revista britânica *The Economist*, vivemos a era do "eco-despertar" – e o Brasil ocupa um lugar de destaque. Um dossiê sobre o assunto mostra que nosso país é o campeão mundial de abaixo-assinados sobre questões ambientais. A Coalizão Brasil Clima, Florestas e Agricultura – que reúne cientistas, ambientalistas, empresários e líderes do agronegócio – foi considerada exemplo de mobilização da sociedade civil em 2021.

Quando da publicação do dossiê, o pesquisador Tasso Azevedo, coordenador do projeto MapBiomas, disse ao **Estadão** que havia descompasso entre governo e sociedade. A *Economist* lamentava a explosão do desmatamento e culpava o governo federal pelo resultado desastroso.

Tal descompasso se materializou na COP de Glasgow. O Brasil foi o único país a ter dois pavilhões na reunião: um patrocinado pelo governo e outro organizado por entidades da sociedade civil. Neste último, com audiência bem maior, marcaram presença cientistas como o próprio Azevedo, novas lideranças como Eduarda Zoghbi – aluna da Universidade Columbia (EUA) que ajudou a redigir um manifesto da juventude –, e representantes de entidades empresariais, como Marcello Brito, presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag).

Participação na COP mostrou descompasso entre o Brasil pensado pelo governo e aquele discutido pela sociedade civil

VOCAÇÃO VERDE. A participação brasileira na COP representou uma vitória da sociedade civil sobre o governo – que, contrariando o próprio discurso e o que havia defendido na COP anterior (a de Madri, em 2019), acabou assinando o Pacto Climático de Glasgow. Nele, o Brasil se compromete, entre outras coisas, a zerar o desmatamento.

Lideranças da sociedade civil já vislumbraram a oportunidade. "O Brasil tem vocação verde. Tem tudo para ser o grande líder do planeta nessa área. É uma oportunidade colossal", disse o economista Arminio Fraga em evento em dezembro. Um mês antes, pouco antes de embarcar para Glasgow, Marcello Brito, da Abag, falava a uma plateia de especialistas: "No Brasil, política ambiental é sinônimo de desenvolvimento e inserção internacional".

O cineasta João Moreira Salles escreveu numa reportagem especial sobre a Amazônia: "Um projeto de país digno do nome seria compreender essa riqueza e, a partir daí, transformar o Brasil naquilo que poucos sabemos que países estão habilitados a ser: uma potência ambiental". Se o Brasil zerar a devastação, dará contribuição significativa no combate à mudança climática, dado que o desmatamento é o principal responsável por nossas emissões de carbono.

E o Brasil não perde nada se deixar de desmatar, pois – diferentemente do que ocorre na Indonésia, por exemplo, onde a extração de óleo de palma gera divisas e empregos – não há atividade econômica importante que se beneficie do desmatamento. Essa é a conclusão de uma pesquisa coordenada por Juliano Assunção, professor de Economia da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio e um dos líderes do projeto Amazônia 2030, que está entre os principais levantamentos já feitos sobre o desenvolvimento na região.

"Na Amazônia não se cortam árvores para instalar agricultura ou pecuária relevante. Há só o desmatamento criminoso, que deve ser combatido", disse Assunção ao **Estadão** na época da COP.

ENERGIA LIMPA. O Brasil tem outra vantagem importante na área. Quase metade (48%) da energia consumida no País vem de fontes limpas, como hidrelétricas. A média mundial é de 14% – a dificuldade de nações como China e Alemanha para se livrarem das fontes de carvão ilustra o drama de vários países ricos. Pela quantidade de vento – principalmente no Nordeste – e sol – no País inteiro – há oportunidades enormes de crescimento nas áreas de energia eólica e solar.

"A Alemanha é uma das líderes de desenvolvimento de tecnologia em energia solar, mas os pontos de sol mais importantes da Alemanha têm menos sol que os lugares menos ensolarados do Brasil", afirma Juliano Assunção.

A transição energética será uma mudança radical. Poucos escreveram tão bem sobre o assunto quanto o checo Vaclav Smil, cujo livro *Os números não mentem* acaba de ser lançado em português. Num dos capítulos da obra, ele lembra que a última transição energética da história da humanidade durou dois séculos. Ela começou por volta de 1800, quando se obtinha energia queimando madeira e carvão vegetal, e durou até o final do século 20, com a arrasadora predominância dos combustíveis fósseis.

Nesse período, a economia cresceu, geraram-se empregos, a pobreza diminuiu – mas, no caminho, colocamos o planeta em risco. Já na Rio 92 começou a ficar claro que teria mos que perseguir a economia de baixo carbono.

De 1992 a 2017, a produção solar e eólica, lembra Smil, multiplicou-se, proporcionalmente, por nove – de 0,5% da energia gerada para 4,5%. No mesmo período, contudo, a participação dos combustíveis fósseis caiu apenas de 86,6% para 85,3%. Smil alinhava outras verdades inconvenientes. As energias solar e eólica são úteis na geração de eletricidade, mas a eletricidade representa só 27% do consumo de energia no mundo. Outras atividades essenciais – como a produção de ferro e cimento – ainda dependem dos combustíveis fósseis. O problema é que não haverá mais planeta se a transição atual durar outros 200 anos.

MUDANÇA GRADUAL. O que fazer? O americano William Nordhaus ganhou um Prêmio Nobel de Economia defendendo a tese de uma transição gradativa, porém célere, com participação ativa dos governos. Caberia aos países taxar os setores da economia que mais liberam carbono, nas áreas de energia, transportes e uso da terra, e investir o dinheiro na transição energética.

Trata-se precisamente do que a União Europeia vem fazendo nos últimos anos, notadamente agora na gestão de Ursula Van der Leyen. A presidente da Comissão Europeia tem martelado o slogan "o futuro será verde e digital", mantra do Pacto Ecológico Europeu ("European Green Deal"), que prevê a neutralidade carbônica (saldo zero de emissões de gases) até 2050.

A União Europeia tem o principal ativo para perseguir um objetivo assim: dinheiro. Um terço da verba da reconstrução da economia depois da pandemia – cerca de 1,8 trilhão de euros – será destinado à transição energética.

Green New Deal da União Europeia financia esforços para alavancar economia verde e digital para o pós-pandemia

Mesmo com dinheiro, nada é simples. Além da economia existe a política, como mostraram as eleições deste ano na Alemanha. Nunca o Partido Verde conseguiu tantos votos, principalmente dos jovens que seguem a sigla desde sua fundação em Karlsruhe.

No debate eleitoral, porém, os operários da próspera indústria automobilística da Baviera – que exporta Mercedes, Audi e BMW para a China – manifestaram incômodo com a meta incluída no Pacto Ecológico Europeu de reduzir drasticamente a produção de carros. Os candidatos

colas, o que estimula a abertura de novas áreas com novas queimadas na Amazônia, onde os preços das terras são atrativos. Mas não precisa ser necessariamente assim. O Brasil dispõe de tecnologias para multiplicar a produção rural sem derrubar nenhuma árvore, como a integração lavoura-pecuária, o plantio direto e a agricultura de precisão. É uma forma também de atender ao mercado internacional, que aperta cada vez mais o cerco contra produtos originados de áreas desmatadas.

É preciso reverter a política atual para a Amazônia e intensificar a fiscalização e o monitoramento em tempo real de ilegalidades, com sistemas de alerta, prevenção e combate aos incêndios. Ao mesmo tempo, devemos ter políticas públicas de financiamento especial ao produtor rural da floresta que já implementa práticas sustentáveis ou de novas tecnologias para aumento da produtividade.

Ou isso ocorre, ou se repetem grandes desastres, como o de 2019, quando desmatamento e queimadas destruíram as bordas da Amazônia Brasileira, apavorando o mundo.

Se ficar como está, estaremos cada vez mais perto do ponto de não retorno da Amazônia, que continuará se degradando das bordas para o centro. A floresta tem papel fundamental na regulação climática da América do Sul e indiretamente do resto do planeta.

O agronegócio do Brasil, principalmente do Centro-Oeste, depende das chuvas amazônicas, cada vez mais escassas por causa do desmatamento. Não se trata apenas de proteger preciosíssimo patrimônio natural e sua biodiversidade, mas também valorizar a economia brasileira. Afinal, desenvolvimento econômico e conservação da Amazônia são conceitos que devem andar sempre juntos. ●

ILUSTRAÇÃO: FARRELL

do Partido Verde acenaram com as novas oportunidades da transição para a economia de baixo carbono, e com a conversão das montadoras tradicionais em fabricantes de carros elétricos. Nada apaga o fato, no entanto – lembrado por Smil em outra de suas verdades inconvenientes –, que uma fábrica da Toyota, mesmo com a robotização do setor, gera muito mais empregos que um Google.

A transição para a economia de baixo carbono vai depender muito dos incentivos econômicos – que incluirão o mercado de créditos de carbono, finalmente regulamentado em Glasgow – e da capacidade de as democracias administrarem conflitos, como o que opôs operários e ambientalistas na Alemanha.

As oportunidades do Brasil se destacam nesse cenário complexo. Zerando o desmate, o País resolve, no curto prazo, sua contribuição para as metas de descarbonização. Haverá tempo para atacar alguns gargalos, como a excessiva dependência de transporte rodoviário. E para investir em oportunidades na transição, como as plantas solares e eólicas citadas por Juliano Assunção.

Economia mais verde dependerá de incentivos, o que inclui o mercado de créditos de carbono, regulamentado na COP

Não se pode, no entanto, esquecer do principal. 60% da maior floresta tropical do planeta – sem a qual não será possível cumprir as metas do Acordo de Paris, pacto de 2015 para frear o aquecimento global – se situam no Brasil. É a Amazônia que pode nos tornar novamente relevantes no cenário internacional. Para aproveitar a enorme oportunidade, temos – simples assim – de parar de desmatar. E, mais que isso, colocar a Amazônia, nosso maior ativo, no centro do debate político do País. Em ano eleitoral, é fundamental ouvir o que cada candidato tem a dizer sobre a floresta que define nosso lugar do mundo. ●

Novos objetivos com velhas estruturas desafiam as escolas

ARTIGO

Andreas Schleicher
Diretor de Educação e Habilidades da OCDE

Nesta época do ano, costumamos fazer um balanço do passado para planejar um futuro melhor. Mas se aprendemos alguma coisa nos últimos anos é que o futuro sempre nos surpreenderá.

Nas últimas duas décadas, o Brasil testemunhou um progresso notável ao melhorar o aprendizado de cada vez mais alunos. Mas, ao mesmo tempo, o mundo ganhou um ritmo ainda mais acelerado. Sabemos programar robôs, e os alunos brasileiros são bons em repetir o que lhes foi dito. Mas como torná-los humanos em um mundo no qual as coisas que são fáceis de ensinar também são fáceis de digitalizar e automatizar?

Para responder a isso, precisamos nos perguntar séria e desapaixonadamente: até que ponto nossos espaços, pessoas, tempo e tecnologia atuais estão ajudando ou atrapalhando o futuro da educação? Onde a modernização e o ajuste fino do sistema atingirão nossos objetivos? E onde precisamos de transformação, de uma abordagem totalmente diferente?

O Brasil ainda tem escolas analógicas que estão começando a despertar para a realidade do mundo digital que transformará totalmente o aprendizado. Pense na total personalização do conteúdo e na pedagogia ajudada pela tecnologia de ponta, usando informações corporais, expressões faciais e sinais neurais.

Qualquer que seja a visão para o futuro, qual é o equilíbrio entre modernização e disrupção?

Pense também no trabalho individual e em grupo sobre questões acadêmicas, bem como nas necessidades sociais e comunitárias. Além de ler, escrever e calcular, é importante debater e refletir em conversas conjuntas, propiciando um trabalho prático e uma expressão criativa em que a educação vocacional não é o último recurso, mas a primeira escolha.

O que aconteceria se as escolas brasileiras se tornassem centros de aprendizagem, usando a força das comunidades para um trabalho colaborativo, integrando aprendizagem formal e informal e mudando completamente o tempo e as relações? Escolas que se abrissem para novas parcerias, deixando o poder mais distribuído e os processos mais inclusivos, trocando a consulta pela cocriação?

Qualquer que seja a visão para o futuro, qual será o equilíbrio certo entre modernização e disrupção? Como podemos conciliar novos objetivos com velhas estruturas? Como as escolas do Brasil podem apoiar alunos e professores com mentalidade global, mas com raízes locais? Como podemos aproveitar o novo potencial com a capacidade existente? E quem ficará responsável pelos membros mais vulneráveis da sociedade brasileira?

Por fim, pensar no futuro não requer somente imaginação, mas também demanda rigor. Não podemos ficar tentados a escolher uma visão de futuro e nos prepararmos apenas para ele. Depois desta pandemia, o Brasil não pode se dar ao luxo de ser pego de surpresa mais uma vez. ●

Frear evasão e recuperar aprendizagem são urgências

Busca ativa dos alunos que não voltaram e ensino integral são caminhos para reduzir desigualdades no Brasil

ILUSTRAÇÃO: FARRELL

[illegible]

Depois de quase dois anos de escolas fechadas em grande parte do País, a educação brasileira espera ter um completo e verdadeiro ano letivo em 2022. Não que seja a solução de tudo. O legado da pandemia se arrasta para mais um janeiro, com déficit de aprendizagem, evasão escolar e aumento da desigualdade. E sem o Brasil saber ao certo o tamanho do abismo: não há ainda avaliação diagnóstica nacional sobre como estão os alunos.

Em dezembro, o Ministério da Educação aplicou o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), mas o resultado sai no fim de 2022. Só alguns Estados e municípios fizeram avaliações próprias. "Já sabemos que teremos perda enorme (*de aprendizagem*) e ainda uma perda com desigualdade", diz o presidente do conselho dos secretários estaduais de Educação (Consed), Vitor de Angelo. Há ainda alta do desnível entre redes públicas e privadas, que investiram em diagnóstico e recuperação.

Avaliações na Austrália indicam atraso de três meses em Leitura e Matemática, diz estudo da Vozes da Educação, a pedido da Fundação Lemann. Os Estados Unidos aprovaram lei que obriga escolas a coletar dados todo mês e torná-los públicos. O Brasil foi uma das nações com escolas fechadas por maior tempo: mais de 260 dias até a primeira reabrir. No fim de 2021, com baixas taxas de contágio, havia ainda redes longe da sala de aula ou no *revezamento* de presencial e remoto.

Os efeitos previstos são catastróficos. Estudo do Insper e do Instituto Unibanco estima que alunos no Brasil iniciaram o ano letivo de 2021 tendo absorvido só 25% do esperado. Para De Angelo, não há mais espaço para fechar escolas, mesmo com variante Ômicron e demora em vacinar crianças. Estudos mostram que, com medidas sanitárias, a escola não é foco de transmissão.

Especialistas veem o ano eleitoral como difícil, mas oportuno. "A sociedade precisa fazer perguntas difíceis (*aos candidatos*)", diz Priscila Cruz, do Todos pela Educação.

A alta é de 171% na evasão: 240 mil crianças deixaram a escola no País. Para ela, é preciso ter busca ativa dos alunos e investir em ensino integral, com mais tempo na escola e recuperação de aprendizagem.

Internet boa nas escolas é outra saída para melhorar ensino híbrido e ajudar na implementação do novo ensino médio

Ricardo Henriques, do Instituto Unibanco, acredita que o ensino híbrido também pode ajudar, com investimento em internet nas escolas. Projeto de lei que previa R$ 3 bilhões para acesso à internet de professores e alunos foi vetado pelo governo federal. O Congresso derrubou o veto, o caso foi para a Justiça e agora o MEC tem de repassar a verba. A pasta diz que seu programa já enviou R$ 300 mil a 100 mil escolas para acesso à internet rápida. "O choque de tecnologia na pandemia acelerou um processo que pode melhorar a forma de ensinar", diz Henriques.

REFORMA. Essa mudança ajudaria também o novo ensino médio, que, por lei, deve ser implementado em 2022. Seu currículo é flexível, focado em áreas de conhecimento e com percursos formativos escolhidos pelos alunos. Mas por falta de estudos do Instituto Nacional de Pesquisas e Estudos Educacionais (Inep), que vive crise institucional, o financiamento para o novo ensino médio está prejudicado. O valor que o Fundeb, fundo que financia a educação brasileira, pagará para cada aluno dessa etapa será o mesmo de sempre, apesar da exigência de mais aulas, materiais e formação docente.

Demissões de técnicos no Inep, com denúncias de interferência no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), formam o quadro do MEC desacreditado. Pautas ideológicas, como ensino domiciliar e escola sem partido, pararam no Congresso, mas há temor de que voltem no ano eleitoral.

Presidente da Frente Parlamentar da Educação, o deputado Israel Batista (PV-DF) vê como uma prioridade de 2022 aprovar o Sistema Nacional da Educação, espécie de SUS que fixa melhor os papéis de Estados, cidades e União. "Vai obrigar o MEC a deixar de ser omisso e tomar providências." Procurada, a pasta diz ter ampliado esforços de "coordenação e apoio" a Estados em ações para recuperar aprendizagem. ●

É hora de o Brasil voltar a sonhar grande no Catar

ARTIGO

Rivaldo
Campeão do mundo na Copa de 2002 na Coreia do Sul e no Japão

Com a seleção brasileira já classificada para a próxima Copa do Mundo e faltando menos de um ano para a maior competição esportiva do planeta, Tite e sua comissão técnica terão cinco jogos pelas Eliminatórias e algumas partidas amistosas de datas Fifa para formar os 23 selecionados que irão ao Catar em novembro de 2022.

A pressão é grande por um desempenho positivo da seleção canarinho por conta das últimas apresentações no torneio, mas o torcedor pode acreditar que a nossa seleção terá ótimas peças em seu melhor momento na temporada.

Temos um grupo de jogadores importantes e com experiência, como Neymar, Marquinhos, Firmino, Thiago Silva e Alisson. Não precisamos destacar muito suas qualidades técnicas, pois todos já sabem da bagagem que carregam nesses anos de seleção brasileira. As conquistas do passado mostram que o Brasil contou com boas peças que fizeram a diferença para erguermos os cinco canecos. Djalma Santos, Carlos Alberto Torres, Pelé, Zagalo, Taffarel, Romário, Bebeto e muitos outros são exemplos de que a experiência pode gerar ótimas oportunidades para a nossa seleção.

Além disso, há uma grande leva de atletas bem jovens em alta após uma temporada muito positiva com Tite e em seus respectivos clubes. Eles podem contribuir muito neste Mundial se mantiverem o trabalho que realizam. São os casos de Fred, do Manchester United, que se adaptou ao estilo inglês de jogar, e está em excelente fase na Premier League; Vinicius Jr., que está fazendo muitos gols e atua regularmente em bom nível no Real Madrid, além da grande surpresa deste ano na seleção brasileira, o atacante Raphinha, que talvez poucos ainda conheçam o seu futebol, mas nas primeiras oportunidades que teve, já demonstrou ter talento e um nível diferente que despertou a atenção da comissão de Tite.

> *Em 2022, a seleção completará 20 anos da última conquista. O torcedor sonha com a taça*

Mantendo o trabalho que está fazendo no Leeds e as atuações acima da média com o Brasil nas Eliminatórias, assim como os outros destacados, podem contribuir muito para deixar nossa seleção entre as grandes favoritas no Catar.

Neste momento, Brasil e França aparecem como os maiores candidatos para conquistar o Mundial de 2022, segundo análise da empresa de apostas online Betfair: ambas as equipes aparecem com 14,3% de chance de levantar o caneco. De acordo com as probabilidades, seguem na cola as equipes da Inglaterra, com 12,5%, e Espanha, com 11,8%.

Em 2022, a seleção brasileira completa 20 anos de sua última conquista, o penta em 2002. Nosso torcedor sonha e os apaixonados por bola anseiam por ver a amarelinha jogando um bom futebol e brigando pela taça de novo. Essa mescla de um elenco mais rodado com as jovens promessas que estão atuando em alto nível pode ser fundamental para que o hexa chegue às nossas mãos. Acredito nisso ●

Seleção está mais madura para superar os europeus?

Brasil ainda é um dos favoritos ao título no Catar; será o adeus de Neymar?

ILUSTRAÇÃO FARRELL

[illegible]

Esqueça todas as vezes em que você pensou em desligar a TV durante um jogo da seleção. Em ano de Copa, esse sentimento de repúdio dá lugar à paixão pela disputa e para boa dose de fé com o grupo de Tite. É sempre assim. O Brasil vai enfileirar seus jogadores para mais uma tentativa de festejar o hexa. Somente a seleção brasileira tem essa oportunidade.

De olhos nos europeus
O problema tem sido os rivais da Europa, que ganharam as últimas quatro edições do Mundial

O Brasil ainda é o único pentacampeão, o que dá a ele a condição inabalável de favorito no Catar. Aliás, apenas três seleções chegam às Copas com essa condição, além do Brasil, a Alemanha (classificada) e a Itália (na repescagem europeia).

A Copa será jogada entre os meses de novembro e dezembro, um pouco mais tarde do que o habitual por causa do calor local – e depois das eleições para presidente no Brasil.

Tite tem um time forte para os padrões sul-americanos, como aponta a classificação antecipada nas Eliminatórias. É líder na competição, com 11 vitórias e dois empates em 13 jogos. Não perdeu ainda.

Ocorre que a seleção tem de conviver com um problema: a falta de partidas contra rivais europeus, de modo a aferir o real estágio do time diante de equipes mais bem preparadas, modernas, de tática aperfeiçoada e com os melhores jogadores do mundo. O time está mais maduro, é fato. "Nosso projeto é vencer no Catar", disse Tite há dois anos ao jornal AS, da Espanha, após fracassar na Rússia. Depois que o Brasil caiu diante da Bélgica, em 2018, o técnico revelou ter tido pesadelos com aquele jogo.

Não é por acaso que se cobra da CBF tira-teimas diante de adversários do lado de lá do Atlântico. As últimas quatro Copas, de 2006 a 2018, foram vencidas por seleções da Europa: Itália (2006), Espanha (2010), Alemanha (2014) e França (2018). O Brasil fez feio em todas elas, principalmente na que disputou em casa.

Os jogadores brasileiros conhecem bem seus colegas europeus. Jogam todos juntos nas principais Ligas do continente. Mas não sabem o que é enfrentá-los com a camisa amarelinha. Gabriel Jesus, por exemplo, é peça importante no City, de Guardiola, mas não vai bem quando escalado por Tite. Há outros na mesma condição. Há muitas vagas no time sem dono. 2022 promete ter boas brigas por posição.

Há um ponto a ser comentado em relação às seleções da Europa. Elas são fortes, mas não estão à frente do Brasil em qualidade de jogadores. Ganham na tática e nas jogadas ensaiadas. O Brasil ainda aposta na ginga e na improvisação. É certo que os torneios de clubes da Europa, ligas e Copa dos Campeões, estão anos luz à frente do modesto futebol brasileiro. Mas em nível de seleção, isso não acontece.

Tite vai usar as partidas que ainda tem pelas Eliminatórias e amistosos para testar atletas e esquemas táticos. Reduzir o improviso e fortalecer o ensaio. O torcedor não acredita que o Brasil possa ser campeão com o futebol que está apresentando. A missão do treinador é encontrar soluções, melhorar o que já é bom na América. Ele está mais maduro comparado ao Mundial da Rússia. Neymar disse que o Catar pode ser sua última Copa. Ele ainda deve em Mundiais. ●

Acolhimento, bem-estar, educação: a cultura em 2022

ARTIGO

Eduardo Saron
Diretor do Itaú Cultural, é mestre em Administração

O próximo ano deve consolidar a retomada da cultura, após dois anos de pandemia, se a ciência e o conhecimento continuarem vencendo o vírus e o negacionismo. A reabertura dos teatros e dos cinemas, a retomada do circuito de shows, dos museus, dos grandes eventos não poderia chegar em momento mais oportuno.

A cultura nunca foi tão necessária como neste momento de pós-pandemia, que virá acompanhada, como sinaliza a OMS, da ampliação dos casos de depressão e de transtornos mentais – já responsáveis, por exemplo, por 1/3 da incapacitação para o trabalho nas Américas.

A cultura tem papel fundamental no bem-estar emocional e dá respostas a este contexto desafiador. As pessoas precisam do convívio e desejam o reencontro com as artes, como identificou pesquisa recente do Datafolha e do Itaú Cultural. Entre os que realizaram atividades culturais durante 2021, 48% disseram que elas ajudaram a diminuir o estresse e 55% apontaram melhora no relacionamento com outras pessoas da residência.

Mas não será apenas nos espaços tradicionais que a cultura deve voltar com força. As atividades artísticas precisam estar ao lado da educação, em especial nas escolas de ensino de período integral, contribuindo para a formação do espírito crítico e da criatividade – requisitos que farão parte da avaliação do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) nos próximos anos.

As pessoas precisam do convívio e desejam o reencontro com as artes

A cultura volta à cena também no contexto em que as empresas cada vez mais estão se orientando pelos princípios do ESG (Ambiental, Social e Governança). As organizações terão de dialogar com a produção independente e com as grandes instituições, oferecendo apoio para que a arte alcance cada vez mais pessoas e promovendo a participação social e oportunidades para todos.

O calendário também será um grande impulsionador da cultura no primeiro ano pós-pandemia. Em 2022 celebramos 100 anos da Semana de Arte Moderna e teremos grandes acontecimentos, como a reabertura do Museu do Ipiranga.

Mesmo sendo o ano da retomada física, um dos aprendizados da pandemia foi a intensa atividade digital do setor. Dominar ainda mais as técnicas e linguagens deste campo também será decisivo para o futuro da cultura, que caminha para ser "fisidigital".

Neste ano, os ministros da Cultura do G20, reunidos na Itália, deram um recado ao mundo. Para esses dirigentes, a cultura e a economia criativa terão papel determinante na retomada do pós-pandemia e devem estar no centro das políticas públicas para estimular o emprego, a renda, a educação, a diminuição das desigualdades, a criação de um ecossistema digital saudável e seguro, a saúde mental e a sustentabilidade do planeta. ●

Produtores querem fazer girar a roda do entretenimento

Em meio a incertezas, criadores culturais têm pressa para que o setor volte ao pleno funcionamento

ILUSTRAÇÃO: FARRELL

DANILO CASALETTI
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

Embora eventos tenham voltado a ocorrer no País, os números são desoladores. De acordo com a Abrape (Associação Brasileira dos Promotores de Eventos), mais de 530 mil produções – shows, peças, eventos esportivos, rodeios – deixaram de ser realizadas em 2021. Com isso, o setor deixou de faturar R$ 140 bilhões.

Balanço
Mais de 530 mil produções deixaram de ser realizadas em 2021. Com isso, o setor deixou de faturar R$ 140 bi

Várias questões se apresentam desde a reabertura autorizada – a recém-descoberta variante Ômicron é uma delas. Soma-se a esse cenário incerto, o dólar alto, que impacta em cachês internacionais; a alta dos combustíveis; o aumento do preço das passagens aéreas; e a falta de mão de obra e equipamentos disponíveis no mercado.

Para o empresário Luiz Restiffe, da Agência InHaus, o desafio está logo ali. A partir de janeiro, ele promove o Arena Carnaval. No dia 15, Daniela Mercury e o Bloco Os Gilsons abrem o evento que, até fevereiro, pretende apresentar atrações como Anitta, Silva e Wesley Safadão.

"É um momento de instabilidade. Muito pior que qualquer cenário pessimista que havíamos traçado anteriormente. Não estamos com alta ocupação de UTIs, por exemplo, e os governos sinalizam com restrições. É como se a regra do jogo tivesse mudado no meio do caminho", diz Restiffe.

A Opus Entretenimento, produtora de musicais e administradora de teatros em São Paulo, Porto Alegre, Natal, Recife e Fortaleza, estreou o projeto *Irmãos*, com Alexandre Pires e Seu Jorge, em 5 de dezembro, no Allianz Parque, em São Paulo, para 20 mil pessoas. "Foi uma volta com o pé direito. O público vibrante, ovacionando os artistas. É o que todo mundo esperava", diz Lucas Giacomolli, vice-presidente da Opus. A empresa cancelou ou adiou mais de 300 eventos na pandemia.

O executivo diz que a operação ainda é atípica, com controle de acesso mais rígido e disponibilização do álcool em gel e mais funcionários para coordenar tudo. O que, obviamente, impacta nos custos. "Não tem nenhuma produtora ganhando dinheiro. Mas é importante que a cadeia produtiva volte."

Previsto inicialmente para 2021, o Rock in Rio está programado para setembro de 2022. O público esperado é de 100 mil pessoas por noite – serão sete no total – para ver shows de artistas como Green Day, Iron Maiden e Ivete Sangalo.

Luis Justo, CEO do Rock in Rio, está otimista que a situação sanitária esteja mais tranquila até lá. "Com o avanço da vacinação e com a análise de eventos realizados aqui no Brasil e no exterior, entendemos que é possível realizarmos o Rock in Rio. Será uma edição emblemática", diz. Com atrações internacionais em seu line-up, o festival sente o impacto do aumento do dólar nos cachês. "No ano passado, o dólar estava por volta de R$ 4. Hoje, está perto de R$ 6. Estamos absorvendo grande parte desses custos", afirma.

PÚBLICO. Claudia Hamra, diretora do Teatro Faap, aposta na vontade do público em voltar aos eventos culturais, mesmo que isso se dê de forma gradual. "As pessoas vieram ver peças e shows. Não lotou. Sempre meia casa ou um pouco mais. Isso até fez com que elas se sentissem mais seguras para frequentar. Se voltasse lotado, seria assustador", diz. Para 2022, o plano de Claudia é retomar do ponto em que a programação parou. Entrarão em cartaz, no primeiro semestre, a peça *A Pane*, a comédia *Teatro Para Quem Não Gosta*, com Marcelo Médici e Ricardo Rathsam, o musical *Seu Neyla*, com Ney Latorraca e Gas- ›

Na escrita, já há mais lugar de escuta e menos de fala

ARTIGO

Ronaldo Bressane
Escritor, jornalista e editor, é autor de romances, contos e poesia

Entre o vírus e o verme, 2021 foi um ano horrível. Mas se para alguma coisa serviu o homem que vive no Planalto, foi como catalisador de tudo o que atrasa o Brasil – vitaminando ânimos de que já estava há anos nas trincheiras culturais. Espelhando esta luta, 2021 também foi o ano em que, ufa!, a heteronormatividade macha, elitizada, branca e burra foi quebrada na cultura – e me refiro aqui a prêmios, best-sellers e espaço físico ocupado em livrarias e eventos literários. Graças às lutas identitárias, que abriram clareiras para autores e assuntos invisibilizados das experiências de ser mulher, indígena, negro, periférico, lgbt, etc., o lugar de fala foi usado não só para amplificar temas como adentrar mercados nunca dantes cooptados. Boa nova.

Porém, marquetado por editoras, críticos e autores simplistas, frequentemente este conceito sociológico vem sendo manipulado para justificar por si só a existência de vozes e obras, limitando demais a experiência literária à autoficção (em que autor, narrador e personagem são a mesma figura), navegando no mainstream de nossa história literária (o realismo), e cultivando o intimismo, o declamatório ou o militante como registros exclusivos. Então nem sempre as bem-vindas novidades emparelharam com a qualidade. Arte não é sociologia, e muitas vezes representatividade e ativismo político não se equiparam à maestria no trato com a linguagem (e vice-versa: veja-se Vargas Llosa, cada vez mais afeito à direita neofascista).

Nem sempre as bem-vindas novidades emparelharam com a qualidade

Avançando daí, como norte, escolho três livros que tratam nossa violentíssima realidade buscando a forma mais criativa – fugindo ao mero comentário do zeitgeist para poder atingir também leitores de outros tempos e lugares. Na poesia, *Robinson Crusoé e Seus Amigos* (Editora 34), do carioca Leonardo Gandolfi, bebe de modernismos e pós-modernismos para criar uma poética da camaradagem; a poesia saindo da prosa, sem pressa nem truque; o humor bandeiriano atualizado pelo quadrilátero do Instagram; a ternura como escudo para o horror. Na ficção curta, *Erva Brava* (Fósforo), da brasiliense Paulliny Tort, cria um microcosmo no cerrado em que cabem o agro ogro, o neopentecostalismo venal, o abuso de substâncias como único horizonte para a experiência, o machismo que oprime os próprios machos; romance tecido em rede, formado por um patchwork de contos, narra com empatia e crítica – aqui o mais importante é o lugar de escuta que o de fala. E, na ficção longa, *O Riso dos Ratos* (Todavia), do mato-grossense Joca Reiners Terron, distopia em que o Brasil anda de ré até chegar à catarse na autodestruição – em uma narrativa caudalosa, cheia de invenção, temas como a queda do homem branco e o colonialismo que nos corrói são tratados não com a pena da denúncia mas pela tinta da fantasia. Delicadeza e humor, empatia e lugar de escuta, imaginação e inventividade: melhores antídotos da literatura brasileira para combater a escuridão. ●

light dirigido por Jô Soares.

A produtora Adriana Del Claro vive a expectativa de colocar no palco o musical *Sweeney Todd*, produção da Broadway, protagonizada pelo ator Rodrigo Lombardi, com previsão de estreia em março. "Estamos tomando todos os cuidados. É um pós-guerra para nós produtores", diz.

A Abrape calcula que 100% da programação volte em 2022. Lucas Giacomolli, da Opus, prevê o mercado estabilizado. "Vai depender do controle no verão", diz. Para Juliano Libman, da InHaus, o nível pré-pandemia só deve ser alcançado entre um e dois anos. "Existe essa lenda no mercado de eventos que qualquer coisa vende, a qualquer preço. Não é bem assim", afirma. Para Luis Justo, do Rock in Rio, o próximo ano será bastante aquecido, inclusive com gargalo de datas para turnês. ●

Literatura brasileira dá sinais de recuperação

Após meses difíceis, mercado editorial consolida melhora nas vendas, impulsionado por novos nomes

GUILHERME SOBOTA
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

Com sinais de recuperação do mercado editorial após os meses muito acidentados em 2020 e 2021, escritores brasileiros que se destacaram nos últimos anos em prêmios, na crítica e entre o público preparam novos lançamentos – não necessariamente relacionados à pandemia, mas pela qual, como todos, obviamente afetados. Na Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro, divulgada em maio de 2021 pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros, o número de títulos lançados em 2020 encolheu 17% no comparativo com 2019. Mas os sinais dados pelo varejo em 2021, segundo o Painel das Vendas dos Livros, apontam crescimento consistente e recuperação em relação ao ano passado.

Entre os autores, é o caso do escritor e crítico literário Cristhiano Aguiar, autor de *Na Outra Margem, O Leviatã* (2018), que prepara para o início de 2022 o livro de contos *Gótico Nordestino* (Alfaguara).

"A pandemia exerceu um impacto profundo no sentido de que ela foi um contexto determinante para o meu livro Gótico Nordestino", explica Aguiar ao Estadão. "Se não houvesse pandemia, acredito que eu ainda teria escrito um livro nessa linha, mas ele seria diferente em tom e no desenvolvimento de alguns dos enredos, sem dúvida. Algumas das ideias que desenvolvi nasceram provocadas pela pandemia, embora nem sempre se refiram a ela diretamente."

REFERÊNCIAS. No livro, uma reunião de contos, o autor explora referências diversas – como o gótico, o folclore, a cultura pop e o cinema – para passear pela história do Brasil em diferentes épocas. "Em um tempo extremo, perguntei para mim mesmo: que tipo de livro você realmente quer e precisa fazer?", diz o escritor. "Sobrevivi, até o momento, à pandemia e posso afirmar que um dos efeitos colaterais desta sobrevivência foi alguma forma de amadurecimento." Ele afirma ainda que a pandemia afetou mais o trabalho como professor do que como escritor.

A escritora pernambucana Cida Pedrosa, vencedora do Jabuti 2020 na categoria Livro do Ano, prepara para 2022 o lançamento de dois livros, entre eles o primeiro de poesia desde o prêmio. O título provisório é *Um Minuto de Silêncio*, e a morte acabou sendo o tema central. "Escrevi o livro no começo de 2020, depois deu um apagão", afirma a escritora, que também é vereadora em Recife. "A ressaca e o impacto da pandemia foram um rolo compressor. O País está em um problema enorme, as pessoas morrendo, e eu estou escrevendo sobre a morte. Não é fácil escrever sobre isso quando 600 mil pessoas perderam a vida. Não tem como não se emocionar."

Bons ventos

Escritores brasileiros que se destacaram nos últimos anos preparam novos lançamentos

Já para a escritora cearense Socorro Acioli – que prepara para 2022 *Oração para Desaparecer*, seu primeiro livro desde *A Cabeça do Santo*, de 2014, finalista do Jabuti –, a pandemia não afetou diretamente a estrutura do novo romance, inspirado no soterramento da igreja de Nossa Senhora da Conceição de Almofala por 45 anos, no Ceará, episódio sublinhado por Carlos Drummond de Andrade numa crônica dos anos 1940. "A tentativa de entender o que é ser brasileiro norteia o livro inteiro."

LINGUAGEM. Para o crítico literário Silviano Santiago, "tocou-nos viver ou sobreviver num tempo desregulado", o que pode ter consequências na linguagem literária. "Hoje, não há razão que chegue a angariar adeptos e alcançar à condição de tendência", avalia o crítico. "Está em xeque a noção de representatividade. Algo de novo no atual Ocidente democratizado. Empresto colorido diferente a um dito de Fernando Pessoa: todos têm razão sem a ter. Descobre-se que se trata de momento histórico especial, em que a literatura tem uma vantagem sobre todas as ciências do real. O escritor é o artista que tem os pés no chão (por mais alienado que seja, trabalha com uma língua nacional) e decide inventar. Inventar um estilo, uma trama e um mundo próprios. Ele dá largas à sua capacidade de reflexão para criar uma utopia mínima, particular e imaginária."

Para ele, há cerca de oito anos, "a literatura brasileira vem repensando e dramatizando com coragem e brio o passado nacional autônomo". A novidade seria então um radicalismo. "O palco nacional foi tomado por um surpreendente e exigente coletivo de escritoras e escritores. Reivindicam os direitos básicos do cidadão que vêm sendo insignificantizados (o neologismo se impõe) pela tradição educacional. A recente temporada de prêmios literários indicia que as vozes jovens estão sendo acariciadas pela fama e seria imperdoável se não continuassem a desconstruir a tradição educacional e literária brasileira." ●

Propósito, sustentabilidade e bem-estar pautam o turismo

ARTIGO

Jaqueline Gil
CEO da consultoria Amplia Mundo e doutoranda em Desenvolvimento Sustentável na Universidade de Brasília (UNB)

São intermináveis meses de restrições, perdas de milhares de vidas e incertezas. Altas taxas de vacinação são fundamentais para sonharmos com a volta das abundantes viagens, mas ela ainda não atingiu todos os continentes e novas variantes surgem. Impactos das mudanças climáticas aceleram o passo e causam destruição. Prejuízos financeiros, na casa dos R$ 450 bilhões só no turismo brasileiro, parecem não ter fim.

Em meio à pandemia, o turista e o turismo pagam conta alta para se manter razoavelmente ativos. As microtendências, as necessidades de flexibilidades e as experiências incríveis continuam primordiais, e em 2021 falamos disso. Em 2022, precisamos melhorar a saúde das pessoas e da natureza, no presente e no futuro.

Incertezas econômicas e crescente inflação dominarão o contexto nacional dos próximos meses – e também o clima em transformação. Seremos capazes de ajustar os altos custos do turismo às possibilidades financeiras dos brasileiros? De promover turismo que neutraliza carbono, não degrada comunidades nem a biodiversidade? Além de segurança e impecáveis serviços, 2022 exige agregar três elementos a quem produz e vende viagens, hospedagens, gastronomia, eventos e experiências: propósito, sustentabilidade e bem-estar.

> *Para compensar os altos custos, os serviços precisam estar alinhados para fazer o bem*

Três questões precisam ser estar claras ao cliente neste ano: 1) por que viajar; 2) como uma viagem financia a conservação da natureza; e 3) como viajar pode melhorar a saúde e promover bem-estar do viajante e dos visitados.

Pesquisas feitas no Google, em 2021, segundo o Fórum Econômico Mundial, indicam preferências por: lugares em que visitantes podem contribuir com comunidades locais; programas de voluntariado para acelerar a vacinação; lugares para melhorar a saúde mental, curar-se de burnout e encontrar bem-estar; cidades para se viver com alta qualidade de vida; impactos das mudanças climáticas e como minimizá-los; e apoio à comunidade LGBTQ+ (procura por "eventos de orgulho gay próximos" cresceu 5.000%).

As perspectivas são de crescentes exigências dos clientes. Para compensar os altos custos, os serviços precisam estar alinhados a fazer o bem, às pessoas e à natureza: turismo como fonte de financiamento para conservação do meio ambiente e geração de prosperidade para comunidades locais. Saberes indígenas de interação homem-natureza, meditação, massagens e tratamentos terapêuticos; alimentação saudável; ambientes tranquilos, ventilação e plantas; uso de energias renováveis e motores elétricos; trabalhos voluntários; neutralização de carbono; conservação do meio ambiente; zero plástico e economia circular; apoio a pequenos empreendedores. Olá, 2022! ●

Turismo no Brasil e com passaporte de vacina em dia

Regras mais flexíveis de cancelamento e viagens nacionais mais caras também são tendências

ILUSTRAÇÃO: FARRELL

NATHALIA MOLINA
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

Turismo no Brasil, exigência de vacinação e roteiros de luxo seguem em alta. Os destinos escolhidos pelos brasileiros mudam pouco, mas o estilo é outro, apontam especialistas sobre as tendências para 2022. Experiências mais autênticas, atividades ao ar livre, viagens em família, preços altos e consumidores exigentes estão entre os aspectos com influência crescente.

Diante da Ômicron e do real desvalorizado, as viagens domésticas são a escolha. "Nosso setor é afetado por tudo: questões ambientais, sociais, guerras, saúde, câmbio, inflação. O nacional ainda é uma grande aposta para 2022. Não só pela covid e pelos impactos nas fronteiras, que tendem a continuar, mas por questões econômicas. O dólar está alto", diz Marina Figueiredo, vice-presidente da Associação Brasileira das Operadoras de Turismo (Braztoa), responsável por 90% das viagens de lazer vendidas no setor.

Sócia da Mapie, consultoria especializada em hospitalidade e turismo, Carolina Sass de Haro concorda que o turismo no País segue fortalecido, "em todos os segmentos, incluindo luxo, que cresceu muito, com o brasileiro de classe alta descobrindo o Brasil". "Mas a gente observou que, quando um país abre fronteiras, há confirmação de reservas. Então o brasileiro está ansioso para viajar internacionalmente, mesmo com todas as dúvidas em relação a protocolos", afirma Carolina, lembrando da procura constante por México e Dubai, abertos na maior parte da pandemia.

No Boletim Mensal Braztoa de dezembro de 2021, sobre as vendas no mês anterior, os dois lugares aparecem entre os preferidos no exterior, ao lado de Estados Unidos, Canadá, França e Portugal. Por aqui, estão Gramado, Rio de Janeiro e o litoral do Nordeste. "A tendência é que os viajantes busquem experiências autênticas, na contramão do turismo de massa. E isso o Brasil tem de sobra, com cultura e biodiversidade ricas, além de qualidade e conforto para diferentes estilos de viagem", afirma Daniel Topper, CEO do Zarpo, agência online de viagens com cerca de 7 milhões de clientes cadastrados e 500 hotéis e resorts parceiros no País.

> **Retomada a jato**
> **Voos no Brasil devem atingir o patamar de 2019 já no início deste ano, segundo a Iata**

O turismo de luxo no Brasil continua nos planos dos viajantes nacionais, prevê Simone Scorsato, CEO da Brazilian Luxury Travel Association (BLTA), com 43 hotéis e 5 operadoras do segmento no País. "Mantemos um cenário de mais demanda doméstica e esperamos que, no segundo semestre, o estrangeiro vá aos poucos voltando, ainda timidamente."

FUTURO. A grande mudança, para os especialistas, está mesmo no estilo, mais do que no destino. "Vejo uma tendência de viajantes buscando segurança: tanto em ambientes respeitando protocolos, quanto em condições flexíveis para alteração e cancelamento, no caso de nova onda", diz Topper. A imunização vem sendo mais exigida, para visitar destinos e circular no Brasil e no exterior. Para entrar em Fernando de Noronha (PE), é a condição desde dezembro.

Outro consenso é que muitos querem recuperar o tempo perdido, sentimento chamado de *revenge travel*. As previsões confirmam a demanda. Os voos no Brasil devem atingir o patamar de 2019 já no início do ano, segundo a Associação Internacional de Transporte Aéreo (Iata).

Com tanta gente interessada em turismo e remarcações de viagens, os preços tendem a subir, seguindo a velha lei da oferta e da procura. Somem-se a isso a inflação e as viagens internacionais dificultadas. "Está mais caro porque, em 2020, se vendia com prejuízo e, em 2019, as despesas não eram às de hoje", afirma Magda Nassar, presidente da Associação Brasileira de Agências de Viagens (Abav).

No Brasil, além dos roteiros de avião, os turistas continuam viajando de carro em 2022, diz Marina, da Braztoa. "Com o trabalho virtual, o brasileiro viu que consegue encaixar a viagem não só em férias e feriados. Pode curtir e pagar mais barato."

Para Carolina, da Mapie, atividades ao ar livre e destinos de ecoturismo seguem valorizados, assim como roteiros de bem-estar. "Estamos mais preocupados com qualidade de vida e saúde mental. Isso tem impacto nas viagens, que podem ser oportunidades para descansar, o principal motivo pelo qual o brasileiro viaja." ●

Sustentabilidade já dita as tendências em 'food service'

ARTIGO

Roberto Smeraldi
Ambientalista, gastrônomo e cofundador do Instituto ATA

Na Europa e nos Estados Unidos, as tradicionais pesquisas anuais sobre tendências de mercado são unânimes: sustentabilidade e saúde são destaque de 2022 na indústria de *food service*. Ao mesmo tempo, nunca tantos restaurantes fecharam: aqui no Brasil – pela associação de categoria, uma casa a cada três encerrou as atividades ao longo dos últimos dois anos.

Virei testemunha pessoal dessa trajetória: fechei, no começo da pandemia, o espaço de degustação que acabara de abrir.

Essa conjuntura desvela tardiamente dois equívocos comuns. Sustentabilidade começa a ser compreendida pelo que a palavra significa: não se trata de filantropia, ou de sermos bonzinhos com a natureza. Ela diz respeito à essência do negócio e define sua capacidade de se adaptar a novas conjunturas, sua resiliência. Ao mesmo tempo, saúde é um componente da sustentabilidade, mas paradoxalmente muitas normas sanitárias são desenhadas de forma a brigar com ela.

A sustentabilidade de um restaurante depende de três fatores principais: o abastecimento de insumos adequados, o ciclo da operação (tecnologias, treinamento etc), a gestão do público interno e externo. Mas eles não podem ser enfrentados de forma separada, pois isoladamente acabam gerando mais dano do que benefício.

> ***Não se trata de sermos bonzinhos com a natureza – ela diz respeito à essência do negócio***

Não adianta eu pagar mais para conseguir um fornecedor de orgânicos fresquinhos se depois meu processo faz com que grande parte deles acabe no lixo. Ou agradar ao cliente com um preço atrativo, se meu funcionário não é capacitado ou é levado à exaustão. Ou, ainda, garantir higiene do produto jorrando toneladas de plástico e produtos químicos nos rios.

Toda escola de cozinha ensina que qualquer técnica ou insumo pode jogar a favor ou contra: a regra vale para tempo de cozimento, para uso das gorduras, para temperos... O mesmo se deveria aprender sobre sustentabilidade. Vamos dizer que nesta época do ano vou oferecer aos meus clientes um panetone artesanal: posso dispensar conservantes para ter um produto saudável, mas nesse caso terei de considerar um prazo de consumo inferior, para não ter desperdício, além de evitar excesso de embalagem. E, já que o produto tem de sair rapidamente, devo garantir um preço razoável: mas se para tanto eu usar margarina... vou ser nocivo à saúde do cliente.

É isso que falta nas normas sanitárias, bem como nas escolas: a avaliação do custo-benefício. Se alguns esquecem de higienizar as mãos, obriga-se todos a usar luvas descartáveis a toda hora. Se alguns não tomam cuidados nos processos de produção, proíbe-se a todos usar gema de ovo ou leite cru no queijo.

Seja bem-vinda à tendência da dobradinha sustentabilidade-saúde, se contribuir para visão estratégica e superar os paradoxos que assolam a cadeia da comida. Até porque, como dizem os economistas, não existe almoço de graça. ●

Do plantio à entrega, chefs investem em 'logística verde'

Restaurantes apostam em embalagens biodegradáveis e hortas orgânicas para diminuir impactos no planeta

DANIELLE NAGASE
RENATA MESQUITA

O Corrutela é o restaurante mais sustentável da América Latina. O posto, pela primeira vez ocupado por um estabelecimento brasileiro – o mexicano Pujol, o peruano Central e o chileno Boragó já deixaram sua marca ali –, foi concedido em novembro passado pelo ranking regional do 50 Best, um dos mais importantes prêmios da gastronomia mundial. Uma conquista que dá pistas do que se pode esperar do setor, no Brasil, em um futuro próximo.

"Desde a concepção do Corrutela, nossa intenção foi sempre ser um bode expiatório dessa temática", conta o chef Cesar Costa. Seu restaurante, que hibernou durante a pandemia e deve retomar as atividades já na primeira quinzena de janeiro, conta com placas de energia solar – que dão conta de 40% do consumo energético do estabelecimento – e com uma composteira automática, que absorve todo o resíduo orgânico gerado pela casa. O chamado "desvio dos resíduos do aterro" também envolve parcerias com catadores de lixo, além da redução do consumo de embalagens na hora da compra. "São atitudes que nem sempre exigem grandes investimentos, mas você não vai atrair mais clientes por ser 'o restaurante mais sustentável' ou 'o que gera menos lixo'. As pessoas escolhem restaurantes pelo tipo de cozinha, pelo renome do chef. Então investir em sustentabilidade é mais uma questão moral do que financeira", aponta Cesar.

ILUSTRAÇÃO: FARRELL

A pandemia evidenciou ainda mais a responsabilidade dos chefs no combate ao desperdício de alimentos. Para Rafael Costa e Silva, chef-proprietário do restaurante Lasai, há um dever que "vai além de servir um menu surpreendente". A casa carioca, aberta em 2014, mantém hortas de orgânicos nos arredores da cidade. "Tenho controle de toda a minha cadeia produtiva", afirma. O que ele não consegue plantar ou produzir compra de pequenos produtores, orgânicos e certificados.

Durante o último ano, com os salões fechados, Rafael viu seus produtores parceiros jogando toneladas de insumos no lixo, pois não havia demanda e o transporte até a cidade para vendê-los em feiras livres não valia o custo. Com a cozinha fechada, a solução foi comprar os alimentos excedentes e transformá-los em geleias, vinagres, molhos, embalados para viagem com o logotipo do Empório Lasai.

Segundo o último estudo publicado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), cerca de 30% da produção de alimentos no País é desperdiçada – o Brasil está entre os 10 países que mais desperdiçam comida no mundo: do plantio à mesa, 27 milhões de toneladas de comida vão para o lixo – e os restaurantes são responsáveis por 15% deste total.

ENTREGA VERDE. Com a pandemia, boa parte das refeições nos últimos dois anos veio em uma caixa de delivery. Para se ter ideia, nos últimos 12 meses, 3 em cada 4 brasileiros afirmam ter pedido comida (78%) em casa, aponta a pesquisa Consumo Online no Brasil, realizada pela agência Edelman.

As ações sustentáveis já podem ser vistas em grandes empresas, como o iFood, que em junho lançou o programa iFood Regenera, que pretende neutralizar 100% das emissões de gases do efeito estufa até 2025.

> **Responsabilidade**
> **"Investir em sustentabilidade é mais uma questão moral do que financeira", diz Cesar Costa**

Outra questão levantada pelo boom do delivery é a da geração de lixo. Passado o susto de se lançar nas entregas de uma hora para outra, muitos restaurantes investiram em embalagens biodegradáveis, na tentativa de diminuir o impacto no meio ambiente. Outros apostaram em embalagens retornáveis, como o Olivia Saladas. Seus pratos são enviados em marmitinhas de metal, que podem ser reaproveitadas em casa ou devolvidas ao restaurante. Na primeira compra, o cliente paga R$ 10 pela marmita e, ao devolvê-la na compra seguinte (feita pelo site), tem esse valor abatido no preço final. Já no Futuro Refeitório, em Pinheiros, as devoluções são presenciais: a cada cinco potes vazios, o cliente recebe um cheio. ●

ROBSON FERNANDJES/ESTADÃO

Visitantes observam tela de Pedro Américo no Museu Paulista, hoje fechado para obras: no ano do bicentenário da Independência, Brasil enfrentará dramas e desafios

200 anos de Brasil: pouco a celebrar, muito a questionar

Olhando para a frente, podemos nos perguntar se ainda somos capazes de formar uma sociedade includente

ARTIGO

José Murilo de Carvalho
Formado na UFMG, mestre e Ph.D. em Ciência Política e pós-doutor em História pela Universidade Stanford

O Brasil não tem sorte com seus centenários. O primeiro, em 1922, teve de conviver com os restos da devastação causada pela gripe espanhola, chegada ao País em 1918. Calculam-se em cerca de 35 mil as mortes causadas no País, concentradas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Entre elas não estava, como se costuma afirmar, o presidente eleito, Rodrigues Alves, embora tenha morrido antes de assumir. O ano de 1922 foi ainda marcado pela primeira revolta tenentista e pela decretação do estado de sítio pelo presidente Epitácio Pessoa, destinada a garantir a posse do presidente eleito, Artur Bernardes. Nas celebrações, destacou-se a Exposição Internacional de que participaram 14 países. O segundo centenário, a ocorrer neste ano, virá na cauda de outra pandemia, a da covid-19, chegada ao País em 2020 e que já matou cerca de 620 mil brasileiros, embora também sem matar presidente. Junto com a pandemia, temos hoje um país às voltas com um tumultuado mandato presidencial que gerou dúvidas sobre a solidez de nossa jovem democracia e, mais ainda, com o imenso drama social do desemprego, da desigualdade, da exclusão, da fome. Até agora, não há indicação de que haverá alguma importante celebração oficial, ficando os registros da efeméride a cargo da mídia, das instituições e do meio acadêmico.

Nesses registros, naturalmente, haverá retomadas de temas estritamente históricos, mas é importante que sejam também usados como oportunidade para uma avaliação dos 200 anos de nossa vida independente. Quero dizer, com isto, examinar a natureza do percurso feito, verificar onde acertamos, onde erramos e como chegamos à situação atual. Baseados neste exame podemos também perguntar sobre o que nos pode esperar no futuro próximo. Mao Tsé-tung dizia ser ainda cedo para avaliar adequadamente o impacto da Revolução Francesa. Para nós, no entanto, que sofremos de Alzheimer coletivo, dois séculos já são tempo suficiente para fazermos um balanço do que fizemos e perscrutarmos nosso futuro próximo.

As mudanças nesses 200 anos foram enormes. Passamos de um país de cerca de 5 milhões de habitantes, dos quais um milhão de escravos e 800 mil indígenas, para outro de 214 milhões; de um país com cerca de 10% de população urbana em 1822 para outro de 85% hoje; de um país de economia totalmente agrícola em 1822 para outro com larga participação industrial hoje; de uma população formada exclusivamente por indígenas, africanos e lusos para outra muito mais diversificada pela entrada de italianos, espanhóis, alemães, sírios, libaneses, japoneses; de uma população concentrada na região costeira para outra que cobre todo o território nacional. No entanto, todos os analistas que se encarregaram do tema de nossa trajetória, como Sérgio Buarque de Holanda, Oliveira Viana, Nestor Duarte, Raimundo Faoro, Gilberto Freyre, Roberto DaMatta, entre outros, reconhecem que há mais continuidades do que rupturas. Somos um país sem revoluções. O que chamamos de revolução, como a de 1930, não passou de ajustes entre grupos dirigentes. O povo só entrou no sistema político a partir da segunda metade do século 20, tendo sido logo contido por uma ditadura.

Talvez estejamos a brincar, ou a brigar, na praia, alheios ao tsunami que se delineia no horizonte

Quando falo do drama social que desautoriza celebrações me refiro, naturalmente, ao problema da desigualdade, que é de todos conhecido, mas sobre o qual, a meu ver, mais se fala do que se faz. Lembro alguns dados de amplo conhecimento. Segundo dados do IBGE, o auxílio emergencial criado para atender os mais necessitados, adicionado aos recursos do agora extinto Bolsa Família, abrangeu cerca de cem milhões de pessoas, quase a metade da população. Somos o oitavo país mais desigual do mundo e ocupamos a 84.ª posição no Índice de Desenvolvimento Humano. Em 2010, o 1% mais rico da população detinha 44% da riqueza nacional. Ao mesmo tempo, há três décadas, estamos crescendo a taxas medíocres incapazes de gerar os empregos necessários e viabilizar políticas sociais mais substanciais. No entanto, apesar de termos uma das mais altas franquias eleitorais do mundo ocidental (16 anos), temos sido incapazes de aprovar no Congresso medidas redistributivas de renda, como o aumento do imposto sobre heranças, a taxação de dividendos, a alteração nas faixas do Imposto de Renda. Distribuímos, mas não redistribuímos.

Nossa faixa mais alta de Imposto de Renda é de 27,5%. Nos Estados Unidos, ela é de 37%; no Chile, é de 40%; em Portugal, de 48%; no Japão, de 56%. Estamos acumulando uma enorme massa de desempregados, subempregados e não empregáveis sem perspectiva realista de solucionar o problema. Olhando agora para a frente, mesmo que em prazos mais curtos do que os dos chineses, digamos uns 30 anos, podemos nos perguntar se ainda somos um país viável no sentido de sermos capazes de formarmos uma sociedade includente, sem a enorme marginalização que hoje a caracteriza.

A hipótese pode soar apocalíptica, mas talvez estejamos a brincar, ou a brigar, na praia, alheios ao tsunami que se delineia no horizonte. ●